# Revista da Extensão

Dez. 2023 / n. **27**
ISSN 2238-0167
E-ISSN 2764-5525

Entrevista com
**Lígia Petrucci**

A Extensão Universitária e a prática extensionista

A importância do suporte básico de vida no trânsito: relato de experiência

Sobre a arte de rememorar: Apoio Matricial em Socioeducação

Avaliação psicológica online: um relato de experiência

Yoga com ciência: ambientação e bem-estar na universidade para além dos seus muros

Convivências e escrevivências extensionistas

**PREMIADOS DO SALÃO DE EXTENSÃO UFRGS 2023**

## A Extensão vista de perto

Publicação da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRGS
PROREXT
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

# Apresentação

A extensão é apaixonante para quem se envolve com ela. Trata-se de uma construção coletiva, que causa na sociedade o impacto necessário para o seu desenvolvimento conjunto - docentes, discentes, técnicos e comunidade. É isso que a edição 27 da Revista da Extensão apresenta: a paixão pela extensão e por seu poder transformador. A começar pela entrevista com Ligia Petrucci, diretora do Centro Cultural da UFRGS, que em novembro lançou o livro Unimúsica 40 anos.

A Ligia é uma apaixonada por fazer cultura e extensão na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esta edição da Revista abre contando esta linda trajetória do trabalho e paixão pelo Unimúsica, e sua relação com a comunidade e a cena cultural de Porto Alegre.

Os artigos que aqui trazemos nesta edição também são frutos de uma relação apaixonada dos extensionistas pelo fazer da extensão, sem exceções. Todos apresentam o envolvimento ímpar com suas missões, algo que só os que carregam a extensão nas veias podem sentir e compreender. A partir dos trabalhos que publicamos aqui, veremos vários temas, como o suporte básico de vida no trânsito; convivências e escrevivências extensionistas; a arte de rememorar... isso sem falar nos artigos dos trabalhos recém premiados no 24º Salão de Extensão, dentre os quais podemos citar o trabalho com a agricultura urbana e periurbana; o grupo de mães, pais e bebês, o núcleo de extensão e pesquisas antirracistas;  o Sarau no Hospital, entre outros.

Todos estes trabalhos refletem muito bem o que é a extensão universitária na nossa universidade: um trabalho apaixonado, coletivo, de construção conjunta – todos alicerces fundamentais para que esta atuação de excelência, que impacte a sociedade de maneira transformadora, possa acontecer e realmente alcançar este propósito. Este é o espaço de dar voz e mostrar uma pequena parcela deste retorno tão positivo que prestamos à nossa comunidade.

**Adelina Mezzari**
Pró-Reitora de Extensão

# Editorial



Chegamos ao final de mais um ano, 2023. Um ano cheio de novidades, com a implantação da Curricularização da Extensão nos cursos de graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Apesar das longas discussões e reflexões realizadas nas diferentes instâncias universitárias, nos últimos anos, e que culminou com a inserção dos 10% da carga horária total das grades curriculares vinculadas ao envolvimento protagonista estudantil em ações de extensão, esse processo é ainda muito novo para a nossa comunidade acadêmica. Há diversos desafios postos para o ano de 2024, tanto na criação e oferta de um número de ações de extensão suficiente para atender a esta nova demanda formativa discente, quanto na estruturação administrativa e do sistema de informação para o registro e validação desta carga horária extensionista. De toda forma, o principal fato é que a extensão universitária, que envolve, na sua essência, a interação dialógica com a comunidade externa (sociedade), passou a ser uma parcela importante (e obrigatória) na formação do nosso corpo discente.

Nesta Edição n. 27 da Revista da Extensão, trazemos inicialmente uma entrevista com a colega servidora Lígia Petrucci, diretora do Departamento de Difusão Cultural (DDC), com uma carreira acadêmica de muita dedicação e sucesso, e de significativo envolvimento com a extensão universitária. São apresentados também seis artigos regulares, sendo o primeiro um registro e reflexão sobre a extensão universitária e prática extensionista, e outros cinco que descrevem ações de extensão de indiscutível relevância.

Em novembro, tivemos a realização do 24º Salão de Extensão, cujo objetivo é a mostra, divulgação e integração das atividades de extensão desenvolvidas pela UFRGS e por outras universidades parceiras. O evento esteve estruturado nas seguintes modalidades: Mostra Interativa, Tertúlias, Vídeo-Pôster, Oficinas, Apresentações Artísticas, Planetário Itinerante, e o Seminário Caminhos da Extensão. Neste número da Revista são apresentados os relatos de dez trabalhos que receberam prêmio de destaque.

Que 2024 seja de muita paz e realizações. Boa leitura!

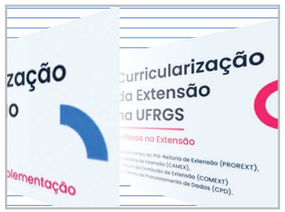
**Renato Ribas**
Editor

# Sumário


Entrevista com **LÍGIA PETRUCCI**

**04**

A Extensão Universitária e a prática extensionista




**14**

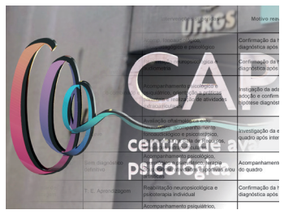
A importância do suporte básico de vida no trânsito: relato de experiência

**23**

Sobre a arte de rememorar: Apoio Matricial em Socioeducação

**30**

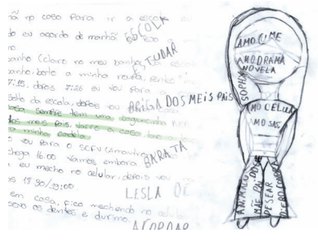
Avaliação psicológica online: um relato de experiência




**37**

**46**

Yoga com ciência: ambientação e bem-estar na universidade para além dos seus muros



**54**

Convivências e escrevivências extensionistas

Premiados do **Salão de Extensão UFRGS 2023**

**61**

Prótese bucomaxilofacial 5ª edição

Métodos não farmacológicos para alívio da dor durante o trabalho de parto em centro obstétrico - II edição

Vivências extensionistas por meio da arte na escola

Sarau no Hospital: levando música e alegria a quem precisa

Aluno-Pesquisador: desenvolvendo a pesquisa no ensino fundamental

Acompanhamento a educadoras de berçário - atuando na interface entre saúde e educação

Ciência, cultura e arte no planetário da UFRGS 2021-2024

Grupo de mães, pais e bebês da unidade de saúde Santa Cecília: educação em saúde durante os primeiros dois anos de vida

Núcleo de Extensão e Pesquisas Antirracistas e Anticapacitistas – NEPARC

Agricultura urbana e periurbana: promovendo inclusão, diversidade, renda e alimentação saudável

# Entrevista com
# Lígia Petrucci

*Entrevista*: *Vicente Fonseca*
*Fotos: Maria Laura Suñe*
*Transcrição: Brennda Moura*
*Foto da capa: Bruna Fraga*

A entrevistada desta edição da Revista da Extensão é dona de uma das trajetórias mais relevantes dentro do cenário cultural do Rio Grande do Sul nas últimas décadas. Conhecida principalmente por sua atuação de cerca de 20 anos na coordenação do Projeto Unimúsica, Lígia Petrucci tornou-se referência para profissionais da área da Cultura, em especial no âmbito do serviço público. Nesta conversa, a produtora cultural e atual diretora do Departamento de Difusão Cultural (DDC) da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS fala sobre o início de sua trajetória, sua paixão por dança e música, seus 35 anos de atuação dentro da Universidade e, em especial, claro, as duas décadas dedicadas ao Unimúsica.

**Revista da Extensão:** Lígia, vamos começar falando da tua trajetória: como foi a tua formação antes do ingresso como servidora na UFRGS?

**Lígia Petrucci:** A minha formação tem início em casa, com meus pais. Ambos eram professores e tinham vínculo muito forte com a música - sobretudo meu pai, com música e teatro. Eu gostava de dançar, fiz balé muito cedo. Tudo isso fazia parte da nossa vida em família. Quando eu vim morar em Porto Alegre (nasci em Bagé) para estudar, pelos meus 16 ou 17 anos, eu ainda dançava, e fiz dança aqui. O meu primeiro curso, História, surgiu na minha vida porque eu ainda não sabia exatamente o que estudar. Eu não tinha ideia na época que eu poderia fazer Teatro para aprimorar a dança, não sabia que esta era uma possibilidade de carreira e formação.

**Revista da Extensão:** E por que a opção por História?

**Lígia Petrucci:** Fiz História porque gostava muito de humanas. Fiz o curso até o fim, mas foi difícil para mim, realmente não era o meu caminho. Eu segui dançando, e foi através da dança que eu acabei sendo produtora cultural na UFRGS, porque a minha mãe, preocupada com a condição profissional de uma bailarina ou professora de dança na época, me sugeriu que eu fizesse o concurso. Ela me dizia "eu sei, minha filha, que a carreira na dança é linda, maravilhosa, mas é muito difícil. Quem sabe você não experimenta esse concurso?". Papo de pai e mãe, né? Eu já era aluna do curso de Teatro aqui na Universidade, já havia descoberto que existia esse caminho, e eu estava muito feliz no curso. Talvez tudo pudesse ser diferente se o Teatro fosse a minha primeira formação acadêmica. Enfim: segui a sugestão da minha mãe e fiz o concurso para programador cultural. Eu achava que não ia passar, no entanto passei, e logo fui chamada. Fiquei muito surpresa.

**Revista da Extensão:** Quantos anos tu tinhas na época?

**Lígia Petrucci:** Eu tinha 25 anos quando fiz o concurso e 26 quando fui chamada. No início, foi bem difícil conciliar o trabalho com as aulas de dança que eu dava e o curso no DAD (NR:

Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da UFRGS). Aos poucos, fui tendo de renunciar a algumas coisas, até que tive de abrir mão inteiramente. Foram escolhas que acabaram sendo feitas ao longo do tempo. Então, eu realmente deixei a dança e o teatro e assumi inteiramente essa profissão de produtora cultural. Fui me descobrindo uma servidora pública da cultura aos poucos. Depois, busquei formação na área: fui para a França, onde fiz uma especialização em política cultural e gestão das artes. Fiquei um ano em Paris. Mais tarde, fiz outra especialização em gestão da cultura, no Itaú Cultural. Fui buscando essas formações. Mas foi quando eu comecei a trabalhar no Departamento de Difusão Cultural, sobretudo diretamente no Unimúsica, é que eu realmente me descobri mesmo.

**Revista da Extensão:** Como produtora cultural, chegaste a trabalhar com dança? Produziu espetáculos?

**Lígia Petrucci:** Trabalhei, mas de uma forma, digamos, bem artesanal. Produzi dois espetáculos do meu grupo de dança. Aqui na UFRGS, não cheguei a produzir como servidora. Até dancei aqui na UFRGS com o meu grupo, o Haikai. Tivemos uma temporada na Sala Qorpo Santo, em maio de 1988. Mas fiz essa produção cultural antes de ingressar na Universidade como técnica-administrativa.

**Revista da Extensão:** Como servidora tu já entraste direto no DDC?

**Lígia Petrucci:** Não, eu entrei no Instituto de Artes, justamente para trabalhar na Qorpo Santo. Minha primeira função foi administrar, coordenar a sala, que é vinculada ao DAD. Trabalhei dois anos lá. Foi muito legal, pois estive envolvida com muitos colegas e professores, pessoas que eu já conhecia. Eu deixei a Qorpo Santo e vim para a Pró-Reitoria de Extensão em 1992. Fui trabalhar no Planetário, por causa da Sônia Coppini, minha amiga. Ela era atriz, e nos conhecíamos da dança e do teatro. A Sônia trabalhava com programação no Planetário, e foi por intermédio que eu fui para lá. Foi lá que conheci meu marido, o Dudu (NR: Dudu Sperb, cantor, compositor, desenhista e técnico-administrativo na UFRGS). Ele e a Sônia criavam programas infantis, e eu tentei fazer, sobretudo para o público infanto-juvenil. Mas eu não consegui escrever. Foi por bloqueio, um bloqueio absoluto.

**Revista da Extensão:** Por que ocorreu esse bloqueio? Dificuldade com a temática da Astronomia?

**Lígia Petrucci:** Não, o problema era com a escrita, o formato do programa. Eu tentei. Talvez eu ainda tenha alguns manuscritos guardados. O argumento do programa era ótimo, eu adorava, mas não consegui fazer acontecer. Era muito interessante: eu queria muito fazer programas que abordassem as primeiras viagens marítimas orientadas por estrelas, os primeiros deslocamentos, falar dos diferentes barcos e concepções da Terra, da ideia de que a Terra pudesse ser o Mar Mediterrâneo e um pouco mais, até, enfim, a chegar às viagens espaciais que permitiram que se pudesse realmente enxergar o globo terrestre. Tudo também passando pelas noções de Astronomia dos gregos, enfim. Era uma ideia legal. Eu me lembro que falava até de trirremes, que era um tipo de barco que existia na Grécia Antiga. Mas foi uma incapacidade minha. Claramente aquilo não era para mim. Foi essa situação que me levou a vir para o Departamento de Difusão Cultural.

**Revista da Extensão:** Foi frustrante para ti?

**Lígia Petrucci:** Foi frustrante, sim. Eu não conseguia oferecer nada lá. Fui então para o DDC, em 1997, por sugestão das minhas grandes amigas Mônica Dantas e Suzi Weber, que são bailarinas e minhas parceiras de dança. Elas coordenam o Unidança, e me convidaram para vir ao departamento, na época chefiado pelo Ney Vargas. Logo a seguir, a Claudia Boettcher assumiu a direção, e eu então passei a coordenar

o Unicultura, programa que englobava diversos projetos.
O Unimúsica foi o primeiro deles, em 1981, e fez um estrondoso sucesso. A partir dele, vieram o Unidança, para dança; o Unicena, para teatro; o Unifilme, de cinema, entre outros. Todos faziam parte do Unicultura. É nesse momento também que o Unimúsica se assume como um projeto voltado à música popular. Nesse sentido, ele é pioneiro: é um dos primeiros projetos a validar a música popular como assunto para ação cultural dentro de uma universidade pública. Por isso, a UFRGS é exemplar.

**Revista da Extensão:** O Unimúsica chegou a ser interrompido em alguns momentos, certo?

**Lígia Petrucci:** Sim. Ele surgiu com enorme força em 1981, e deu então origem ao Programa Uniarte, que tinha o Unimúsica, o Unidança, o Unifilme. Tudo isso foi suspenso em 1985, retomado parcialmente em 1989 e retomado definitivamente em 1993, com o nome de Unicultura, assumindo uma forma bem mais ampliada.

**Revista da Extensão:** Ele está em vigor ininterruptamente há 30 anos, então…

**Lígia Petrucci:** Sim, mas a gente marca o aniversário a partir da data de criação. Então, são 42 anos, sendo 30 deles de forma ininterrupta, desde 1993, sempre assumindo formatos diferentes ao longo desses anos. Então, eu coordenava o Unicultura: eu não programava propriamente, apesar de muitas vezes sugerir programações, edições temáticas, mas cada área tinha o seu próprio coordenador. Eu atuava apenas na coordenação geral, fazendo com que todos esses projetos se juntassem. Aí, quando eu fui para a França, a Ânia Chala e a Cláudia Boettcher ficaram responsáveis pelo projeto. Quando eu voltei, houve uma grande greve aqui na Universidade, as coisas mudaram bastante. Então, por uma série de circunstâncias, eu acabei assumindo a programação mesmo. Então, além de coordenar, eu programava. Até que houve um momento, em 2003, que nós ficamos sem recursos para finalizar a programação, e nós já tínhamos atividades programadas, articuladas. Diante

dessa interrupção, eu pensei numa estratégia para garantir recursos que viabilizassem a realização do projeto, e eu propus que o piloto fosse com o Unimúsica.

**Revista da Extensão:** Em que consistia essa estratégia?

**Lígia Petrucci:** Antes, o Unimúsica era continuado, ocorria ao longo do ano. O Zé Carlos Azevedo era o coordenador, havia uma grade que ele programava a partir de projetos que eram enviados ao Departamento de Difusão Cultural. Então, ele selecionava os projetos, os artistas enviavam suas proposições, enfim. Não existia uma curadoria. Mas era incrível, muito diverso. Lembro de um show, em 1996 ou 1998, da Hard Working Band, no Salão de Atos lotado. Então, a mudança de estratégia em busca desses recursos que estavam faltando era inverter essa lógica: eu propus um projeto que tivesse início, meio e fim. Assim nasceu a primeira série, *Piano e Voz*, em 2004. Lançamos a programação no início do ano, toda ela como um grande conjunto, com concertos e debates que iam de março a novembro. E aí eu inverti a forma de programar a partir do momento em que comecei a fazer convites. Isso eu já fazia lá por 2001, 2002.
E a partir de 2004 veio esse novo formato, de ciclo inteiro e um tema que gera a programação. Esse primeiro, *Piano e Voz*, trouxe a relação do piano com a música popular brasileira, com a canção, definiu o conjunto de espetáculos e ações formativas que vieram junto. E assim foi: o que era para ser o projeto piloto acabou se transformando no formato que a gente desenvolveu em todos esses anos.

**Revista da Extensão:** Como é pensar cada temporada? Cada ano traz um tema bem diferente do anterior. Como é esse processo na tua cabeça?

**Lígia Petrucci:** Não tenho uma receita, nem um método muito elaborado. É um trabalho bastante intuitivo, de observação, no sentido de que uma série muitas vezes serve de contraponto para outra. Por exemplo: na série *Piano e Voz*, a gente trabalhou com formações muito pequenas, sempre canções. Então, no ano seguinte, trouxemos música instrumental. Em um ano a gente produz a série *Cancionistas*, então no outro procuramos trabalhar com grandes formações, como orquestras e *big bands*. A gente procura sempre surpreender, tanto a plateia como nós mesmos. A gente, que está trabalhando, busca isso. Mas também temos o compromisso de trazer temas não muito visíveis, no senso comum, como, por exemplo, a série *Percussionistas*.
Os percussionistas são fundamentais na música brasileira, têm um papel absolutamente central, mas muitas vezes ficam lá atrás, não têm protagonismo. Em função disso, pensamos numa série em que os protagonistas fossem justamente os percussionistas. Trouxemos nomes como Naná Vasconcelos, e todo tipo de percussão: sinfônica, corporal, experimental, tradicional, enfim. Também trazemos temas que são importantes, e às vezes não tão percebidos. O *Festival Forrobodó*, de 2020, trouxe o trabalho das mulheres instrumentistas, que às vezes não são muito consideradas nem pelos próprios pares. É uma diversão! A melhor parte é pensar o tema. Um deles foi sugerido pela então pró-reitora de Extensão, Sandra de Deus, em 2017. Ela propôs que trabalhássemos com a América Latina. Ali a surgiu a série *Témpano América*, de 2018.

**Revista da Extensão:** Como foi o desafio de selecionar e convidar artistas de outros países para virem ao Unimúsica?

**Lígia Petrucci:** Nós já tínhamos trazido alguns artistas de outros países em edições anteriores. Na época, em 2017, eu estava de licença, concluindo meu mestrado em Artes Cênicas. Então, me dei conta de que, embora a gente já tivesse um conselho consultivo no Unimúsica desde 2007, esse desafio proposto pela Sandra me fez sentir que era preciso ir além. Assim, me veio a ideia da curadoria compartilhada, algo que se faz em tantas áreas. Foi outra diversão, super bacana. Trabalhei com Benjamin Taubkin, Demétrio Xavier, Leonardo Croatto. A partir daí, surgiram as séries com curadorias compartilhadas. É um pouco diferente do conselho consultivo: neste formato, a gente trocava algumas ideias, às vezes mais, às vezes menos, mas quem decidia sozinha era eu, a decisão era minha, pois o conselho era justamente isso, consultivo. Já a curadoria é um trabalho transversal mesmo. Foi assim em 2018, em todos os anos seguintes, e será assim em 2024. A Ana Laura Freitas, nova coordenadora do projeto, manteve esse formato. E esse modo de trabalhar é muito mais enriquecedor mesmo. Não faz mais sentido pensar numa curadoria individual.

**Revista da Extensão:** Lá atrás, quando tu assumiste a coordenação do Unimúsica, imaginava que ele chegaria tão longe?

**Lígia Petrucci:** Não, não.

**Revista da Extensão:** Qual era tua ideia naquele momento? Simplesmente fazer o melhor possível?

**Lígia Petrucci:** Exatamente, fazer o melhor possível. Eu sempre estive muito imbuída do que é uma universidade pública. Existia o trabalho maravilhoso dos que me antecederam - a Clarice Aquistapace, o Celso Loureiro Chaves, o Zé Carlos Azevedo. Só que a gente percebe que as coisas, enfim, vão mudando. A própria vida da cidade, o papel, o tamanho, tudo isso muda. E a gente precisa acompanhar essas mudanças.
A vida cultural da cidade já era outra quando eu assumi, o papel da UFRGS nacionalmente também havia mudado, e isso vai te levando a fazer reflexões.
A Universidade tem que sempre fazer o melhor possível, a melhor extensão cultural. Era preciso pensar como ela deveria ser feita naquele momento. Nada muito pensado, mas tudo sempre deve ser pautado nesse compromisso, nessa observação de que os tempos mudam.

**Revista da Extensão:** E nos últimos anos? Como foi ter de encarar um momento particularmente tão difícil para a área cultural como o que vivemos recentemente? As pessoas desconhecem o que é cultura? Não sabem a importância que ela tem?

**Lígia Petrucci:** Sempre existiu um esforço de quem trabalha com cultura na Universidade de afirmar para mais pessoas o quanto a experiência cultural é formativa. Não apenas para a formação acadêmica, mas para a vida. A gente sente e nota isso, pelos comentários, testemunhos, reações. Sempre é um trabalho de convencimento. Isso é cultura: cultura existe, tudo é cultura. Cultura é tudo, tudo de bom, e é super importante na formação das pessoas. Claro que há momentos extremamente difíceis. Esse período recente que a gente passou tornou ainda mais evidentes e, às vezes, até mesmo dramáticos esses desafios. Mas para quem trabalha com cultura é sempre assim: nunca nada está dado. É sempre um trabalho constante de atenção, defesa, argumentação, autocrítica. Tudo isso tem de ser feito permanentemente. Claro que hoje a gente já respira melhor, passa a ter mais otimismo, mas é sempre difícil.

A gente tem que insistir, insistir e insistir.

**Revista da Extensão:** Qual a tua avaliação sobre o papel que o Unimúsica assumiu na cena musical de Porto Alegre nos últimos 20 anos? Muita gente de fora da Universidade vem assistir aos concertos, o que torna o pátio do Campus Centro um ponto de efervescência cultural já tradicional para a comunidade.

**Lígia Petrucci:** Ao longo dos últimos 20 anos, recebemos mais artistas de outras cidades do Brasil do que porto-alegrenses, isso sem falar nos artistas de outros países. Acho que isso é um valor importante do Unimúsica, é algo que ele realmente traz para a cidade, porque são poucos os projetos que conseguem fazer isso de forma constante para um público tão amplo. O Santander teve e voltou a fazer projeto neste sentido, o Instituto Ling também. Mas esse trânsito, e com essa proporção, o Unimúsica é um dos poucos que faz. Como espectadora, valorizo muito a possibilidade de conhecer e ver presencialmente artistas que eu jamais veria, que eu nunca teria ouvido, se não fosse um projeto como esse me provocar para isso. Considero importante assumir que o Unimúsica desempenha um papel importante de possibilitar ao público de Porto Alegre o contato gratuito tanto com artistas que são muito conhecidos, que às vezes a gente não teria grana para pagar o valor do ingresso, e ao mesmo tempo aqueles pouco ou nada conhecidos. Poder ver presencialmente, assistir, participar de um *workshop*, de uma entrevista aberta, de um encontro, conversar com o artista, conhecer mais sua trajetória. Porque o Unimúsica é tudo isso, não só o espetáculo.

**Revista da Extensão:** Os *workshops* vieram com o formato das séries temáticas. Existe toda uma preocupação formativa também, certo?

**Lígia Petrucci:** Sim, desde 2004. Mas essas ações formativas variam conforme a proposição, a temática, a configuração da série. Há anos que parece mais interessante fazer *workshops*, em outros fica melhor realizar entrevistas abertas. Em 2018, me pareceu interessante proporcionar audições comentadas com os artistas convidados, para que eles trouxessem suas referências, o que costumavam ouvir em seus países. Fazíamos na Sala 2 do Salão de Atos. O público escutou junto, conversou, comentou e depois, no show, pôde ouvir o trabalho que eles faziam. Houve outro ano em que realizamos ensaios abertos, com as orquestras e *big bands*, afinal, era difícil fazer um *workshop* com tantos artistas.

**Revista da Extensão:** Agora, a pergunta mais difícil de todas: qual série tu mais gostaste de produzir?

**Lígia Petrucci:** Nossa, muito difícil. Evidentemente, eu tenho carinho especial pela série *Piano e Voz*, que foi a primeira. Ela é muito, muito especial para mim. Artistas que participaram dela são meus amigos até hoje. Ali havia pessoas que eu admirava assistir, estiveram aqui e fazem parte da minha vida até hoje. É uma série muito especial. Curti muito a *Irreverentes*, também, pelo próprio tema, a ideia da irreverência, que é algo que eu gosto bastante. Foi muito legal. Ocorreu em 2015, quando o Unimúsica passou a assumir de forma mais clara uma perspectiva política.

**Revista da Extensão:** Naquele momento conturbado estávamos precisando mesmo de irreverência, né?

**Lígia Petrucci:** Precisávamos. Reunimos na série o Arrigo Barnabé, o Jards Macalé, o Wander Wildner, o Carlos Careqa, o Tom Zé e o Luiz Melodia - foi o último show do Melodia em Porto Alegre (NR: o compositor morreu em 2017). A Cláudia Boettcher sugeriu perguntarmos a cada um deles o que eles achavam que era irreverência. E a Gabriela Marluce, nossa bolsista na época, estudante de Relações Públicas, propôs perguntarmos ao público também. A UFRGS TV nos ajudou nesse processo: eles gravavam os depoimentos quando as pessoas vinham retirar o ingresso. Então, projetavam as respostas no telão.



Era uma algazarra: as pessoas se viam no telão do Salão de Atos dizendo o que era ser irreverente. Foi realmente muito especial. Em 2016, tivemos outra série bastante política, *Sobre a Palavra Futuro*, os desafios que tínhamos pela frente. Foi uma série só com mulheres, para fazer o contraponto, pois nos *Irreverentes* tivemos apenas homens. Eu adoro essa série também. Também adoro o *Festival Forrobodó* (2020), que foi feito no susto. Tivemos de aprender a conceber, produzir o trabalho de música *online*, com várias pessoas. Foi maravilhoso: 25 instrumentistas de todo o país, uma bandoneonista de Buenos Aires. A última série que eu produzi, a *Uni 40* (2021), que é o festival que encerra o livro (NR: livro *Unimúsica 40*, lançado em novembro de 2023, organizado por Lígia e que conta a história do festival), era música de cena, para trabalhar a ideia entre a música e as outras artes da cena. Eu sempre digo que a música é uma arte de cena. Então, a relação da música com o teatro, a dança, a performance, tudo isso esteve nesse festival. Também adorei este último Unimúsica que a Ana Laura construiu ao lado de outras pessoas, o *Alô, Harmonia!*. Foi fantástico.

**Revista da Extensão:** E algum show em especial?

**Lígia Petrucci:** Nossa, foram tantos…

**Revista da Extensão:** Vou tentar te ajudar: sabe um que me marcou muito? O SpokFrevo (2012).

**Lígia Petrucci:** Eu quase falei no SpokFrevo também. Foi incrível. Eles "colocaram fogo" no Salão de Atos. Foi demais, demais, demais. Aquele clima de festa pernambucana, alto astral, foi incrível.

**Revista da Extensão:** O do Lenine (2009) também foi incrível.

**Lígia Petrucci:** Foi maravilhoso. Salão de Atos lotado… Violão e voz, foi lindo. O da Elza Soares também foi incrível. Em 2016, a *Mulher do Fim do Mundo*. Estava lotado também, as pessoas estavam… nossa, foi impressionante. Eu mesma cheguei a gritar junto com o público. Era algo que extravasava. Outro muito especial foi o de encerramento da série *Percussionistas*, em 2010, com o Naná Vasconcelos. Ele deu uma oficina para muitas pessoas no Salão de Festas da Reitoria, e o show foi incrível. Talvez tenha sido a última vez dele em Porto Alegre (NR: Naná Vasconcelos morreu em 2016).

**Revista da Extensão:** O que passa na tua cabeça quando, após meses e meses de trabalho, dedicação, tu vês o público vibrando durante shows como o da Elza Soares, por exemplo? Sensação de dever cumprido?

**Lígia Petrucci:** Ah, é uma emoção absurda. É muito mais do que a sensação de dever cumprido: é o reconhecimento do poder que a música e a arte têm de transcender tudo. O que acontece no palco nos leva para outro lugar. É a potência da música. É isso que eu sinto.

**Revista da Extensão:** Tu deixaste a coordenação do Unimúsica há dois anos, e assumiu a direção do Departamento de Difusão Cultural em 2020. Como foi essa mudança? Tu eras antes coordenadora de um projeto muito grande, mas agora passa a ser responsável por todas as coisas que acontecem aqui no DDC. Chegou a passar algum dia pela tua cabeça assumir a gestão do departamento?

**Lígia Petrucci:** Na verdade, eu não pensava em ser diretora. Eu imaginava me aposentar em 2019, mas, com a última reforma da previdência, tive de seguir trabalhando. Eu iria permanecer até novembro de 2020, e o projeto era me aposentar nesta data. No entanto, veio a pandemia, e o livro não havia ficado pronto. Enfim, uma série de circunstâncias que acabaram protelando a minha aposentadoria. Então, veio o convite para assumir a direção do DDC após a aposentadoria da Cláudia e, embora fosse algo que não estivesse no meu horizonte, eu não relutei naquele momento

em assumir. Também pelo fato de estar trabalhando há tantos anos, eu tinha a gestão de um projeto muito grande (e outros menores, como o Núcleo de Estudos da Canção, o Cenas Mínimas). Claro, é diferente: é muito melhor programar, embora dê muito trabalho. Na gestão, tenho uma série de preocupações de ordem mais administrativa, política, enfim. A exigência é outra. Mas posso dizer que, depois de tanto tempo, eu não poderia não estar capacitada para isso. Afinal de contas, não é tão difícil assim. É trabalhoso, mas…

**Revista da Extensão:** A posição de direção te tirou da zona de conforto?

**Lígia Petrucci:** É interessante, porque traz outros problemas, outros desafios. Muda um pouco em termos de escala. Confesso que, às vezes, me sentia um pouco desgastada por enfrentar sempre os mesmos problemas na condução do Unimúsica. É interessante mudar de problema. Mas sair da zona de conforto sempre foi uma tentativa.

**Revista da Extensão:** Nunca te permitiste ficar nela?

**Lígia Petrucci:** Não. Digo isso francamente. E não é só comigo. Acho que o Unimúsica é uma demonstração disso, um pouco do espírito da gestão da cultura. Quando você trabalha com cultura, estar na zona de conforto não é possível, senão a coisa morre. Para o trabalho estar vivo, ser instigante para as outras pessoas, tem que ser pra ti também. Então não tem zona de conforto. Mas o cargo de direção é isso: desloca um pouco o tipo de preocupação, a abrangência das preocupações. Ok, eu não estou mais na coordenação, mas converso com a equipe sobre os desafios do Unimúsica, da Sala Redenção, as questões administrativas, as questões do Centro Cultural, enfim. Então, tudo isso vai se pulverizando. Mas posso dizer, com muita franqueza, que em todo o período da gestão da Cláudia, no meu, entre todos nós, todas as pessoas que compuseram a equipe nesses anos todos, que a zona de conforto não era o nosso terreno.

**Revista da Extensão:** Esse livro aqui, *Unimúsica 40*, conta a história do "Uni". Deveria ter sido lançado em 2016, nos 35 anos, ficou para 2021, aos 40, e, por conta da pandemia, acabou saindo em 2023, aos 42 anos, no último dia 28 de novembro. Como foi a construção dessa obra? Porque ela é mais que isso: ela é praticamente um tratado sobre o teu trabalho na Universidade, publicada justamente no período em que tu estás encerrando a tua trajetória aqui.

**Lígia Petrucci:** Sabe que eu só fui me dar conta disso hoje de manhã (NR: a entrevista foi realizada no dia 30 de novembro de 2023), quando eu estava tomando café da manhã. Às 6h30 da manhã, fui tomar meu café e pensei: "nossa! aconteceu!". O livro, então, está aí: é a concretização desse projeto, a finalização dele de maneira muito palpável.

**Revista da Extensão:** Não tinha "caído a ficha" para ti ainda?

**Lígia Petrucci:** Hoje começou a cair. Foi muito lindo o lançamento, eu fiquei realmente muito comovida com a presença de tantos colegas aqui do Departamento de Difusão Cultural, da PROREXT, bolsistas, amigos, da Clarice, do Celso. O livro demorou esse tempo todo por uma série de circunstâncias, mas aconteceu do jeito que tinha de acontecer. Comentamos sobre isso, o Flávio (Wild, designer da obra) e eu: o livro foi se aprimorando ao longo do tempo. E a gente nunca deixou de tentar fazê-lo. A gente estava sempre trabalhando para poder finalizar. Havia uma questão minha, depois dele… e então veio a pandemia, que foi um fator determinante nessa demora. Também houve uma série de questões estruturais na Gráfica apontadas pela Joseane Ranzolin, nossa grande parceira da Gráfica da UFRGS, que levaram a esse atraso.

**Revista da Extensão:** Chegaste a ter medo que o livro não saísse?

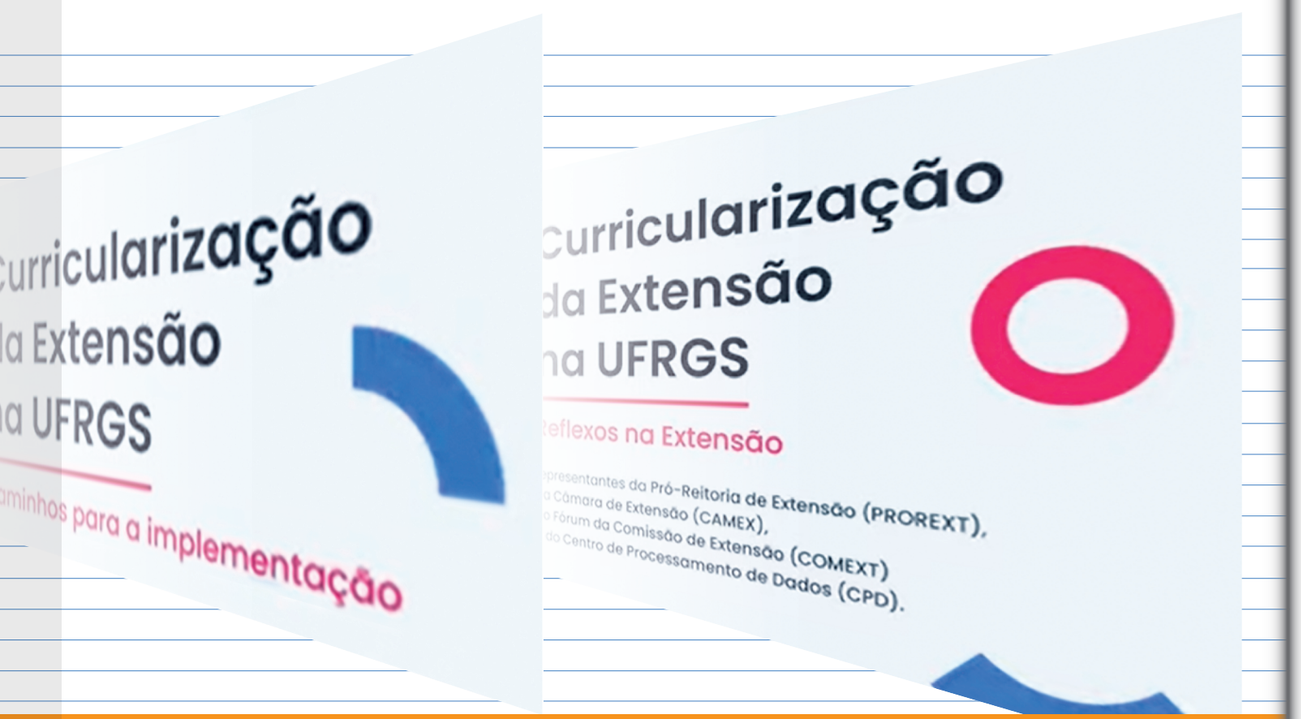
**Lígia Petrucci:** Houve, sim, momentos em que o próprio Flávio comentava: "nossa, será que não vai sair?". Porque, realmente, era difícil. Uma hora era o papel, em outra o material que faz a plastificação, depois o *wire-o*, que precisávamos para o livro poder fechar, por ser muito extenso. Vários detalhes de produção. E o Flávio Wild é extremamente comprometido com a qualidade do objeto livro. Além de ser um grande designer, ele é muito, muito meticuloso. Com a qualidade da impressão, do objeto… nesse sentido, a gente se encontra muito, pois também sou assim. Eu tenho muito essa preocupação.

**Revista da Extensão:** É a apresentação da Universidade para o público, afinal.

**Lígia Petrucci:** Exatamente. A gente, como servidor público, tem que ter. É nossa obrigação apresentar bem, pois é o nome da Universidade que vai ali. Precisa ser o melhor, sempre. A gente não pode aceitar a precariedade. Nós recusamos a precariedade, e vamos fazer de tudo para que as coisas não se deem dessa forma. Simplesmente não aceitamos. Então, podemos até levar mais tempo para finalizar uma publicação. Mas, quando ela sair, vai honrar a instituição. Nós recusamos a precariedade que, às vezes, tentam impor à universidade pública.

**Revista da Extensão:** Lígia, muito obrigado pela entrevista. Disponibilizo esse espaço para uma mensagem final que tu queiras deixar para os leitores da *Revista da Extensão*.

**Lígia Petrucci:** A gente lançou ano passado um mote aqui no Departamento de Difusão Cultural de que "Cultura é Tudo". A cultura está nos postais, nas camisetas lá da Ponto UFRGS. Eu estou superfeliz de que esse mote esteja realmente sendo vestido pelas pessoas, curtido por elas. Esse é o desejo. Vou me aposentar em breve, então desejo muito que as pessoas possam se permitir as descobertas que a cultura propicia. É tão bom, tão bacana, cultura é tudo de bom. Eu aposto nisso e espero realmente que as pessoas se sintam bem. Eu mesma vou continuar vindo à Universidade para ver esse espaço efervescente, cheio de vida, cheio de gente. ◂




# Extensão universitária e a prática extensionista

Adelina Mezzari, Fernanda Costa Charles, Bibiana Pereira Antunes, Sacha Krolow e Silva, Victoria Giudice, Silvia Maria Spalding, Luciane Noal Calil
Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
e-mail: mezzari@ufrgs.br

**Resumo**

A extensão faz parte do tripé universitário. A Resolução Nº 029/2021, posterior ao Parecer Nº 18/2021 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE)UFRGS, instituiu a obrigatoriedade de no mínimo 10% dos créditos de extensão nos Projetos Pedagógicos dos cursos de graduação. No primeiro semestre acadêmico de 2023, a UFRGS implantou a inserção curricular da extensão com a carga horária de extensão (CHE) e a unidade curricular de extensão (UCE) através da atuação discente na equipe de trabalho em atividades de extensão. No final do primeiro semestre acadêmico de 2023 e início do segundo, a UFRGS registrou nos cursos a prática extensionista, 1,23% apenas com UCE; 24,69% apenas com CHE; 70,37% com UCE e CHE e em 3,70% com nenhum, três cursos ainda não iniciaram a inserção curricular da extensão nos seus currículos da graduação. Também foram registrados 607 atividades de extensão com registro de relacionamento a projetos de pesquisa. No segundo semestre de 2023, foi também implantado no sistema de extensão os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), disponibilizados pelos 193 países membros da Organização das Nações Unidas (ONU) que subscreveram a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. A UFRGS está inserida nesta agenda através do UFRGS sustentável e agora também no sistema de extensão, estando disponível para o coordenador de projetos/programas definir em qual ODS estará inserido, fortalecendo ainda mais a abrangência da extensão. A prática extensionista é muito gratificante e plena, pontos fundamentais que complementam a paixão sem limites de todo extensionista.
**Palavras-chave:** Extensão Universitária; Inserção Curricular da Extensão; Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

**Abstract**

The extension is part of the university tripod. Resolution Nº 029/2021, subsequent to Opinion Nº 18/2021 of the Teaching, Research and Extension Council (CEPE) UFRGS, established the obligation of at least 10% of extension credits in the Pedagogical Projects of undergraduate courses. In the first academic semester of 2023, UFRGS implemented the curricular insertion of extension with the extension course load (CHE) and the extension curricular unit (UCE), through student participation in the work team in extension activities. At the end of the first academic semester of 2023 and the beginning of the second, UFRGS registered extension practice in the courses, 1.23% with UCE alone; 24.69% with CHE only; 70.37% with UCE and CHE and 3.70% with none, three courses have not yet started the curricular inclusion of extension in their undergraduate curricula. 607 extension activities were also registered with a record of relationships with research projects. In the second half of 2023, the 17 Sustainable Development Goals (SDGs), made available by the 193 member countries of the United Nations (UN) that signed the 2030 Agenda for Sustainable Development, were also implemented in the extension system. UFRGS is included in this agenda through the sustainable UFRGS and now also in the extension system, making it available for the project/program coordinator to define which SDG it will be included in, further strengthening the scope of the extension. Extension practice is very rewarding and fulfilling, fundamental points that complement the boundless passion of every extension worker.
**Keywords:** University Extension; Extension Curriculum Insertion; Sustainable Development Goals.

## Introdução

Neste artigo, vamos descrever o que é fazer extensão, da inserção curricular da extensão na graduação, dos objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) e das etapas que levaram às decisões da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em inserir e valorizar a extensão universitária, bem como a inserção curricular da extensão nos currículos de graduação implantada no primeiro semestre acadêmico de 2023.

## Como entender o que é fazer extensão:

A prática da extensão é muito gratificante e plena. A extensão universitária é entendida como um "processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade".

A formação de estudantes, professores e pesquisadores em nosso país é contemplada pela extensão universitária, a qual está inserida no tripé universitário. A importância da pesquisa na extensão, tanto para a sociedade, como na vida acadêmica, já foi reconhecida desde a Constituição de 1988, instituindo o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Entre extensão e ensino, o estudante é o protagonista de sua própria formação técnica e cidadã, produzindo conhecimento a partir

do diálogo entre universidade e comunidade. Busca novos conhecimentos através de metodologias participativas e inclusivas (Forproex, 2001).

A extensão universitária proporciona reflexões a partir dos conhecimentos produzidos e acumulados, bem como o desenvolvimento de uma formação comprometida com as necessidades nacionais, regionais e locais, a partir da realidade brasileira. Os três pilares da universidade, ensino, pesquisa e extensão propiciam experiências aos discentes e docentes, no entanto, a extensão faz a associação imediata entre o conhecimento científico e o popular (Saraiva, 2007).

No contexto do papel social e político das universidades, ao longo de sua existência, e na nossa realidade brasileira, as perspectivas da pesquisa e do ensino têm sido valorizadas em patamares diferenciados em relação à extensão universitária, principalmente no que se refere à avaliação docente. O ensino foi tratado de forma dicotomizada da pesquisa e da extensão por muito tempo, ainda mais, em algumas instituições, a pesquisa recebia uma atenção especial, enquanto a extensão era disponibilizada para ações pontuais e com poucas verbas para a sua realização (Monte, 2005; Miguel, 2023). Diante dos fatos, um dos pontos deste estudo é o de conduzir uma abordagem sobre como curricularizar a extensão, uma vez que ainda vem sendo valorizado a pesquisa, ensino e extensão em níveis diferenciados. Esta prerrogativa já tem sido avaliada na UFRGS e a extensão está sendo atualmente valorizada juntamente com o ensino e a pesquisa.

O papel social da universidade é atual e relevante, tendo em vista que a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394/96, nos diversos Planos Nacionais de Educação até o de 2014-2024 (BRASIL, 2014) e em toda a legislação correlata tem como prerrogativa a atuação da universidade no que tange a extensão como atividade fim, por ser um processo educativo, cultural e científico, ela articula, amplia, desenvolve e realimenta o ensino e a pesquisa. Consequentemente, propicia a interdisciplinaridade entre a troca de saberes, a produção de conhecimento sobre a realidade da região, ou do país, resultando no conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade e universidade (BRASIL, 1988; Ribeiro, Mendes, Silva, 2018).

Há algum tempo, a pesquisa assumia um papel importante nas instituições públicas de ensino superior, recebendo o incentivo do governo através de vários órgãos, enquanto a extensão permanecia sem o devido reconhecimento. Com a crise e a política atual, a universidade pública foi afetada pela redução dos recursos financeiros que eram liberados para a  educação, consequentemente, a extensão universitária foi afetada também de forma expressiva (Monte, 2005).

Nas últimas décadas, as avaliações institucionais ocuparam lugar de destaque nas discussões acadêmicas, focando a importância em construir uma educação de qualidade. Na década de 1990, houve um crescente aumento nas publicações acadêmicas através de artigos científicos publicados em periódicos, mantendo-se até os dias atuais, resultado este das políticas públicas de educação (Dias Sobrinho, 2003).

O contexto social, político e econômico vivido pelo Brasil nas últimas décadas, trouxe a obrigação para as Instituições de Ensino Superior (IES) serem socialmente responsáveis pelo desenvolvimento democrático de valores éticos e de cidadania. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, 1999 - e o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras – Crub, 1999 - ressaltam o papel da educação superior diante dos grandes problemas sociais. Recomendam que o ensino superior desenvolva nos estudantes a capacidade de enfrentar, sensibilizar e de se engajar com os problemas sociais da humanidade. Neste contexto, a extensão universitária se torna o canal preferencial das IES para operacionalizar a sua função social (Saraiva, 2007).

Hoje, fazer extensão é sentir o calor da sociedade presente, recebendo e doando seus ensinamentos, experiências e aprendizado. Questionamos: por que fazer somente pesquisa, extensão ou ensino? Pois já sabemos que a extensão, ensino e pesquisa são indissociáveis. No Brasil, o compromisso social da universidade foi cobrado no final do século XX pelos movimentos sociais com a participação da União Nacional dos Estudantes (UNE).
O Projeto Rondon, iniciado em 1966, foi um dos primeiros projetos de extensão universitária, possibilitando aos estudantes universitários experiências em comunidades vulneráveis do país (Monte, 2005; Oliveira, 2023).

A Reforma Universitária de 1968 (Lei 5.540/68) estabeleceu que “as universidades e as instituições de ensino superior estenderão à comunidade, sob a forma de cursos e serviços especiais, as atividades de ensino e os resultados da pesquisa que lhe são inerentes”. Para o Forproex, a extensão universitária é "uma via de mão-dupla" entre a universidade e a sociedade. É um processo educativo, cultural e científico, o qual articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável, além de viabilizar a relação transformadora entre universidade e sociedade (Forproex, 2001; Forproex, 2012).

A extensão universitária, por seu papel importante na educação, também requer avaliação pelas IES. Até o final do século XX e início do XXI, todos afirmavam que não havia modelo pronto de avaliação, sendo necessária sua construção pelos envolvidos no assunto.
A avaliação da extensão universitária precisa estar alinhada e incorporada à cultura da instituição e aos diversos instrumentos de avaliação institucional, tendo como base a missão e a visão da IES, bem como sua realidade local. Na avaliação da extensão, pode-se pensar em quantificar o número de indivíduos atingidos por cada projeto ou ação extensionista, direta, ou indiretamente, quantos alunos e docentes foram envolvidos, entre outros indicadores. Enquanto que na avaliação qualitativa, será possível revelar as mudanças produzidas pela ação das pessoas envolvidas, na universidade e na sociedade (Ristoff, 2000; Tesche, Icaza, 2022).

O sistema nacional de avaliação no Brasil foi instituído em 2004 e intitulado Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES). É composto por três instrumentos avaliativos, o que avalia as instituições (AVALIES), os cursos de graduação (ACG) e o desempenho dos estudantes (Ristoff, 2000).

A avaliação institucional, como função social, contribui para a democratização do conhecimento e da educação para a cidadania, num processo contínuo, através da gestão  institucional. É fomentada pelas pró-reitorias ou órgãos similares, envolvendo os departamentos e unidades acadêmicas, em estreita correlação com a missão e o Projeto Pedagógico da instituição e integrada com as demais áreas do fazer acadêmico (Bartnik; Silva, 2009; Balzan, 2000).

O conceito de extensão universitária é muito amplo e diverge entre as diversas opiniões, dependendo dos fatores envolvidos. A extensão universitária, apesar de ser um dos tripés das universidades, junto ao ensino e à pesquisa, é a dimensão que mantém a universidade alinhada aos seus objetivos sociais, da aproximação com a comunidade, sua aplicação contextualizada dos conhecimentos e de levá-los para além de seus muros (Saraiva, 2007).

## Inserção curricular da extensão na graduação

Conduzir a discussão sobre o conceito de

inserção curricular da extensão na graduação, no contexto universitário, buscando a transformação da realidade, cumprindo sua função social será um desafio que se propõe.

O foco será buscar a integração da carga horária de extensão na matriz curricular da graduação, sem aumentar o número de semestres letivos, sem sacrificar conteúdos essenciais à formação do discente. Essa integração nada mais é do que uma das estratégias utilizadas pela universidade na formação de um profissional cidadão, baseada na extensão universitária.

A inserção curricular da extensão universitária foi inserida no Plano Nacional de Educação 2001-2010 e na Resolução Nº 029, 15 de dezembro de 2021, do Conselho de Ensino e Pesquisa (CEPE) da UFRGS, o qual definiu que no mínimo 10% dos créditos nos Projetos Pedagógicos dos cursos de graduação devem ser integralizados em programas e projetos de extensão universitária. Atualmente, a inserção curricular da extensão proposta no Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 (Lei nº 13.005/2014) - tem como estratégia o cumprimento na prática extensionista (BRASIL 2014).

O Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileira (FORPROEX), criado em 1987, o Fórum Nacional de Extensão e Ação Comunitária das Instituições Comunitárias de Ensino Superior (FOREXT), criado em 1999, e o Fórum de Extensão das Instituições de Ensino Superior Particulares (FOREXP), criado em 2003, atuam de forma harmoniosa no conceito da inserção curricular de extensão nos currículos da graduação, bem como, no Plano Nacional de Educação (PNE) de 2014-2024, reforçando que a obrigatoriedade de, no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação sejam de extensão (Forproex 2001; BRASIL 2014; Arienti, 2023).

A Constituição de 1988 consagrou o princípio da "indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão", e a LDB de 1996 (Lei no 9.394/96) estabeleceu a extensão universitária como uma das finalidades da universidade. Porém, o conceito se ampliou para "a interdisciplinaridade e interprofissionalidade, e a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão". Atualmente, a inserção curricular da extensão também faz parte da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão na universidade, bem como a conexão da universidade com a sociedade (BRASIL, 1988).

Para complementar ainda mais as ações da extensão na UFRGS, concomitante à inserção curricular da extensão, no segundo semestre de 2023 foi também implementado no sistema de extensão a escolha pelo coordenador em qual dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) sua atividade está focada. Esta inserção está fundamentada no momento em que a sustentabilidade está sendo cobrada em todo o nosso planeta, e a UFRGS já está inserida com o foco UFRGS sustentável.

As ODS começaram a serem tratadas a partir de 2015, quando os 193 países membros da Organização das Nações Unidas (ONU) subscreveram a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, uma política global, com a finalidade de elevar o nível de desenvolvimento mundial, melhorando a condição de vida de todas as pessoas. Foram estabelecidos 17 ODS e 169 metas cujo alcance se vislumbra pela ação conjunta dos diferentes núcleos de governo, organizações sociais, empresas e sociedade em geral. Os ODS correspondem a ODS 1 – Erradicação da pobreza: acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares; ODS 2 – Fome zero e agricultura sustentável: acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável; ODS 3 – Saúde e bem-estar: assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades;



ODS 4 – Educação de qualidade: assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos; ODS 5 – Igualdade de gênero: alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas às mulheres e meninas; ODS 6 – Água potável e saneamento: garantir disponibilidade e manejo sustentável da água e saneamento para todos; ODS 7 – Energia limpa e acessível: garantir acesso à energia barata, confiável, sustentável e renovável para todos; ODS 8 – Trabalho decente e crescimento econômico: promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo, e trabalho decente para todos; ODS 9 – Indústria, inovação e infraestrutura: construir infraestrutura resiliente, promover a industrialização inclusiva e sustentável, e fomentar a inovação; ODS 10 – Redução das desigualdades: reduzir as desigualdades dentro dos países e entre eles; ODS 11 – Cidades e comunidades sustentáveis: tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis; ODS 12 – Consumo e produção responsáveis: assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis; ODS 13 – Ação contra a mudança global do clima: tomar medidas urgentes para combater a mudança climática e seus impactos. ODS 14 – Vida na água: conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável; ODS 15 – Vida terrestre: proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da Terra e deter a perda da biodiversidade; ODS 16 – Paz, justiça e instituições eficazes: promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis; ODS 17 – Parcerias e meios de implementação: fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável (https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-pt-br.pdf).

Dentre as implicações da Agenda 2030 para a educação superior destacam-se as diretrizes relevantes enunciadas em outros Planos Nacionais de Educação e reafirmadas no PNE 2014-2024, tais como a busca da superação das desigualdades educacionais, a promoção da cidadania como elemento fundante para a consolidação de uma sociedade democrática, bem como a concepção da educação como perspectiva para superação de todas as formas de discriminação (PNE 2014-2024). A UFRGS já participa com ações que contemplem os ODS pelo UFRGS sustentável, e a Pró-Reitoria de Extensão implantou em seu sistema de registros da extensão, no segundo semestre de 2023, a opção para que o coordenador de projetos/programas defina em qual ODS estará inserido.

## Etapas sobre as decisões da UFRGS para inserir e valorizar a extensão universitária e a inserção curricular da extensão na graduação

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em decisão Nº 266/2012 do Conselho Universitário (CONSUN) e de acordo com o Parecer Nº 222/2012 da Comissão de Legislação e Regimentos (CLR) aprovou sua Política de Extensão da UFRGS. O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) em sua Resolução Nº 75/2019 e com alteração promovida no texto pela Resolução Nº 12/2023 define que em seu Art. 1º :

Na Resolução Nº 029/2021, o CEPE nos termos do Parecer Nº 18/2021, e considerando: a) Resolução CNE/CES Nº 7/2018, que estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regulamenta o disposto na Estratégia 12.7 da Meta 12 da Lei Nº 13.005/2014; b) As Normas Gerais para Atividades de Extensão Universitária na UFRGS; c) A Política de Extensão da UFRGS;

e d) O Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) UFRGS 2016-2026. Resolve que no Art. 1º, esta Resolução dispõe sobre as normas gerais para a inserção curricular da extensão universitária nos Projetos Pedagógicos e nos currículos dos cursos de Graduação da UFRGS.

Após este breve histórico, nesse ano de 2023, no primeiro semestre acadêmico, a UFRGS finalmente contemplou o início da inserção curricular da extensão nos currículos da graduação com a carga horária de extensão (CHE) e a unidade curricular de extensão (UCE), através da atuação discente na equipe de trabalho de atividades de extensão, após 22 anos da implantação da Política de Extensão.

Até o final do primeiro semestre acadêmico de 2023 e início do segundo, a UFRGS tem registrado o percentual de cursos que implantaram a prática extensionista com 1,23% apenas com UCE; 24,69% apenas com CHE; 70,37% com UCE e CHE e em 3,70% com nenhum, ou seja, três cursos ainda não iniciaram com a inserção de extensão nos currículos da graduação. Estamos passando pelo processo de transição e adaptação do novo Projeto Pedagógico dos cursos, bem como adequando a carga horária de cada aluno de graduação conforme sua etapa no curso. Também tivemos o registro de 607 atividades de extensão com registro de relacionamento a projetos de pesquisa.

Atualmente, na Comissão Permanente de Pessoal Docente (CPPD) da UFRGS, nas progressões e promoções entre as Classes A, B, C e D do Magistério Superior, é possível atingir a pontuação mínima em pesquisa e extensão somente pontuando em extensão. A coordenação de ação/programa de extensão tem a mesma pontuação que a coordenação de projeto de pesquisa.

Esses são dados objetivos, os quais permitem que se faça um juízo sobre a valorização da extensão quando comparada à pesquisa.

## Experiência em extensão universitária e a inserção curricular da extensão na Pró-Reitoria de Extensão

Apresentaremos uma análise do atual contexto de discussões e da implantação da inserção curricular da extensão nos currículos de graduação em função da recomendação do Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024).

O parecer Nº 18/2021 do CEPE/UFRGS considerando a Resolução CNE/CES nº 7/2018, que estabeleceu as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regulamentou o disposto na Estratégia 12.7 da Meta 12 da Lei nº 13.005/2014, em seu Art. 3º, definiu que os currículos de graduação na universidade deverão prever, no mínimo, 10% (dez por cento) de realização da carga horária curricular total do curso na forma de reconhecimento da prática extensionista nas modalidades dispostas nesta Resolução.

Posteriormente, a partir da Resolução Nº 029/2021, tendo em vista o Parecer

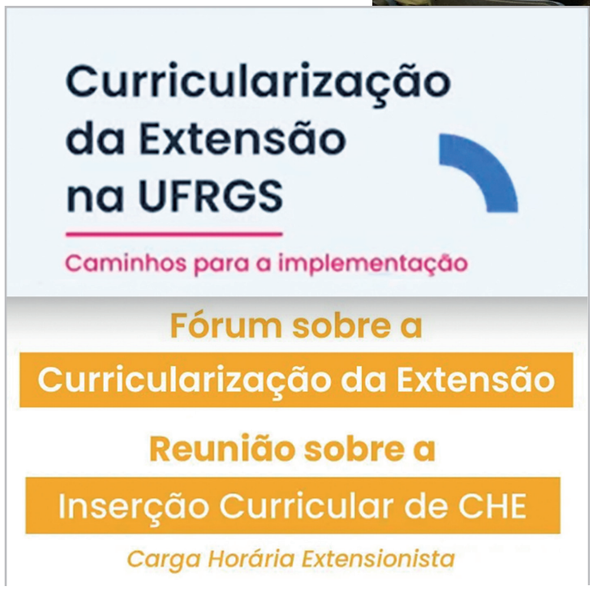
http://www.ufrgs.br/prorext/central-do-extensionista/insercao-curricular/

Reflexos na Extensão



Nº 18/2021 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), a Pró-Reitoria de Extensão (PROREXT) de imediato tomou a iniciativa conjuntamente com a Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), Câmara de Extensão (CAMEXT), Câmara de Graduação (CAMGRAD) e Centro de Processamento de Dados (CPD), para discutir a inserção curricular da extensão na UFRGS.

Inserção curricular da extensão na UFRGS




http://www.ufrgs.br/prorext/central-do-extensionista/insercao-curricular/

Reuniões e encontros

Foram reuniões frequentes e intensas até o final de 2022, quando se iniciou a implantação nos sistemas de extensão e graduação, os registros da inserção curricular da extensão nos currículos de graduação em no mínimo 10% do Projeto pedagógico de cada curso, sem aumentar sua carga horária total, atendendo o parecer Nº 18/2021 e a Resolução Nº 029/2021 do CEPE/UFRGS. Foram mais de 25 reuniões ao longo do período 2021-2022.

Com o início do calendário acadêmico no primeiro semestre de 2023, finalmente se deu o estabelecimento da inserção curricular da extensão na graduação. Mesmo assim, as reuniões não cessaram, e continuam periodicamente visando novas melhorias no sistema de extensão e de graduação.

## Conclusão

A extensão universitária proporciona reflexões a partir dos conhecimentos produzidos e acumulados, bem como, o desenvolvimento de uma formação comprometida com as necessidades atuais no ensino superior, a partir de uma realidade regional e nacional. Fazer extensão hoje é interagir com a sociedade, numa troca de vivências sob diferentes aspectos, cumprindo um compromisso social da universidade. A implantação curricular da extensão nos currículos de graduação é um processo contínuo que, com o apoio da equipe PROREXT, tivemos a honra de protagonizar todo o processo de implantação mesmo antes do Parecer Nº 18/2021 do CEPE, meados de 2020, e alinhar os aspectos necessários para a implantação curricular da extensão nos currículos da graduação.

Ao longo dos anos 2020 – 2023, vários encontros foram promovidos com profissionais extensionistas, comissões de extensão da UFRGS, seminários para atualização sobre o processo da inserção curricular da extensão a fim de garantir que esta etapa fosse bem sucedida e garantisse a real importância das atividades de extensão na formação discente.

Nossa experiência tem sido muito rica e gratificante no que tange a extensão com projetos e atividades de extensão juntamente com docentes, técnicos administrativos e bolsistas participando ativamente na implantação de atividades extensionistas antes e a partir do início da inserção curricular da extensão na UFRGS. O grupo de docentes e alunos bolsistas de extensão, na Faculdade de Farmácia da UFRGS, vivenciou e acompanhou todo o caminho trilhado desde o início das discussões sobre a inserção curricular da extensão, e hoje continua participando e atuando com a disponibilidade de UCEs e CHEs em suas atividades extensionistas e nas disciplinas de graduação. As experiências como extensionistas, a prática e a gestão na PROREXT foram pontos fundamentais para a complementação dessa paixão sem limites que todo extensionista expressa. ◂

## Referências


ARIENTI,W. L. **Sobre a implementação da curricularização da extensão: caracterizações e preocupações.** R. Eletr. de Extensão, Florianópolis, v. 20, n. 45, p. 168-189, 2023. https://doi.org/10.5007/1807-0221.2023.e89716

BALZAN, Newton C. (Orgs.). **Avaliação institucional: teoria e experiências.** São Paulo: Cortez, 2000.

BRASIL, **Constituição da República federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Presidência da República, 1988 e **Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024** (Lei nº 13.005/2014), 2014.

FORPROEX. **Avaliação nacional da extensão universitária.** Brasília: MEC/SEB/UFPR/UESC-BA, 2001 e **Política Nacional de Extensão Universitária.** Porto Alegre: UFRGS, 2012.

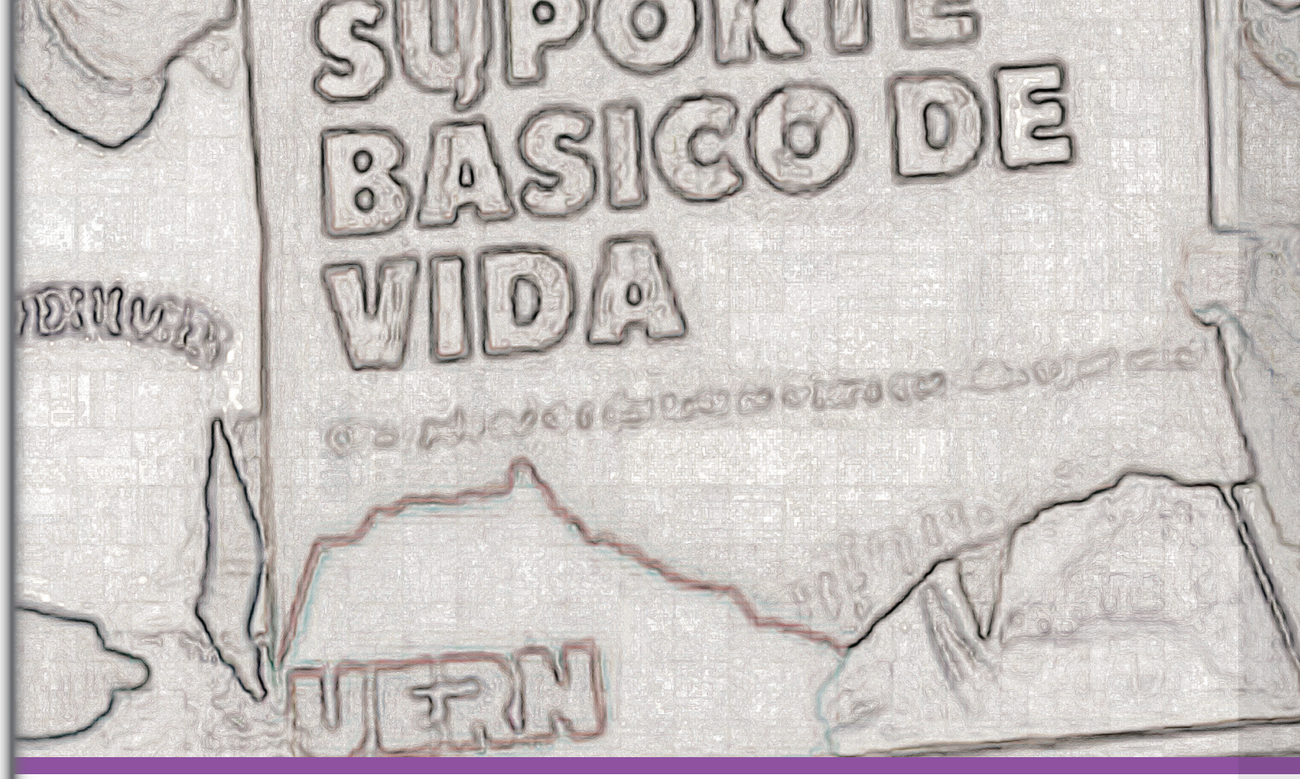
MIGUEL, J.C. **A curricularização da extensão universitária no contexto da função social da universidade.** Revista Práxis Educacional, v. 19, n. 50: e11534, 2023. https://doi.org/10.22481/praxisedu.v19i50.11534

OLIVEIRA, L. V. **Curricularização da Extensão Universitária: prospecção de impactos para sua implementação no ensino superior brasileiro**, Revista Cocar, UNICAMP, v. 18, n. 36, p.1-20, 2023.

SARAIVA, J. L. **Papel da Extensão Universitária na Formação de Estudantes e Professores.** Brasília Médica, Brasília, v. 44, n. 3, p. 220-225, 2007.

TESCHE, D.; ICAZA, A. M. S. **Extensão universitária: os desafios da curricularização no curso de administração pública e social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Revista Extensão, UFRB, ed. 21, v.01, p. 41-53, jan. 2022.




# A importância do suporte básico de vida no trânsito: relato de experiência


Ana Beatriz Silva, Johny Carlos de Queiroz
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
e-mail: bana69796@gmail.com



**Resumo**

Relato da experiência de acadêmicos de Enfermagem em um treinamento ofertado sobre segurança e primeiros socorros no trânsito, os quais foram relacionados ao maio amarelo no município de Mossoró - RN. A ação ocorreu junto aos motoristas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e as temáticas abordadas foram: conceitos e diretrizes do SBV, biossegurança, parada cardiorrespiratória, desmaios, convulsões, choque elétrico e engasgos. Os resultados foram satisfatórios, tendo em vista a assiduidade e participação ativa do público-alvo, composto por vinte e dois motoristas. Ficou perceptível que o tema proposto foi bem debatido pelos sujeitos envolvidos, através da realização de questionamentos relacionados a situações vivenciadas por eles durante o cotidiano. Portanto,

evidencia-se a importância de promover ações de treinamento e capacitação de SBV para os motoristas, no intuito de fornecer informações relevantes sobre o tema, a fim de prevenir agravos às vítimas de acidentes no trânsito.
**Palavras-chave:** Acidentes de Trânsito; Primeiros Socorros; Enfermagem.

**Abstract**

Experience report of Nursing students in a training offered on safety and first aid in traffic, related to Yellow May in the city of Mossoró - RN. The action took place with drivers from the State University of Rio Grande do Norte and the topics addressed were: BLS concepts and guidelines, biosafety, cardiorespiratory arrest, fainting, convulsions, electric shock and gagging. The results were satisfactory, in view of the attendance and active participation of the target audience, consisting of twenty-two drivers. It was noticeable that the proposed topic was well debated by the subjects involved, through questioning related to situations experienced by them during their daily lives. Therefore, the importance of promoting BLS training and qualification actions for drivers is evident, in order to provide relevant information on the subject, in order to prevent injuries to victims of traffic accidents.
**Keywords:** Traffic-accidents; First aid; Nursing.

## Introdução

O Suporte Básico de Vida (SBV) é definido como o conjunto de medidas e procedimentos técnicos que objetivam o apoio à vítima, o qual é considerado base para o atendimento em casos de Parada Cardiorrespiratória (PCR) (Tobase et al., 2017). Ele é composto por etapas que devem ser realizadas de forma sequencial, sendo elas: segurança de cena; avaliação do paciente; acionamento de ajuda com solicitação de um desfibrilador externo automático; observação da respiração e do pulso; e se a PCR for confirmada, início rápido das manobras de resgate com execução de compressões e ventilações (Bernoche *et al*., 2019).

A delonga em se iniciar, ou a não realização da ressuscitação cardiopulmonar (RCP) por parte de profissionais da saúde ou leigos diminuem as chances de sobrevida das vítimas de PCR. Do mesmo modo, a falta de preparo e treinamento são fatores prejudiciais no atendimento (Silva *et al*., 2020). Diversos imprevistos podem acontecer em casa, no ambiente de trabalho e até mesmo nas ruas, principalmente no trânsito, onde o fluxo de pessoas é maior. O aumento exponencial no número de acidentes de trânsito é fruto de negligências e imprudências por parte dos condutores, os quais fazem com que os órgãos de fiscalização governamentais invistam ainda mais na formação crítica e reflexiva dos indivíduos sobre o meio (Corrêa, 2017).

Nesse âmbito, evidencia-se a importância de ampliar o acesso à informação sobre o SBV para os indivíduos que atuam no trânsito. A realização de primeiros socorros não é restrita aos profissionais da saúde especializados, pois todo e qualquer cidadão possui o dever de avaliar a vítima, chamar por socorro e ainda realizar alguma manobra em caso de estar capacitado para tal ação (Lima *et al*., 2021).

A população condutora de veículos deve estar capacitada para agir em alguma situação de emergência no trânsito, de forma com que saiba atender a vítima com o conhecimento do SBV. Por meio das informações necessárias e as habilidades técnicas em primeiros socorros é possível levar segurança para a cena, passar tranquilidade para o acidentado, atuar em tempo hábil para salvar vidas e diminuir sequelas (Castro; Cordeiro; Andrade, 2019). O motorista treinado nessa área poderá prestar o atendimento inicial em caso de acidentes, diminuindo o número de mortes evitáveis e consequências que podem surgir devido à demora no socorro às vítimas.

A prevenção de acidentes de trânsito perpassa as diversas esferas sociais, partindo-se sob três perspectivas. Inicialmente, a prática de educação no trânsito desde a infância, instrumentalizando desde o berço familiar e escolas o desenvolvimento dessa competência. Em segundo, na formação do condutor de trânsito, momento em que o futuro guia de veículos aprende sobre a correta utilização e convivência nas vias. E, por último, a educação permanente dos usuários das vias, seja conduzindo algum meio de transporte ou não, praticando a sensibilização através da sinalização e campanhas constantes e, quando necessário, penalizações (Carbogim *et al.*, 2020).

Neste âmbito, evidencia-se a importância das capacitações realizadas por meio dos projetos de extensão universitária. O projeto intitulado Suporte Básico de Vida, em uma Escola Pública de Mossoró, é vinculado à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e oferece treinamentos para a sociedade em geral na área do SBV. No espaço universitário, é possível desenvolver o estudo sistemático de temas e enigmas sociais, dentro do ideal cultural, local, regional e científico, a fim de atuar sobre as necessidades sociais vigentes. Desse modo, além do ensino superior assumir o compromisso em formar profissionais capacitados para atuar junto à sociedade, ainda é possível desenvolver atividades extensionistas que atuam sobre os problemas sociais locais (Brasil, 2023).

Tanto a comunidade quanto os discentes envolvidos nas atividades do projeto de extensão são beneficiados, tendo em vista que a universidade pode identificar as demandas sociais e, a partir disso, elaborar ações com o intuito de solucionar os problemas a nível local.

Desde a sua institucionalização, o referido projeto de extensão realiza atividades externas, nas ruas, escolas e outros equipamentos sociais. Tendo em vista a alta demanda, o projeto, além de desenvolver capacitações nas escolas, promove treinamentos em outros espaços, sempre que solicitado.

Dessa maneira, ao receber convites dessas instituições de ensino, os membros da extensão se reúnem e planejam as atividades, utilizando metodologias ativas, favorecendo a participação e interação do público, a fim de que o aprendizado seja ainda mais efetivo. Assim, as temáticas abordadas nessas capacitações são: Princípios e diretrizes do SBV, e primeiros socorros para leigos, os quais enfatizam os seguintes tópicos: desmaios, engasgos, convulsões, PCR e RCP em adultos, crianças e lactentes, hemorragias, choque elétrico e biossegurança no momento de socorrer uma vítima. As ações são realizadas de forma teórica e prática, para favorecer o aprendizado mais efetivo.

Além disso, o projeto busca atuar em parceria com outros vigentes dentro da faculdade, promovendo atividades mais amplas, principalmente em eventos externos. Ademais, por meio dessa extensão, projetos de pesquisa são desenvolvidos com o objetivo de instigar o discente de graduação a se interessar pela escrita científica e contribuir para a promoção da saúde. Diante do exposto, o estudo objetiva relatar a experiência de acadêmicos do curso de graduação em Enfermagem em uma capacitação sobre SBV voltada para os condutores da UERN.

## Fundamentação Teórico- Metodológica

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, que consiste em uma descrição de determinado fato, pois é apresentada a experiência individual ou de um grupo sobre uma determinada situação (Casarin; Porto, 2021). O trabalho informa a vivência de acadêmicos do curso de Graduação em Enfermagem, da UERN, extensionistas do projeto de extensão “Suporte

Básico de Vida em uma Escola Pública de Mossoró" em uma atividade de capacitação em SBV no trânsito, para os motoristas que atuam nos diversos campus da referida universidade.

Devido a ser uma necessidade institucional, o setor de capacitação ligado à Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP) da UERN convocou os membros do projeto de extensão para executarem a ação. A fase de planejamento ocorreu na Faculdade de Enfermagem (FAEN) e a atividade foi realizada no 14/05/2022, das 8:00 às 12:00, no auditório do Serviço Social do Transporte e o Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte (SEST-SENAT), abordando temas de relevância para essa categoria, com ênfase no SBV. O público-alvo foi composto por vinte e dois motoristas e as temáticas foram discutidas de maneira teórica e prática.

Nesse âmbito, no primeiro momento, os assuntos foram discutidos de forma teórica, através da exposição de slides, abordando os seguintes conteúdos: conceitos relacionados à biossegurança, SBV voltado para desmaios, convulsões, choque elétrico, engasgos e PCR. No segundo momento, foram realizadas práticas sobre os temas debatidos, para que o público-alvo pudesse fixar o conteúdo e compreender como as técnicas de primeiros socorros são executadas. Ao término da ação, os participantes foram convidados a avaliarem a capacitação, destacando os pontos positivos e negativos, bem como atribuindo sugestões para melhorar as próximas atividades.

## Resultados

A experiência aconteceu dividida em dois momentos, sendo a primeira parte destinada à exposição do conteúdo de SBV de forma teórica e, posteriormente, o momento prático para fixar os assuntos discutidos. As temáticas abordadas foram: conceitos relacionados à biossegurança, SBV voltado para desmaios, convulsões, choque elétrico, engasgos e PCR.

A primeira temática debatida foi acerca da biossegurança, uma vez que é um dos princípios do SBV avaliar a cena para que o socorrista não seja a próxima vítima. Nesse âmbito, foi mostrada a importância de observar o ambiente, principalmente em acidentes como choque elétrico. Após isso, discutiu-se sobre os desmaios, enfatizando como identificar esse incidente, diferenciando-o de PCR. Com isso, expôs-se as duas formas de socorrer uma pessoa desmaiada, simulando entre os membros do grupo o que deve ser feito e o que não deve, uma vez que muitas pessoas utilizam conhecimentos baseados em senso comum para socorrer vítimas de desmaios, podendo causar maiores danos.

Ao abordar a temática de convulsões, utilizou-se uma simulação prática com um dos membros do projeto de extensão, a fim de que o público pudesse entender como identificar esse incidente e o que deve ser feito para socorrer um indivíduo vítima de convulsão. Neste sentido, discutiu-se como socorrer uma pessoa convulsionando e o que não deve ser feito, além de entender como agir após convulsões, para que o socorro possa ser realizado de maneira adequada, mostrando habilidade e evitando maiores complicações.

No que tange ao choque elétrico, acidente muito comum, que pode ser fatal, foi mostrado como identificar esse problema, enfatizando a importância da biossegurança, para que o socorrista não seja a próxima vítima do choque. Nesse âmbito, discutiu-se o que deve ser feito, destacando-se que não se deve tocar no acidentado, mas sim utilizar algum objeto não condutor e seco, como a madeira e a borracha. Após a explanação do conteúdo, foi realizada uma simulação, para que o assunto pudesse ser melhor fixado. Acerca do engasgo, mostrou-se como identificar um indivíduo com essa problemática, evidenciando as principais características da pessoa engasgada. Ademais, explanou-se os tipos de manobras realizadas para socorrer a vítima, mostrando as atualizações das diretrizes de Atendimento Pré Hospitalar, uma vez que não existe somente a manobra de Heimlich.

A última temática discutida foi a de PCR, nela, foi enfatizada a importância de o socorrista saber identificar uma PCR, bem como realizar as compressões torácicas. Além disso, explanou-se a diferença entre a reanimação em adultos, crianças e lactentes, uma vez que as técnicas sofrem alterações dependendo do público - assunto que os participantes demonstraram maior interesse em praticar. Ao final da capacitação, os indivíduos foram convidados a avaliar a intervenção, destacando os pontos positivos e negativos, bem como a atribuir sugestões para as próximas práticas educativas. Os motoristas relataram sobre a influência do assunto na vida deles e falaram como o encontro foi proveitoso.

O interesse pela temática mostrou a relevância do assunto para a vida pessoal de cada um dos sujeitos, uma vez que mostraram que as dúvidas sanadas foram além das medidas de primeiros socorros no trânsito. Outrossim, conceitos foram repensados e elucidados, consequentemente, foi sugerido que a equipe de extensão tivesse outros momentos com o público para ampliar o conhecimento, pois eles consideraram muito pertinente para a função que ocupam no âmbito da UERN. Além disso, foi uma oportunidade para os acadêmicos de enfermagem praticarem a Educação Permanente em Saúde (EPS), discutida e vivenciada nos serviços durante as práticas dos componentes curriculares, bem como o desenvolvimento do processo de trabalho do ensinar e aprender de forma dinâmica e objetiva.

Ademais, ressalta-se a necessidade da oferta de capacitação na área de primeiros socorros voltado para adultos, seja em ambiente acadêmico, no trabalho e nos ambientes escolares, para que seja atingido um número considerável de pessoas leigas treinadas em primeiros socorros e ofereça o primeiro atendimento em casos de acidentes como uma forma de redução de agravos e mortalidade das vítimas. Por isso, evidencia-se a importância da articulação entre universidade e comunidade, por meio de ações de extensão. Essas atividades possuem diversos benefícios e são de grande relevância acadêmica e social, pois elas proporcionam uma aproximação entre a academia e a população em geral.

As atividades educativas são ferramentas eficazes para disseminar o aprendizado e a autonomia no cuidado com a vida, pois permitem desenvolver e aprimorar a promoção e a prevenção de agravos, além de ser um instrumento de troca de saberes entre a população e o profissional de saúde. Por meio dessas capacitações é possível instruir a população sobre as mais variadas temáticas. A discussão com os motoristas foi de grande importância, principalmente porque com o conhecimento adequado em primeiros socorros, é possível que esses indivíduos tenham segurança ao socorrer uma vítima de acidentes.

As principais limitações para a realização desta atividade foram relacionadas à falta de equipamento adequado para que as simulações práticas fossem executadas, uma vez que os materiais utilizados para as práticas eram em quantidade limitada, fazendo com que alguns indivíduos não realizassem algumas manobras. Além disso, uma parte do grupo da extensão não pôde participar da ação, o que fez com que a quantidade de ministrantes para a capacitação ficasse limitada.

Portanto, ao refletir sobre o percurso metodológico, percebe-se que, embora o grupo tenha enfrentado algumas dificuldades durante o processo, conseguiu cumprir os objetivos e obter bons resultados, além disso, preparar-se e organizar-se melhor para as próximas atividades, desenvolvendo metodologias ativas para potencializar o aprendizado.

Evidencia-se que por meio da capacitação em SBV para os condutores de trânsito, foi possível fazer com que esses indivíduos entendessem

Membros do Projeto de Extensão "Suporte Básico de Vida em uma Escola Pública de Mossoró/RN"

Fonte: Acervo pessoal (2022)

Discussão sobre Suporte Básico de Vida

Fonte: Acervo pessoal (2022)

Suporte Básico de Vida em bebês e crianças

Fonte: Acervo pessoal (2022)



como agir diante de um acidente nas ruas, prestando o socorro adequado e salvando vidas, uma vez que com a delonga do atendimento móvel, a vítima pode evoluir para óbito em instantes. Assim, práticas de reanimação e desengasgo, por exemplo, são essenciais e fazem a diferença no atendimento pré hospitalar.

Nesse âmbito, a atividade realizada contribui para a promoção da saúde e manejo adequado para motoristas, os quais diariamente estão propensos a presenciarem e até mesmo serem vítimas de acidentes. Por isso, evidencia-se a importância do treinamento em SBV para esse público. As imagens abaixo mostram os membros do projeto de extensão ministrando a capacitação.

## Considerações Finais

Promover ações educativas e treinamentos se torna importante para que seja possível educar e capacitar esses profissionais, visando o preparo para agir diante dos acidentes no trânsito e principalmente salvar vidas ou manter a vida até a chegada do socorro especializado. É importante destacar que essa capacitação deve ocorrer de forma contínua, pois os conhecimentos do SBV se modificam constantemente, devido às atualizações, desta forma, torna-se necessário que os motoristas também estejam em constante processo de atualização,

Ademais, é de suma relevância destacar o papel da universidade nesse processo, pois através da extensão foi possível realizar o treinamento para os motoristas de forma concisa e clara. Vale salientar que a finalidade maior do projeto é trabalhar nas escolas, mas isso não impede que possamos ultrapassar as barreiras desse local, tendo em vista que a temática deve ser transmitida a toda população leiga para que seja executada o primeiro atendimento no local até a chegado do Serviço Móvel de Urgência (SAMU). ◂

## Referências

Bernoche C, Timerman S, Polastri TF, Gianetti NS, Siqueira AWS, Piscopo A, *et al*. **Atualização da Diretriz de Ressuscitação Cardiopulmonar e Cuidados de Emergência da Sociedade Brasileira de Cardiologia. Arquivo Brasileiro de Cardiologia.** 2019; 113 (3):449-63.

Carbogim FDC, Luiz FS, Oliveira LBD, Braz PR, Santos KBD, Püschel, VADA. **Efetividade de modelo de ensino em um curso de primeiros socorros: ensaio clínico randomizado.** Texto e Contexto-Enfermagem. 2020; 29(1): 1-13.

Casarin ST, Porto AR. **Relato de experiência e estudo de caso: algumas considerações.** Journal of Nursing and Health. 2021; 11(4).

Castro JA, Cordeiro BC, Andrade, KGM. **O conhecimento e a importância dos primeiros socorros para professores e funcionários em uma instituição de ensino federal do Rio de Janeiro.** Debates em Educação. 2019; 11(25):254–70.

Corrêa DM. **Análise ergonômica do trabalho de instrutores práticos de uma autoescola do sul de Santa Catarina: estudo de caso [monografia].** Tubarão (SC): Universidade do Sul de Santa Catarina; 2017.

Lima MMS, Santos PM, Araújo DV, Caetano JA, Barros LM. **Intervenção educativa para aquisição de conhecimento sobre primeiros socorros: revisão integrativa.** Enfermagem em Foco. 2021;12(1):147-53.

Silva, BKM, Tassara, KR, Ansaloni, LVS, Moraes, PHA, Oliveira, RA, Matias PRS. **O conhecimento acerca do suporte básico de vida: uma revisão integrativa.** Brazilian Journal of Development. 2020; 6(9):72021–39.

Tobase L, Peres HHCP, Tomazini EAS, Teodoro SV, Ramos MB, Polastri TF. **Suporte básico de vida: avaliação da aprendizagem com uso de simulação e dispositivos de feedback imediato.** Revista Latino-Americana de Enfermagem. 2017; 25(1):1-8.

# Sobre a arte de rememorar: Apoio Matricial em Socioeducação

Daniela Ramires Policarpo, Jéssica Becker Moraes, Jacinta Antoniolli Testa, Isadora Manfredi Marques, Oriana Holsbach Hadlers
Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
e-mail: orianahadler@gmail.com

**Resumo**

O presente artigo tem por objetivo abordar a criação do podcast 'Memórias do Possível', ação do projeto de extensão Apoio Matricial em Socioeducação, que compõe os projetos do Centro Interdisciplinar de Educação Social e Socioeducação (CIESS-UFRGS). Neste trabalho, o podcast é tomado enquanto arquivo memorativo que reúne experiências potentes vivenciadas na rede socioeducativa, tendo em vista uma atenção cuidadosa e inventiva que dialoga com as demandas das juventudes brasileiras contemporâneas. Toma como materialidade a proposta de matriciamento em socioeducação para pensar quais encontros se tornam possível em tempos pandêmicos. Ancorando-se nos escritos de Walter Benjamin, aposta na potência ético-política do ato de rememorar, entendendo a importância da transmissão que a voz viva tem para produzir resistências frente ao esquecimento.
**Palavras-chave:** juventudes; socioeducação; memória; matriciamento; podcast.

**Abstract**

This article aims to address the creation of the podcast 'Memórias do Possível', an action of the Matrix Support in Socio Education extension project, which integrates the projects of the Interdisciplinary Center for Social Education and Socio Education (CIESS-UFRGS). In this work, the podcast is taken as a memorial archive that brings together powerful experiences lived in the socio-educational network, having in mind a careful and inventive attention that dialogues with the demands of contemporary Brazilian youth. It takes as materiality the proposal of matrix support in socio-education to think about how encounters become possible during pandemic times. Based on the writings of Walter Benjamin, it focuses on the ethical-political power of remembrance, understanding the importance of the transmission that the living voice has to produce resistance in the face of forgetting.
**Keywords:** youth; socio education; memory; matrix support; podcast.

## Dos encontros passados: introdução

O ano era 2020, nas reuniões do Apoio Matricial em Socioeducação circulava uma cuia de chimarrão: sorvida por muitas bocas, segurada por muitas mãos. Os adolescentes ingressavam diariamente no Programa de Prestação de Serviço à Comunidade, localizado no 6º andar do prédio da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Eles traziam suas histórias, seus percursos de vida, seus Raps e ladaias; construíam, nas dependências da Universidade, além da atividade ligada à medida socioeducativa, suas próprias narrativas. A presença corpórea desses adolescentes nos confortáveis corredores da Universidade impelia os acadêmicos a fecharem os livros e se debruçarem sobre a realidade crua da negação de direitos. Eles nos contavam as histórias de onde vinham, as limitações para circular na cidade, as violências sofridas. Corpos. Majoritariamente negros. Prevalentemente pobres. No encontro destes corpos, produzia-se um saber igualitário e antiautoritário, proveniente da convergência entre o saber científico e o saber da vida. Encontro. Convergência. Corpos.

Mas o ano era 2020, um vírus de alta letalidade punha em cheque os encontros e compelia ao afastamento: corpos afastados. Medo e circulação reduzida. A ameaça de um inimigo invisível, o qual se disseminava pelo contato físico, causava o temor do encontro. As medidas de Prestação de Serviço à Comunidade foram suspensas e, com isso, os adolescentes pararam de chegar.

A recomendação de restrição de convívio social por questões sanitárias de combate a uma pandemia global se impôs à equipe do Centro Interdisciplinar de Educação Social e Socioeducação – o CIESS, do qual o Apoio Matricial em Socioeducação faz parte.

## Onde estamos: o Apoio Matricial em Socioeducação

Criado em 2016, o Apoio Matricial em Socioeducação é um projeto de extensão do Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o qual compõe o Centro Interdisciplinar de Educação Social e Socioeducação (CIESS), órgão auxiliar da Faculdade de Educação da UFRGS, ao lado de outros projetos de extensão que o compõem. Como linhas que se entrelaçam, os projetos do CIESS convergem nas temáticas da Socioeducação, Educação Social e Direitos Humanos – desenhando suas ações com múltiplos traços, cujo caráter é interdisciplinar e intersetorial. A construção do conhecimento faz-se por muitas mãos: discentes, docentes, pesquisadores, trabalhadores da rede de políticas públicas e os jovens em atendimento na rede socioeducativa. Eles constroem em roda, circulando de mãos dadas, compondo através dos saberes da psicologia, da pedagogia, do serviço social e do direito. O protagonismo estudantil estrutura o coletivo através da criação e agência das propostas por estudantes, estagiários e

bolsistas. Essas propostas visam promover ações qualificadas e ampliadas na articulação com a rede pública; produzir pesquisa na área das políticas de juventudes; contribuir para a formação social-cidadã de estudantes e trabalhadores/as da rede socioeducativa e de proteção; desenvolver e apoiar ações de ensino, pesquisa e extensão numa interação entre a Universidade e a sociedade, na qual todo o conhecimento é igualmente valorizado e considerado, advindo dos livros e das ruas e, aqui em especial, promover uma atenção cuidadosa e inventiva que dialogue com as demandas das juventudes.

Diagrama/mapeamento dos projetos do CIESS

Dessa forma, o Apoio Matricial em Socioeducação encontra no CIESS sua morada: o projeto tem por objetivo assegurar a proteção integral prevista pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) no âmbito da execução de medidas socioeducativas – buscando organizar, legitimar e fortalecer assessorias entre grupos de técnicos da rede socioassistencial de atendimento a jovens que estão em cumprimento de medidas socioeducativas, sobretudo em meio aberto.
Em especial quando, nas equipes de referência dos casos, surgem situações que necessitam de uma análise ampliada, o olhar coletivo sobre as situações-problema apresentadas torna-se fundamental – então, a equipe do projeto oferta este espaço, considerando a interdisciplinaridade e a intersetorialidade para ações transversais e em rede.

A atuação do Apoio Matricial em Socioeducação encontra seu fio condutor no próprio nome: o conceito de apoio matricial - também conhecido como matriciamento. Tal noção foi desenvolvida como uma forma de gestão do cuidado para o atendimento de casos complexos em saúde mental. Trata-se de "um modo de produzir saúde em que duas, ou mais equipes, num processo de construção compartilhada, criam uma proposta de intervenção pedagógico terapêutica" (BRASIL, 2011, p. 13). As primeiras intervenções aconteceram na rede de saúde de Campinas / SP, passando a ser adotado em outras localidades. Hoje se trata de política pública no Sistema Único de Saúde (SUS), sendo uma importante estratégia em direção ao cuidado integral.
A metodologia passa pelo encontro entre a equipe de referência do usuário e a equipe do matriciamento, visando ampliar as possibilidades de atuação a partir de saberes interdisciplinares. Sendo assim, é possível lidar com casos complexos, acumular conhecimento para situações mais simples e promover novos olhares sobre as situações que podem se apresentar no cotidiano do cuidado.

No campo da socioeducação, o atendimento de adolescentes em cumprimento de medidas também é realizado por equipes interdisciplinares, compostas, no mínimo, por profissionais da saúde, educação e assistência social, conforme art. 12 da Lei 12.594/2012 (BRASIL, 2012).
Na mesma linha, a equipe do Apoio Matricial em Socioeducação é composta por profissionais e estudantes de Psicologia, Pedagogia, Assistência Social e Direito, promovendo um encontro de saberes que amplia a visão sobre os casos analisados e possibilita a proteção integral:



> No Apoio Matricial em Socioeducação, dialogamos com o processo longitudinal do indivíduo a partir da concepção de percurso do adolescente, contemplando o mapeamento do território no qual o adolescente movimentou-se na relação com as políticas públicas na cidade e com a experiência do ato infracional, identificando a rede de atenção juvenil a ser (re)ativada, numa perspectiva de tempo que não se oriente somente pelo período da medida socioeducativa, mas também pelo tempo demandado pelo adolescente com ações que o acolhem em sua integralidade.
> A noção de percurso aciona a singularidade dos trajetos de cada adolescente atendido, além disso, convoca a equipe de referência na transversalidade de sua experiência, constituindo a relação do território geográfico com o território existencial que subjetiva, o qual por sua vez constitui a vida desta pessoa, afirmando a proteção integral (LAZZAROTTO; NASCIMENTO; SILVA, 2018, p. 45).

Para que na prática do cuidado tal percurso seja percorrido, as situações que tomam as equipes implicadas com determinados casos, de forma a estagnar ou dificultar a sua atuação, demandam uma estratégia de análise interdisciplinar que direcione um olhar cuidadoso e coletivo ao Plano Individual de Atendimento – com um plano de intervenção intersetorial junto às políticas públicas em saúde, educação, assistência social, segurança e direitos humanos. São demandas complexas que muitas vezes envolvem atenção especializada em saúde mental, necessidade de proteção especial, ação frente a risco de vida, judicialização de eventos educacionais, familiares, entre outros.

A metodologia do apoio matricial apresenta aqui sua potência: a partir da articulação e do compartilhamento de saberes, o matriciamento possibilita a ampliação das possíveis atuações e compreensões da equipe sobre a situação-problema que se apresenta. Dessa forma, o Apoio Matricial em Socioeducação atua na produção de um espaço de acolhimento – de afetos, dúvidas, angústias – da equipe de referência, de forma que tal equipe possa reafirmar seu lugar no acompanhamento do percurso do adolescente (LAZZAROTTO, 2018).
Na discussão dos casos, refletindo sobre seu próprio processo de trabalho, as equipes – apoiadas por múltiplas mãos – podem construir novas estratégias e criar fluxos na rede de saúde e assistência.

Logo do Apoio Matricial em Socioeducação, por Ray Carvalho

Esses saberes e práticas que circulavam pelas salas da universidade e pelas ruas de Porto Alegre, de repente, ficaram suspensos com o início da pandemia. A necessidade de isolamento social não apenas interrompeu o fluxo dos encontros, mas o próprio cumprimento das medidas socioeducativas em meio aberto. Aqueles corpos, antes circulantes, estavam no "meio fechado"[1] de seus lares, casas de acolhimento, instituições de internação, sem contatos com toda uma rede, a esperar o que estaria por vir. Os encontros eram memórias. Algo mais seria possível?

## Dos encontros possíveis: memórias da socioeducação

No princípio era apenas uma espera - alguns dias

1. Referência às medidas socioeducativas que são cumpridas em meio fechado, a ver: a internação em estabelecimento socioeducativo (internação sem possibilidade de atividades externas, internação com possibilidade de atividades externas e internação provisória) e semiliberdade (BRASIL, 2012).

ou semanas que logo passariam e voltaríamos à saudosa "normalidade". A saudade da convivência com a juventude foi aprofundando como a lembrança de um tempo bom que havia ficado lá atrás. Lembranças e memórias, mas essas não são parte de um passado, um pretérito perfeito, elas são constituintes do hoje e do presente. Não existe um sujeito independente de sua própria história, de sua própria trajetória, assim como inexiste um Apoio Matricial alienado de suas memórias afetivas sobre a socioeducação. A afetividade das memórias sempre residiu em sua potência inventiva. Em tempos em que a desesperança parecia tomar conta, o Memórias do Possível tomou corpo como um coletivo esperançar.

Os impeditivos da pandemia, assim como os impactos de sua gestão, convocaram intensamente a equipe do Apoio Matricial. Questionamo-nos: como tecer histórias possíveis na mortalha do nosso tempo? Assim, emergiu em 2020 o projeto Memórias do Possível[2]. Buscando construir um espaço memorativo em que as equipes da rede socioassistencial pudessem compartilhar práticas inventivas, as quais fossem possíveis no campo da socioeducação e das políticas de/para/com juventudes, o espaço do Apoio Matricial expandiu-se e transformou-se.

Para além da lógica de assessoria às equipes, a qual segue sendo prestada pelo Apoio Matricial, os encontros do Memórias do Possível atuam na escuta de narrativas, no diálogo sobre experiências e na troca de lembranças. Mensalmente, de acordo com a disponibilidade dos trabalhadores, os técnicos da rede socioassistencial – que atuam ou atuaram no atendimento a jovens em cumprimento de medidas socioeducativas no meio aberto, ou fechado – são convidados a compartilhar suas experiências. O projeto tem buscado produzir tal espaço junto a trabalhadores de todas as nove microrregiões de Porto Alegre – que organizam a territorialização dos serviços de assistência da cidade –, de forma a criar redes ampliadas e pontos de ressonância no campo da socioeducação.

Como fios que se desenrolam de um novelo, dispostos a bordar algo novo, cada fala dos convidados permite que juntos se percorra pelas experiências potentes vivenciadas na rede socioeducativa. São narrativas que, em sua própria produção e compartilhamento, intervêm na realidade das práticas com as juventudes. São narrativas cuja potência não poderiam permanecer guardadas apenas para as equipes que as escutam. Na tentativa de encurtar as distâncias e fazer ressoar as vozes, as conversas são registradas e compartilhadas em formato de podcast – amplamente disponibilizados na plataforma Lúmina[3] da UFRGS e no aplicativo para celular Spotify[4].

Arte do podcast Memórias do Possível, por Ray Carvalho

2. Mais informações sobre o projeto Memórias do Possível podem ser encontradas no Portfólio de Práticas Inspiradoras em Atenção Psicossocial, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Disponível em: https://portfoliodepraticas.epsjv.fiocruz.br/pratica/apoio-matricial-em-socioeducacao-memorias-do-possivel-0. Acesso em: 14 de setembro de 2023.

3. Disponível em: https://www.ufrgs.br/luminapodcasts/site/index/memorias-do-possivel. Acesso em: 14 de setembro de 2023.

4. Disponível em: https://open.spotify.com/show/3YAC0XWErBs6Bn7bw49ORQ. Acesso em: 14 de setembro de 2023.



Os encontros do Memórias do Possível chamam as equipes: convidam a refletir, reviver, reinventar; compartilhar, narrar e transmitir. Como desenha Walter Benjamin, a fonte da narrativa é a experiência, dela o narrador retira o que conta. A memória faz-se, assim, a musa da narrativa, enquanto o narrador trabalha a matéria-prima da experiência, transformando-a em algo sólido, útil e único.

> "A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver" (BENJAMIN, 1987, p. 204).

Benjamin ainda diria: "O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes" (BENJAMIN, 1987, p. 201). O Memórias do Possível, ao narrar as experiências afetivas, inventivas e potentes, faz emergir um compartilhamento de mundos possíveis: incorporam-se às nossas próprias experiências as experiências daquele narrador. A ampliação dos nossos repertórios acontece na potência do encontro, pois se antes o chimarrão aquecia nossa partilha, agora as memórias compartilhadas alimentam nossa construção de uma realidade possível e respirável.

A busca pelo compartilhar de experiências não se faz à toa, não "técnica", nem "vivência", mas experiência. Larossa (2002) diferencia vivência de experiência em seu texto "Notas sobre a experiência e o saber da experiência", conceituando a vivência como algo superficial, que não é sentido, apenas acontece. A vivência estaria completamente ligada ao modo de vida neoliberal, no qual o sujeito sempre está em busca de fazer algo, produzir algo, regular algo, opinar sobre algo – estamos sempre em atividade, não podemos parar. Em contraponto, a experiência seria quando nos permitimos afetar diante dos acontecimentos, sem a necessidade de produção, apenas se faz aberto, disponível. É preciso se expor, correr o risco e experimentar.

Assim, o autor fala sobre o processo de transformar vivência em experiência, quando acontece uma "quebra" que nos permite pensar e avaliar a situação – quando permitimos ser tocados. Essa quebra é chamada pelo autor de "gesto de interrupção", que seria:

"um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço" (LARROSA, 2002, p. 24).

Dessa forma, pode-se pensar o podcast Memórias do Possível como uma ferramenta capaz de transformar o que é vivência em experiência, tanto no momento de gravação do episódio (quando os profissionais se permitem recontar e refletir sobre o que já passou), quanto para os trabalhadores que escutam, pois os permite relembrar e repensar a sua própria prática diante do fazer do outro. O compartilhamento de vivências, ou experiências, permite ao entrevistado se colocar em uma condição de vulnerabilidade perante os outros, no sentido de se expor, se manter aberto para o desconhecido, se permitir receber – críticas, julgamentos, respostas e afetos. "Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação" (LARROSA, 2002, p. 26).

## Por que importa não deixar esquecer?

Rememorar é prática, é aposta ético-política e é transmissão, pois para não esquecer é preciso transmitir. Para Benjamin, a narrativa tem sempre uma dimensão utilitária, uma capacidade de transmissão de experiência. O narrador, ao contar uma história, busca alcançar a comunidade por meio da voz – a voz viva – que para além de informar,

transmite os ensinamentos que provém da experiência, inserindo um conhecimento que pode ser útil ao ouvinte no futuro (LIMA; BAPTISTA, 2013). Nesse momento, se coloca a importância da comunicação oral por parte do narrador, ou seja, é necessário sentir a sua voz, a sua entoação, suas pausas e silêncios.

Dessa forma, o Podcast Memórias do Possível se coloca como um arquivo memorativo, uma ferramenta para o narrador: uma espécie de veículo capaz de comunicar oralmente para diversas pessoas os ensinamentos provenientes da experiência – nesse caso, em socioeducação. Assim, constitui-se um espaço de compartilhamento e acolhimento que além de permitir que a informação chegue a mais pessoas, possibilita ao narrador assimilar e elaborar a sua vivência. Sem esquecer de inspirar os ouvintes com práticas possíveis, o narrador denuncia o que não pode ser esquecido, relembra para que não aconteça novamente e, dessa forma, resiste.

Como elabora Benjamin, com o declínio da experiência, a qual foi amortecida nas perdas, traumas e desesperanças da modernidade e de suas guerras, outro apagamento também se produz: o da narração (Mattos, 2016). Quando envoltos na mortalha e neste caso de mais de 700 mil mortes pela Covid-19, o que é testemunhado é também inenarrável. Para os trabalhadores da socioeducação – na ponta dos serviços, com seus corpos expostos e seus braços sem vacina na época – a morte se tornara cotidiana, o medo se tornara um continuum e a memória jazia em necessidade de sobrevivência.

Frente ao amortecimento das experiências, ao desmonte das políticas públicas socioassistenciais, à exposição dos trabalhadores a um vírus letal, a práticas de governo que incitavam o ódio e produziam a morte, o Memórias do Possível surgira como resistência. Afinal, quando estamos tomados pela finitude, surge a necessidade de rememorar, de transmitir as experiências – mantê-las vivas. Não à toa, como sustenta Mattos (2016), na obra de Benjamin habita uma ética da memória: a memória, colocada em um plano coletivo, é memória ética. O Apoio Matricial em Socioeducação, assim, em sua forma polimórfica de Memórias do Possível, mantém-se como uma aposta ético-política, a fim de que os sentidos não se amorteçam; para que o narrar não seja perdido; para que a memória não seja esquecida; para que uma das maiores barbáries de nosso tempo não se perpetue: a condenação ao oblívio.

Rememorar é prática ética. Rememorar é resistir.
Portanto, aqui, rememoramos. ◂

## Referências Bibliográficas


BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia prático de matriciamento em saúde mental** / Dulce Helena Chiaverini (Org.) et al. Brasília: Ministério da Saúde, Centro de Estudo e Pesquisa em Saúde Coletiva, 2011.

BRASIL. Lei n. 12.594, de 18 de janeiro de 2012. **Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase)**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12594.htm. Acesso em: 30 mai. 2021.

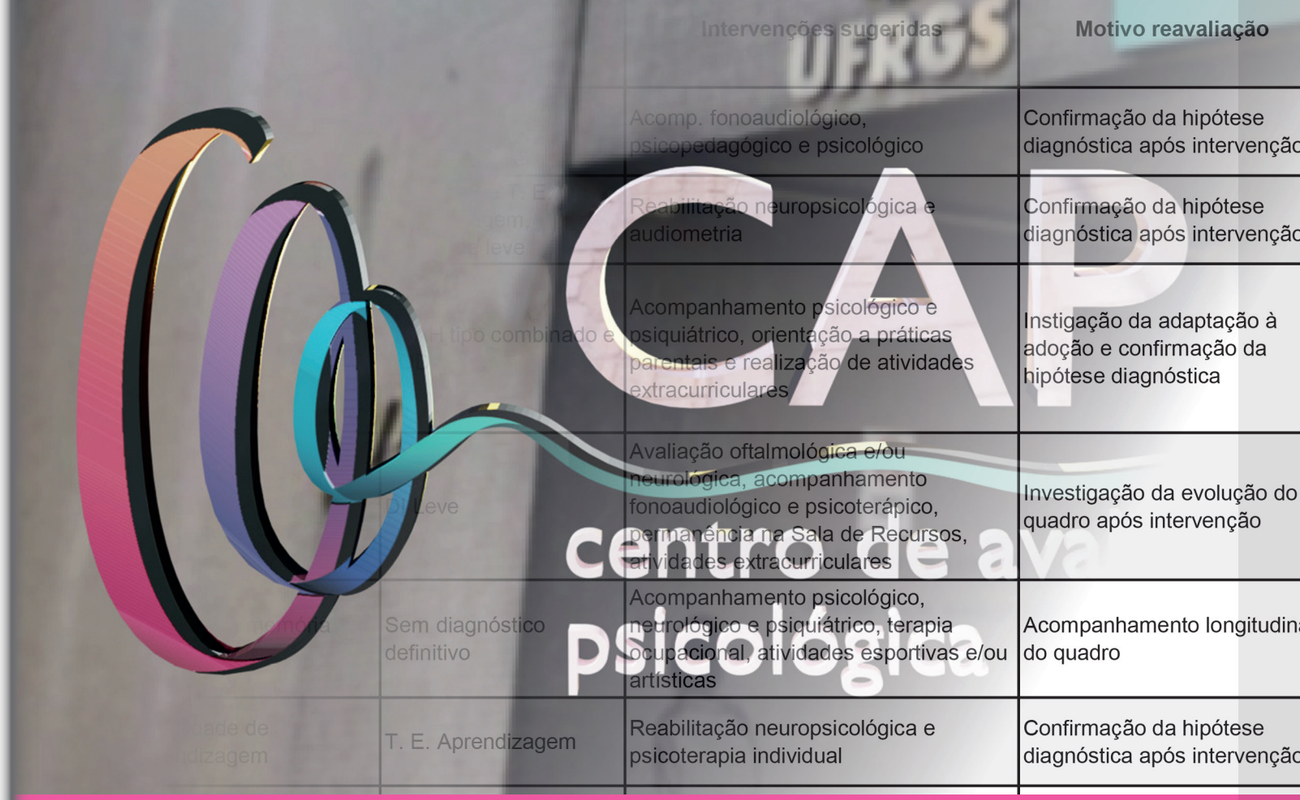
LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira da Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003.

LAZZAROTTO, G. D. R.; NASCIMENTO, L. de O.; SILVA; J. A. da. **Transversalidade e Extensão: Equipe de apoio matricial, socioeducação e políticas juvenis.** Revista da Extensão, Porto Alegre, n. 16, p. 42-49, jul. 2018. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/188594/001087399.pdf?sequence=1&isAllowed =y. Acesso em: 30 mai. 2021.

LIMA, J. G.; BAPTISTA; L. A. Itinerário do conceito de experiência na obra de Walter Benjamin. **Princípios: Revista de Filosofia**, Natal, v. 20, n. 33, p. 449-484, jan./jun. 2013.

MATTOS, M. S. de. **Ética da memória em Walter Benjamin: um ensaio**. Porto Alegre: Editora Bestiário, 2016.




# Avaliação psicológica online:
## um relato de experiência


Eduardo Bayon Britz, Jéssica Vargas da Luz, Monique Santos Pimentel, Rosimeri Siste de Jesus, Denise Balem Yates
Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
e-mail: denise.yates@ufrgs.br



**Resumo**

Em 2020, após a chegada da pandemia de COVID-19, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) realizou a suspensão das atividades presenciais como parte das ações para reduzir a disseminação do vírus. Neste contexto, a equipe do Centro de Avaliação Psicológica (CAP), serviço-escola da Instituição, precisou estruturar novas diretrizes e reformular, ainda que temporariamente, suas práticas. Assim, foram ofertados atendimentos remotos à comunidade, bem como seminários e supervisões online pelos estagiários, de maneira a dar continuidade ao trabalho lá desenvolvido. O contexto da pandemia exigiu inovações no serviço, o qual nunca antes precisou se limitar ao atendimento remoto. Neste artigo, busca-se relatar a experiência dos atendimentos de reavaliação psicológica realizados pelos estagiários de graduação, na modalidade

online, no início de 2021, no CAP. Ao longo do trabalho, foram descritos os métodos adotados pelos estagiários avaliadores, assim como as possibilidades e dificuldades encontradas naquela ocasião.
**Palavras-chave:** avaliação psicológica; pandemia de Covid-19; estágio; atendimento remoto.

**Abstract**

In 2020, with the arrival of the COVID-19 pandemic, the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS) suspended face-to-face activities as part of actions to reduce the spread of the virus. In this context, the work team at the Psychological Assessment Center (CAP), a clinical school of the Institution, needed to structure new guidelines and reformulate, albeit temporarily, its practices. Thus, remote services were offered to the community, as well as online seminars and supervision for interns, in order to continue the work carried out there. The context of the pandemic required innovations in the service, which had never before had to be limited to remote service. In this article, we seek to report the experience of psychological reassessment services carried out by undergraduate interns, online, at the beginning of 2021, at CAP. Throughout the work, the methods adopted by the evaluator trainees were described, as well as the possibilities and difficulties encountered on that occasion.
**Keywords:** psychological assessment; Covid-19 pandemic; internship; remote service.

## Introdução

Atualmente é cada vez mais frequente a busca por serviços de avaliação psicológica (AP) no Brasil. Em muitos casos, a demanda por este serviço parte de instituições de educação básica, que podem identificar características que parecem requerer atenção especial em alguns de seus alunos. Podemos imaginar, por exemplo, o caso em que uma criança apresenta dificuldades de concentração na escola e que, apesar da causa desconhecida, parece acarretar em prejuízos na aprendizagem. Neste contexto, a escola poderia solicitar ou recomendar uma AP, o qual tem como objetivo investigar os comportamentos observados na criança e obter indicações sobre as causas, bem como identificar as possibilidades de tratamento e manejo. Cabe dizer que, apesar de haver muita demanda voltada a crianças em idade escolar, a AP é um recurso que pode ser empregado em qualquer período da vida de uma pessoa. Para além dos testes psicológicos, ela engloba um amplo processo de investigação, com a finalidade de conhecer o avaliando e sua demanda (CFP, 2013). É necessário, ao longo do processo, uma integração de informações obtidas através de diversas fontes, como entrevistas com o paciente, familiares e quaisquer terceiros que possam contribuir com informações importantes, além de aplicação de testes, escalas, entre outros. A AP é regulamentada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), que também desenvolveu o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos - SATEPSI -, um sistema contínuo de avaliação dos testes psicológicos existentes, que opera de modo a identificar os testes em conformidade com as normas de validação técnico-científicas.

Conforme Borsa *et al.* (2013), a entrada em um serviço de AP pode ser espontânea ou por encaminhamento, conforme exemplificado anteriormente. No primeiro contato com uma instituição, geralmente são coletadas informações de identificação, contato e o motivo da consulta. Caso a demanda possa ser atendida pelo serviço, o candidato à avaliação é encaminhado para a triagem, que consiste em uma entrevista na qual se realiza o levantamento das condições gerais do interessado, uma breve anamnese e delimitação da demanda. Após a triagem, os candidatos são encaminhados para a avaliação propriamente dita ou, conforme as informações obtidas na triagem, para outro serviço mais adequado. Quando encaminhado para a avaliação, elabora-se um contrato de trabalho e, em seguida, é iniciada a investigação que irá indicar quais os procedimentos adequados para avaliação de cada caso. Em alguns casos, os avaliadores podem solicitar exames, avaliações e pareceres de outros profissionais para a melhor compreensão do funcionamento do avaliando. A avaliação se conclui com as entrevistas devolutivas e, eventualmente, encaminhamentos. Após, é redigido o laudo psicológico com os resultados da avaliação, o qual é encaminhado para os solicitantes e responsáveis pelo processo. A Figura 1 apresenta, esquematicamente, o possível percurso dos pacientes.

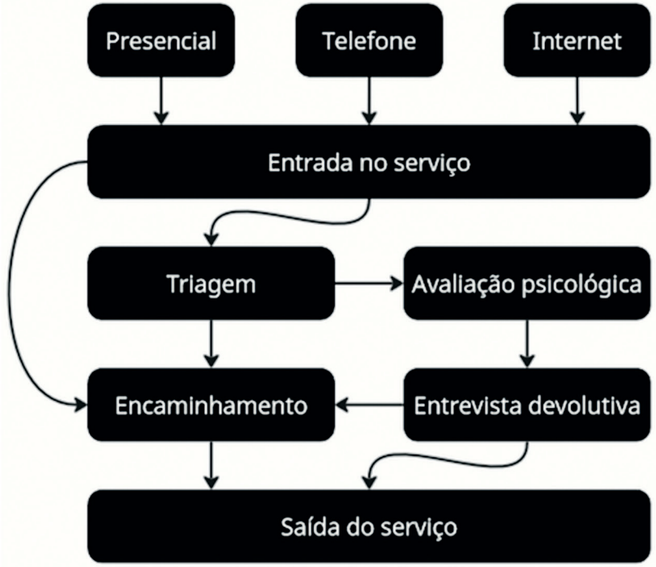



Figura 1 - Fluxograma representando o percurso dos pacientes atendidos
Fonte: Adaptado de Borsa *et al.*, 2013

Dentre as instituições que oferecem o serviço de AP no Rio Grande do Sul, destaca-se o Centro de Avaliação Psicológica (CAP) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), um importante serviço-escola que atende a comunidade de maneira gratuita ou a baixo custo. Além de ser um local referência de ensino, pesquisa e extensão, que busca oferecer formação de qualidade para seus estagiários e equipe em geral, o CAP desempenha um importante papel na comunidade, ao tornar a AP mais acessível. Até 2022, o público atendido pelo CAP era formado por pessoas de toda a comunidade, que se inscreviam para atendimento presencialmente ou por telefone. Atualmente, a entrada no serviço se dá por encaminhamento dos profissionais da UBS Santa Cecília, em Porto Alegre; das escolas do Programa Saúde na Escola da região Centro e dos serviços ao público da UFRGS. São atendidas somente pessoas que não tenham condições de custear uma AP no contexto privado, com o recorte máximo de renda de 1,5 salários mínimos por pessoa da família.
É importante mencionar que esse serviço não é oferecido no Sistema Único de Saúde (SUS), embora seja bastante demandado por profissionais que atuam no setor.
Outras atividades do CAP são a produção científica e a elaboração de uma série de materiais psicoeducativos, os quais foram desenvolvidos pela equipe com o intuito de transmitir informação de maneira acessível pelas redes sociais ou por meio impresso.

Figura 2 - Imagem de apresentação do CAP
Fonte: Divulgação

Figura 2 - Imagem de apresentação do CAP
Fonte: Divulgação

A Figura 2 apresenta a logo do CAP em frente ao prédio em que opera o serviço.

O funcionamento do CAP se deu de maneiras diferentes ao longo do tempo. Em geral, os atendimentos são presenciais, ocorrendo em salas específicas do Anexo I do Campus Saúde da UFRGS. Contudo, em 2020, com a chegada da pandemia de COVID-19, a UFRGS realizou a suspensão das atividades presenciais como parte das ações para reduzir a disseminação do vírus. Neste contexto, a equipe do CAP precisou pensar novas diretrizes e reformular, ainda que temporariamente, suas práticas. Assim, foram ofertados atendimentos remotos à comunidade, bem como seminários e supervisões online para os estagiários, de maneira a dar continuidade ao trabalho desenvolvido. Neste sentido, o contexto da pandemia exigiu inovações no serviço, que nunca antes precisou se limitar ao atendimento remoto. A entrada no serviço precisou ser modificada nesse período: para viabilizar os atendimentos, foram escolhidos casos que já haviam sido atendidos anteriormente pelo CAP, de forma presencial, e que, naquela ocasião, havia sido recomendada uma reavaliação posterior. Outro critério de seleção foi que essas avaliações não exigissem a aplicação de técnicas ou instrumentos de forma presencial, a fim de cumprir com as resoluções do CFP (nº 09, de 25 de abril de 2018 e nº 11, de 11 de maio de 2018).

Neste artigo, busca-se relatar a experiência dos atendimentos de reavaliação psicológica realizados pelos estagiários de graduação, na modalidade online, no início de 2021, no CAP. Ao longo do trabalho, serão descritos os métodos adotados pelos estagiários avaliadores do CAP na ação de extensão, assim como as possibilidades e dificuldades encontradas naquela ocasião.

## Relato da experiência

Conforme mencionado anteriormente, os candidatos à AP remota foram selecionados dentre casos já atendidos pelo CAP em outro momento, mais especificamente entre 2017 e 2019, em que houve recomendação de reavaliação futura. As reavaliações são indicações comuns em casos de AP, elas servem para acompanhamentos longitudinais e para identificar a permanência dos sintomas após intervenções sugeridas anteriormente e, assim, descartar ou confirmar um diagnóstico definitivo. Para a reavaliação, a equipe descartou os casos em que estavam presentes sintomas psicóticos ou que precisariam de avaliação de inteligência, visto que essa é inviável no formato remoto com crianças e adolescentes. No primeiro contato com os avaliandos ou responsáveis, eles foram convidados a realizar uma reavaliação gratuita à distância. Foi necessário, portanto, um primeiro movimento de reaproximação com os usuários do serviço, para avaliar a recepção e trocar informações básicas sobre os casos e sobre a situação atual de cada um. A recepção ao atendimento ofertado foi, em geral, bastante positiva, visto que os avaliandos ou responsáveis já conheciam o serviço e tinham ciência da necessidade de uma reavaliação. Após a verificação de disponibilidade de horários, os casos foram encaminhados para os avaliadores responsáveis pelo atendimento. Nesse contexto, cada caso foi atendido por uma dupla de estagiários da graduação, que contaram com apoio de técnicos da equipe e supervisão online.

Dentre os casos selecionados para a reavaliação, sete foram de crianças (9 - 12 anos) e um caso de idoso (74 anos). Seis casos tinham como demanda inicial a dificuldade de aprendizado (escrita, leitura e/ou interpretação de texto). Um caso apresentou como queixa o declínio da memória recente, enquanto o outro apresentava comportamento agressivo e problemas de adaptação familiar devido a um processo de adoção. As reavaliações tiveram duração entre 8 e 12 encontros remotos, com a frequência média semanal. O período das reavaliações foi entre janeiro e abril de 2021, correspondentes ao semestre letivo de 2020/2. Anteriormente ao início da reavaliação, foi realizada, para cada um dos casos, uma coleta de informações com base nos laudos psicológicos da primeira avaliação realizada no CAP. Os dados dos pacientes submetidos à reavaliação são descritos no Quadro 1.

| Idade/ Sexo | Demanda inicial | Conclusão da avaliação presencial (2017 - 2019) | Intervenções sugeridas na avaliação presencial (2017 - 2019) | Motivo da reavaliação | Conclusão da reavaliação remota |
|---|---|---|---|---|---|
| 11/M | Dificuldade de aprendizagem | Hipótese de TEAp. com prejuízo na leitura e matemática, gravidade leve | Acompanhamento fonoaudiológico, psicopedagógico e psicológico | Confirmação da hipótese diagnóstica após intervenção | TEAp. com prejuízo na leitura com gravidade leve e TAS |
| 9/M | Dificuldade de aprendizagem | Hipótese de TEAp., com prejuízo na leitura, na escrita e matemática, gravidade leve | Reabilitação neuropsicológica e audiometria | Confirmação da hipótese diagnóstica após intervenção | Sem confirmação de diagnóstico. Necessidade de reavaliação presencial. |
| 10/M | Comportamento agressivo e dificuldade de adaptação à família adotiva | TDAH tipo combinado e TOD | Acompanhamento psicológico e psiquiátrico, orientação a práticas parentais e realização de atividades extracurriculares | Instigação da adaptação à adoção e confirmação da hipótese diagnóstica | TDAH tipo combinado e TOD |
| 12/M | Dificuldade de aprendizagem | DI Leve | Avaliação oftalmológica e/ou neurológica, acompanhamento fonoaudiológico e psicoterápico, permanência na Sala de Recursos, atividades extracurriculares | Investigação da evolução do quadro após intervenção | TDAH tipo desatento e necessidade de reavaliação presencial para confirmação de hipótese de DI. |
| 74/F | Declínio da memória recente | Sem diagnóstico definitivo | Acompanhamento psicológico, neurológico e psiquiátrico, terapia ocupacional, atividades esportivas e/ou artísticas | Acompanhamento longitudinal do quadro | TNM, gravidade leve e sem perturbação comportamental. |
| 10/F | Dificuldade de aprendizagem | TEAp. | Reabilitação neuropsicológica e psicoterapia individual | Confirmação da hipótese diagnóstica após intervenção | TDAH tipo desatento. |
| 10/F | Dificuldade de aprendizagem e desatenção | TDAH tipo combinado | Acompanhamento psiquiátrico, neurológico, psicológico e psicopedagógico, atividades extracurriculares e orientação a práticas parentais | Confirmação da hipótese diagnóstica após intervenção | Necessidade de realização das intervenções indicadas inicialmente e reavaliação presencial. |
| 10/F | Dificuldade de aprendizagem | TDAH tipo predominantemente desatento e possível TEAp. | Avaliação psiquiátrica ou neurológica, acompanhamento fonoaudiológico e psicoterápico, reforço escolar, atividades extracurriculares | Confirmação da hipótese diagnóstica após intervenção | Descartado TDAH e identificados sintomas de ansiedade, depressão e baixa autoestima. |

Quadro 1 - Dados descritivos dos pacientes submetidos à reavaliação
Fonte: Elaborado pelos autores

Notas: TEAp. - Transtorno Específico de Aprendizagem; TDAH - Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade; TOD - Transtorno de Oposição Desafiante; DI - Deficiência Intelectual; TNM - Transtorno Neurocognitivo Maior.

A vinculação dos pacientes com o psicólogo, independentemente de abordagem teórica, pode ser entendida como uma das questões fundamentais dentro do âmbito da Psicologia. O vínculo é formado desde o contato inicial com o profissional, estabelecendo uma ligação entre os envolvidos que é fundamental para o desenvolvimento do trabalho (Danzmann *et al*., 2020), auxiliando no engajamento do paciente no que será proposto, e, consequentemente, na obtenção de informações mais fidedignas, que permitam uma melhor compreensão do caso. Todos os avaliadores consideraram que houve pouco prejuízo na vinculação na modalidade de atendimento remoto. O vínculo com os avaliandos e seus familiares foi considerado, em sua maioria, satisfatório, com boa interação entre as partes. Assim como nas avaliações presenciais, com o tempo, o momento de retraimento inicial foi dando lugar a um espaço mais confortável e com falas mais fluidas. Contudo, foi relatada maior dificuldade de aprofundamento pela falta de momentos como a Hora do Jogo Diagnóstica, uma técnica que utiliza o brincar como ferramenta para avaliar crianças, permitindo a compreensão de seus conflitos e sintomas (Satiel *et al*., 2012). Além dessa função, essa técnica também ajuda na vinculação, já que propicia um primeiro momento mais lúdico de interação com o avaliando.

Os atendimentos foram realizados através das plataformas *Jitsi Meet, Google Meet* ou de videochamada pelo *WhatsApp*. Tanto o *Jitsi Meet* quanto o *Google Meet* permitem que os encontros sejam gravados, e essa função foi utilizada em alguns casos, como, por exemplo, nas entrevistas devolutivas – sempre com a permissão do avaliando ou responsável, registrada no início da gravação. Essa medida foi adotada como um recurso para facilitar, posteriormente, as supervisões de caso, permitindo que a equipe pudesse acessar os vídeos e observar as sessões realizadas. Cabe dizer que em muitas sessões ocorreram falhas no acesso à internet, o que dificultou o atendimento pelas interrupções e atrasos, tanto no áudio, quanto na imagem, ou mesmo a queda do sinal da videochamada. No entanto, em todos os casos foi possível manejar as oscilações na conexão com repetições de perguntas por parte dos avaliadores, solicitação de repetição das falas dos avaliandos ou ainda o reinício das chamadas. A maioria dos avaliandos e familiares adaptou-se à plataforma escolhida preferencialmente, o *Jitsi Meet*, contando com a ajuda dos avaliadores quando necessário. A preferência por esta plataforma se deu por ser aberta, acessível e gratuita. Em apenas um caso houve a necessidade de trocar a plataforma pelo *WhatsApp*, por dificuldades no uso da plataforma preferencial. Percebeu-se que o público mais jovem apresentou maior facilidade com as tecnologias propostas para a realização dos atendimentos, enquanto os mais velhos tenderam a precisar de mais ajuda dos avaliadores em questões técnicas de uso dos aplicativos.

Durante os atendimentos foram observadas dificuldades de privacidade que seriam contornáveis na modalidade presencial. Nesses casos, os familiares dos avaliandos não os deixavam sozinhos nos momentos em que era solicitado, possivelmente interferindo nas respostas e atividades da avaliação. Assim, nem sempre se tinha controle quanto ao contexto em que o avaliando se encontrava. Muitas vezes, o cômodo da casa selecionado para realizar a atividade era compartilhado com outras pessoas. Esse fator pode ter dificultado tanto na vinculação entre avaliando e avaliador quanto na atenção do avaliando em relação às atividades propostas.

Durante a reavaliação, a coleta de informações foi realizada principalmente através de entrevistas livres ou semiestruturadas com os avaliandos, seus familiares ou outros informantes – como profissionais que os acompanham, tais como psicólogos, neurologistas e psicopedagogos. Também foram utilizadas escalas e tarefas durante os atendimentos ou direcionadas a informantes.

Alguns instrumentos e atividades que auxiliam na coleta de informações não puderam ser aplicados de forma online, por não ser possível sua correção informatizada ou por não serem permitidas adaptações para esse contexto. A maior parte dos testes exclusivos para psicólogos, ou seja, os que estão disponíveis no portal do SATEPSI, foram desenvolvidos para serem aplicados presencialmente. Foi percebida, portanto, a escassez de instrumentos disponíveis naquele momento, de modo que, em muitos casos, não foi possível aprofundar mais a investigação sobre um mesmo aspecto, por só haver uma opção de teste online para aquela demanda, por exemplo. A maioria das avaliações foi embasada em instrumentos multidisciplinares, não privativos do psicólogo, que puderam ter seu uso adaptado à modalidade online, chamados de fontes complementares de informação e autorizados para uso pela Resolução 06/2019 do CFP. Um dos maiores desafios da AP online se deu em torno de casos onde foi necessário aplicar instrumentos de inteligência ou processos cognitivos. Nesses casos, a avaliação dessas demandas foi feita por via de outros instrumentos e tarefas abertas. Em alguns casos foi identificada a necessidade de uma reavaliação presencial, uma vez que os procedimentos disponíveis na reavaliação remota seriam insuficientes para dar conta da demanda.

Mesmo entre escalas e instrumentos abertos, houve dificuldades de uso. A aplicação de instrumentos que contêm ditado de palavras, por exemplo, foi desafiadora, pois possíveis erros de resposta dos participantes podem ser decorrentes de problemas de compreensão do áudio. Além disso, foi efetuada a AP de uma pessoa idosa, a qual apresentou consideráveis dificuldades para compreender algumas perguntas feitas pelas avaliadoras. Em casos como esse, é difícil distinguir o que pode ser falha de áudio da chamada, de possíveis dificuldades de audição dos avaliandos - questão que é fundamental no processo de AP, tendo em vista que, caso detectada dificuldade de audição, o avaliando precisa ser encaminhado à avaliação audiométrica. Cabe mencionar que, por outro lado, foi possível acessar informações que poderiam ser difíceis de adquirir em modo presencial, como, por exemplo, poder observar os avaliandos em casa e suas condições ambientais, o que é uma possibilidade nova que pode enriquecer a investigação.

Outro aspecto importante a se destacar é sobre o levantamento de dados. Ao aplicar instrumentos de uso não-exclusivo do psicólogo, alguns avaliadores, ainda que habituados a aplicar testes e escalas, mencionaram ter pouca familiaridade com os primeiros. Tais dificuldades envolviam não compreender as instruções, já que os manuais podem apresentar diferenças no formato de aplicação, necessidade de suplementação, métodos de pontuação, etc. Tendo em vista que alguns instrumentos necessitam de *software* próprio para efetuar o levantamento dos resultados e que estes só estavam disponíveis nos computadores da UFRGS, o fechamento dos prédios trouxe dificuldades também nesse sentido. Como não foi possível acessar esses computadores, alguns instrumentos foram corrigidos apenas de forma qualitativa.

O caráter inovador do trabalho realizado pelo CAP durante o período de distanciamento social se deu pela busca de formas de viabilizar a continuidade do serviço de AP em formato remoto, de modo a seguir atendendo a comunidade ao mesmo tempo em que foram sustentadas atividades de ensino, pesquisa e extensão. O desafio foi intenso,pois devido ao ritmo da

pandemia, não houve tempo de preparação para uma transição tão radical para a modalidade remota. A decisão tomada pela equipe do CAP envolveu diversos fatores, como a preocupação com a formação, pela experiência prática, das alunas e alunos da graduação, além da contínua demanda da comunidade por um serviço de AP acessível a famílias de renda mais baixa.

Nesse contexto, os estudantes tiveram um papel de bastante protagonismo, visto que foram eles que executaram as reavaliações diretamente, com a coordenação e auxílio do restante da equipe do CAP. A experiência de contato com a comunidade pôde, portanto, complementar a formação obtida anteriormente pelas estagiárias e estagiários, desde as teorias e simulações em sala de aula. Não só as pessoas da comunidade puderam ser atendidas, como também elas informaram ao serviço sobre suas demandas e ajudaram a equipe do CAP a compreender melhor as necessidades e possibilidades de cada público naquele momento. Foi possível observar, por exemplo, o quanto as diferentes localidades de residência e classes sociais determinam as condições de acesso aos atendimentos remotos. O formato dos atendimentos online, assim como os recursos utilizados, precisaram ser ajustados ao longo do tempo, de acordo com a resposta e as possibilidades dos avaliandos e suas famílias num processo dialógico. Neste sentido, a autonomia dos estagiários foi respeitada e encorajada, como uma maneira de viabilizar a experimentação do que, em cada caso, poderia funcionar melhor na prática. Dessa forma, foi possível a construção de um conhecimento empírico que escapa ao *setting* tradicional, o que, por um lado, aumentou os desafios para os estagiários, mas por outro, enriqueceu a experiência e criou espaço para momentos de autonomia e a construção de novas ideias. Este trabalho decanta algumas das reflexões surgidas durante o trabalho de avaliação do serviço prestado e da experiência dos estagiários, que são os autores do texto.

## Considerações Finais

A demanda por atendimentos psicológicos e avaliações remotas aumentou com o que foi estabelecido devido ao COVID-19, o distanciamento social, o qual foi necessário durante a pandemia causada pelo vírus. A AP no formato online, de forma geral, pode ser descrita como inovadora e desafiadora, sobretudo por não ter havido tempo de planejamento para esta transição. O processo como um todo é novo, e requer flexibilidade e conhecimento de métodos de avaliação pertencentes também a outras especialidades das ciências da saúde. Em todos os casos atendidos no CAP durante a pandemia, as informações levantadas em uma AP anterior, presencial, foram essenciais para a viabilidade da reavaliação remota.
As triagens, realizadas conforme os critérios apresentados anteriormente, também foram importantes para que o CAP pudesse oferecer o serviço. Ao fim dos atendimentos, apesar das dificuldades encontradas e da flexibilidade e criatividade exigida, foi possível atualizar as informações sobre cada caso e fazer novos encaminhamentos e indicações terapêuticas baseadas nas informações obtidas. Considerando que a vinculação ocorreu de forma satisfatória na maior parte dos casos, é possível afirmar que os atendimentos também podem ter desempenhado um papel de acolhimento e escuta, importantes no período de isolamento social pelo qual se estava passando. Portanto, os atendimentos pareceram trazer benefícios, aos avaliandos e familiares atendidos, que vão além da avaliação propriamente dita.

Foram percebidas, conforme mencionado, dificuldades e limitações em comparação ao processo de AP presencial. Para além dos problemas de conexão com a internet e dificuldade no uso de plataformas de vídeo, alguns estímulos externos durante os atendimentos, como, por exemplo, a presença de outras pessoas no mesmo ambiente que o avaliando, podem ter feito sua atenção ser dividida e a privacidade reduzida, o que possivelmente acarreta em prejuízos nos resultados da avaliação. Destaca-se que é função do avaliador verificar a viabilidade da continuidade dos atendimentos em cada caso. Os maiores prejuízos da AP remota, no entanto, parecem estar relacionados à falta de instrumentos validados para aplicação online e também por fatores relacionados à presencialidade, como a impossibilidade de observar comportamentos de forma mais aprofundada e interagir para além daquilo que é possível por videochamadas. Diferenças entre gerações parecem também interferir no processo de avaliação remota ainda. Foi observado que crianças e adolescentes, os quais já estão habituados às tecnologias dos smartphones, pareceram entender com maior facilidade o que era proposto.

As reavaliações remotas, por fim, pareceram ter tido boa aceitação entre os avaliandos e familiares, trazendo benefícios para essas pessoas. A vinculação, a anamnese e a aplicação de escalas abertas não parecem ter sofrido impacto significativo. Apesar das adversidades, foi possível conduzir as reavaliações psicológicas de modo satisfatório. Em alguns casos foi possível, de fato, observar sinais e sintomas e confirmar diagnósticos através dos instrumentos e técnicas disponíveis. Cabe mencionar que este foi um estudo baseado em um número pequeno de casos de um serviço-escola. Assim, embora não seja possível generalizar essas informações para outros casos, através das experiências analisadas concluiu-se que uma AP pode se valer de atendimentos remotos.
A escassez de testes validados para esta modalidade e a impossibilidade de realizar observações e interações presenciais foram obstáculos significativos, o que indica que a avaliação presencial ainda é fundamental em alguns casos, mas também aponta para a importância do desenvolvimento de instrumentos e técnicas voltadas ao atendimento remoto. ◂

## Referências


BORSA, Juliane Callegaro; OLIVEIRA, Sérgio Eduardo Silva de; YATES, Denise Balem; BANDEIRA, Denise Ruschel. **Centro de Avaliação Psicológica - CAP: uma clínica-escola especializada em avaliação e diagnóstico psicológico.** Psicologia Clínica, 25(1), 101-114, 2013 Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652013000100007&lng=pt&tlng=pt.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP) **Cartilha avaliação psicológica – 2013.** Brasília, 2013. Disponível em: http://satepsi.cfp.org.br/docs/cartilha.pdf.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução nº 11, de 11 de maio de 2018.** Regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meios de tecnologias da informação e da comunicação e revoga a Resolução CFP nº 11/2012. Brasília: Autor, 2018 Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/05/resolu%c3%87%c3%83on%c2%ba-11-de-11-de-maio-de-2018.pdf

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução nº 09, de 25 de abril de 2018.** Estabelece diretrizes para a realização de Avaliação Psicológica no exercício profissional da psicóloga e do psicólogo, regulamenta o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos – SATEPSI e revoga as Resoluções n° 002/2003, nº 006/2004 e n° 005/2012 e Notas Técnicas n° 01/2017 e 02/2017. Brasília: Autor, 2018 Recuperado de http://satepsi.cfp.org.br/docs/resolu%c3%a7%c3%a3o-cfp-n%c2%ba-09-2018-com-anexo.pdf

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução nº 06, de 29 de março de 2019.** Institui regras para a elaboração de documentos escritos produzidos pela(o) psicóloga(o) no exercício prossional e revoga a Resolução CFP no 15/1996, a Resolução CFP no 07/2003 e a Resolução CFP no 04/2019. Brasília: Autor, 2019. Recuperado de https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/09/Resolu%C3%A7%C3%A3o-CFP-n-06-2019-comentada.pdf

DANZMANN, P.S.; SILVA, A. C. P.; GUAZINA, F. M. N. **Atuação do psicólogo na saúde mental da população diante da pandemia.** J. nurs. health, 2020;10(n.esp.):e20104015

SATIEL, L. O.; KRUG, J. S.; BANDEIRA, D.; ARZENO, M. E. **Recursos utilizados na entrevista lúdica diagnóstica para avaliação de crianças no período de latência.** Trabalho de conclusão de curso de Especialização, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012 Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/56642/000860123.pdf?sequence=1

# Yoga com ciência: ambientação e bem-estar na universidade

## para além dos seus muros

Alejandra Romero, Polliane Trevisan Nunes, Vanise Baptista
Planetário Professor José Baptista Pereira - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
e-mail: vanise.ufrgs@gmail.com

**Resumo**

Este artigo aborda as experiências do projeto de extensão PlanetZen, promovido pelo e no Planetário da UFRGS. Oferece práticas de Yoga Integrativa para a comunidade acadêmica, à comunidade do entorno do Campus e aos estudantes da educação básica. Apresenta ao público infantil uma contação de história ancorada nas posturas de yoga; ao público jovem uma abordagem para lidar com medos, ansiedade, foco, aceitação e respeito a tudo que existe e ao público adulto um momento de integração do corpo e da mente com movimentos, respiração consciente e meditação. Em 2022, foram realizados 26 encontros com adultos, 06 eventos especiais com a participação de parceiros externos, além de atendimentos às escolas. No primeiro semestre de 2023, aconteceram 34 práticas de Yoga Integrativa para adultos, 4 eventos em comemoração ao 1º ano do projeto e uma trilha inter-relacional no Morro da Tapera, ampliando significativamente o número de praticantes.
**Palavras-chave:** Yoga Integrativa; bem-estar; educação não formal; ludicidade; afetividade.

**Abstract**

In this work we describe the experiences of the outreach project PlanetZen, promoted by and at the Planetarium of UFRGS. The project offers Integrative Yoga practices for the academic community, the surrounding campus community, and students in basic education. It provides children with a storytelling experience anchored in yoga postures; young adults are introduced to techniques for dealing with fears, anxiety, focus, acceptance, and respect for their surroundings, while adults are offered a moment of integration of body and mind through movements, conscious breathing, and meditation. In 2022, 26 sessions were held with adults, along with 06 special events involving external partners, in addition to providing activities with schools. During the first semester of 2023, there were 34 Integrative Yoga practices for adults, 4 events celebrating the project's first anniversary, and an inter-relational trail at Morro da Tapera, significantly expanding the number of practitioners.
**Keywords:** Integrative Yoga, well being; non-formal education; playfulness; affectivity.

## introdução

Este artigo origina-se a partir do trabalho produzido pelo projeto denominado PlanetZen, o qual foi desenvolvido a partir da proposta de extensão vinculada ao Instituto de Física da UFRGS e ao Planetário Professor José Baptista Pereira com apoio da Pró-Reitoria de Extensão.

Há vários anos, o Planetário da UFRGS desenvolve diversas atividades para ensino complementar e divulgação em Astronomia, as quais são pautadas em uma educação não formal que busca relacionar as diversas áreas do conhecimento a temas instigantes sobre o cosmos. Uma das áreas que ainda não havia sido contemplada nesta mescla de ações estava relacionada à vida, a partir do autoconhecimento do corpo, do afeto e do bem-estar. O tema despertou o interesse da equipe em pautar um projeto com este viés, principalmente ao observar as questões relacionadas a fatores emocionais e dificuldade de aprendizagem durante e logo após a pandemia, tanto no retorno ao presencial da própria equipe de servidores e bolsistas, quanto em levantamentos analisados junto a acadêmicos e escolares em geral.

Assim nasceu o PlanetZen em 2022, oferecendo práticas de Yoga Integrativa para crianças, jovens e adultos na intenção de propagar movimento saudável, práticas de respiração, meditação, diálogo, troca de conhecimento e experiências através de uma metodologia ativa. As aulas são ministradas por uma servidora do Planetário, a qual é instrutora de yoga há 5 anos.

A ideia desse novo projeto foi plantada inicialmente a partir do Projeto Astros[1], que já acontecia desde 2020 oferecendo programas virtuais, os quais começaram a ser elaborados e apresentados ao público que anteriormente visitava o Planetário e que durante a pandemia ficou impossibilitado. Astros, o personagem da série de programas infanto-juvenis, que falava sobre o cosmos e de tudo que orbita a Via Láctea, também é um yoguini (praticante de yoga) e a cada episódio ensinava técnicas de respiração, de meditação e de posturas para uma vida mais tranquila. Aos poucos, o personagem se tornou uma referência nas publicações e divulgações do Planetário e suas

1. Programação digital oferecida pelo Planetário desde 2020, disponível em https://www.ufrgs.br/planetario/recursos-digitais/

práticas ficaram bastante conhecidas. A partir daí, verificou-se que era um tema relevante e bem aceito, podendo fazer parte das novas atividades presenciais.

Em junho de 2022, o PlanetZen foi lançado e, em um semestre, ofertou 26 encontros fixos no Planetário da UFRGS com a participação de pessoas de diversas idades: acadêmicos, servidores e público externo que puderam se beneficiar de horas de práticas com posturas (Ásanas), respirações conscientes (Pranayamas), movimentos de relaxamento (Mudras) e meditação. Além disso, expandiu suas ações realizando práticas para e com parceiros do projeto Yoga para Todxs/ESEFID, do Afroconto/IPSSCH e de profissionais externos do AcroYoga em mais 6 eventos abertos, sem deixar de fora o atendimento a instituições de ensino e para grupos em situação de vulnerabilidade.

Personagem Astros em postura do jogo de cartas
Fonte: Material produzido para Jogo de Yoga

Para aprimorar o projeto e dialogar mais com o público, utilizando as questões trazidas pelos próprios praticantes, está sendo elaborado um jogo de cartas que será lançado no formato físico e futuramente através de um aplicativo, com várias possibilidades de auto instrução em posturas de yoga, técnicas de respiração, cromoterapia e aromaterapia, onde o participante poderá montar sua prática conforme a necessidade ou desejo do dia. Assim, de forma lúdica, alegre e reflexiva a pessoa poderá criar movimentos de alongamento e expansão, com relaxamentos e respirações conscientes e saudáveis, acalmando a mente e possibilitando a construção de pensamentos positivos para uma vida em equilíbrio.

Postura de yoga para concentração e foco
Fonte: Registros da coordenação com prática semanal - postura da águia (Maio/2023)

## Fundamentação teórico-metodológica e os princípios do yoga: mente e corpo em equilíbrio

Derivado do sânscrito, yoga significa juntar ou unir, ou nos dias de hoje também se entende por estar em estado de unicidade, ser um só com tudo que há no universo. Foi descrita inicialmente por Patañjali[2], o filósofo indiano que apresentou a tradição do yoga de maneira estruturada, como sendo um meio de acalmar a mente pela prática meditativa constante, tornando-a serena e sem nenhuma distração. A intenção é buscar a autotransformação pela disciplina mental (CHANCHANI; Chanchani, 2006).

O yoga é considerado uma das escolas milenares da filosofia hindu[3], ou também denominadas como as seis visões fundamentais, elas apresentam práticas de meditação, posturas corporais, ética, normas, referências à dualidade, à realidade e ainda metafísica. Estes temas, em sua origem, foram desenvolvidos baseadas na convicção de que o espírito e o corpo são interdependentes, conforme as correntes filosóficas hinduístas. Podemos dizer que é o caminho a ser seguido para atingir o equilíbrio do corpo e da mente em busca de iluminação, utilizando as ideias, posturas, respirações, movimentos e mantras.

Andrade Filho (2010), professor Hermógenes como é conhecido, um dos grandes disseminadores do Hatha Yoga no Brasil, acreditava que ela pode ser uma direção para libertar os praticantes da acomodação e de atitudes impostas por um meio social cada vez mais alienado. Para ele, a prática constante faz com que a capacidade de discernimento seja ampliada, mudando o que pode ser mudado e aceitando o que não pode e está fora do seu alcance.

Sabe-se que a execução regular da atividade de yoga proporciona ao praticante uma maior flexibilidade corporal, auxílio na cura das doenças psicossomáticas, fortalecimento muscular, aumento da vitalidade, diminuição do estresse físico e mental, além disso, pode reduzir doenças cardiovasculares, auxiliar no emagrecimento, trazer uma melhora cognitiva, aumentar a retenção da memória e trazer maior felicidade na vida cotidiana.

O foco a partir do recorte destes conceitos, incorporados ao PlanetZen ao definir as atividades que envolveriam as ações de yoga, foi desvincular momentaneamente tudo o que estaria acontecendo naquele momento da prática, interna e externamente com o praticante, preparando o seu físico e a sua mente para o bem estar, assim podendo começar uma prática consciente de estado presente e, com isso, encontrar uma condição adequada a aprendizagem e para a solução de seus conflitos.

As práticas no Planetário começaram a ser oferecidas inicialmente voltadas à abordagem Hatha Yoga[4] e à meditação guiada, com valorização da qualidade da respiração e do limite corporal individual para a montagem do "ásana".

Para as turmas fixas, conforme houve a compreensão e o aprimoramento da posturas, foram apresentadas abordagens de novos estilos

2. Se dá o nome de Pátañjali ao mítico codificador do Yoga Clássico, autor do Yoga Sútra. Tudo sobre esta figura histórica na Índia é um verdadeiro mistério. Pedro Kupfer, estudioso que traduziu o Yogasūtra, denominou os escritos sobre esta lenda de "O Yoga de Patanjali" (KUPFER, 2000).

3. Darshanas ou Escolas de Filosofia na Índia.

4. Prática com mais permanência nas posturas.

Figura 3 - Prática  de Hatha Yoga com alunos da EJA
Fonte: Registros da coordenação de prática para escola (Maio/2023)

como Vinyasa[5] e Flow Yoga[6], levando os corpos a maior leveza, desafiando a uma maior dinâmica, concentração e flexibilidade. Para  turmas escolares que vivenciam uma única atividade durante a visita, sempre há um cuidado na apresentação das técnicas e no diálogo afetivo e interativo, valorizando principalmente aquilo que é conhecido do grupo e seu conforto ao que é proposto durante toda a atividade.

## Educação não formal com ludicidade: conhecimento entrelaçado

Sendo o Planetário um espaço de educação não formal, o projeto embasou-se em conceitos importantes nesse viés, a fim de definir como seria o acolhimento dos participantes no ambiente de difusão da ciência no contexto de não formalidade.

Baseados na visão de Gohn (2009), entendeu-se que a educação não formal existe para produzir saberes para uma vida em sociedade em oposição à brutalidade do pensamento e do individualismo. Com esta abordagem educativa, buscou-se a aproximação com assuntos que visassem de forma ampla o universo e nossa existência, a nossa condição planetária e os fenômenos da interconexão que aproximam e ao mesmo tempo distanciam os indivíduos, temas esses que se relacionam com o dia a dia dos visitantes do Planetário, levando a uma possível reflexão sobre o mundo onde vivemos e a saúde mental da sociedade atual.

Esta troca de conhecimento proporciona sempre, ao final de cada encontro, diálogos e reflexões entre os participantes a partir de falas livres sobre a humanidade, os processos civilizatórios e o futuro de nosso planeta.

Os objetivos do PlanetZen foram sendo refinados ao longo das vivências. Dessa forma, se ofertou para o público escolar de todos os níveis práticas de autoconhecimento do corpo, de dar e receber afeto e o entender o que é um estado de bem-estar,

5. Estilo dinâmico e esportivo de yoga que geralmente é ensinado de forma fluida.

6. Mistura os estilos de Vinyasa, Bikram e Hatha Yoga para energizar, desafiar, fortalecer músculos, aumentar a flexibilidade e ao mesmo tempo relaxar corpo e mente.

Figura 4 - Postura de yoga com objetivo de trabalhar equilíbrio e força
Fonte: Registros da coordenação de prática semanal (Abril/2023)

pois pelo relato dos professores visitantes, seria um tema importante a ser trabalhado. Isso tudo foi sempre desenvolvido de forma lúdica, utilizado como uma fonte de aprendizagem não só para o momento vivido, mas sim para que possa se propagar para cada vivência seguinte da vida do participante.

O projeto, por ter a participação semanal de diversos servidores, acadêmicos, terceirizados, alunos da Universidade Aberta da Terceira Idade - UNAPI e público adulto do entorno da universidade, alinhou-se também ao plano de sustentabilidade da universidade[7], vinculado à agenda global e aos princípios afirmados nas conferências das Nações Unidas que buscam o comprometimento com os meios necessários para implementação e desenvolvimento dos ODS, ou seja, dos objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU.

Dentro desta agenda da ONU até 2023, cada instituição parceira se comprometeu a auxiliar na preservação do planeta e daqueles que vivem nele, para que assim se possa viver em um ambiente com mais saúde, prosperidade e paz. O PlanetZen em suas ações colabora com as diretrizes de comportamento sustentável e qualidade de vida, relativo às boas práticas laborais.

Então, ao apresentar uma proposta de educação não formal, o projeto PlanetZen se pauta em ampliar horizontes aos participantes, em uma visão diferenciada do conceito de sustentabilidade, a partir da visão de mundo de cada participante, dando ferramentas para que passem a observar amplamente o que os circunda, não só no planeta que vivem mas para além dele. O pressuposto para esta abordagem é o que Paulo Freire (2013) traz como uma proposta de pedagogia de libertação em seu livro "Pedagogia do Oprimido", onde, ao praticar algo novo, este praticante pode vir a tornar-se crítico, sendo capaz de modificar positivamente a sua realidade humana e de outros, em todos os sentidos.

Entende-se, conforme Gohn (1999), que a educação não formal é uma brecha possível de formação de saberes de vida compartilhados, no caso do PlanetZen envolvendo acadêmicos, educadores, técnicos e sociedade onde a subjetividade e as habilidades diversas, vinculadas à aprendizagem no plano emocional e corporal acionam a partir de novas experiências o ato de compreender o mundo  em formato de teia do conhecimento.

7. Plano de Sustentabilidade com diretrizes para novos projetos e ações que estimulem, na comunidade acadêmica e para além dela, comportamento sustentável, qualidade de vida e racionalização do uso de materiais e serviços http://www.ufrgs.br/ufrgs/a--ufrgs/plano-de-logistica-sustentavel; https://brasil.un.org/pt-br/sdgs

Prática de yoga com posturas que envolvem autoestima

Fonte: Registros da coordenação de prática semanal (Janeiro/2023)

## Espaços abertos e colaborativos: ambientes afetuosos de bem-estar que despertam a aprendizagem

Uma atividade lúdica é uma ação criativa em uma dimensão psicológica humana, a qual pode e deve ser acionada a qualquer momento da vida. A área psicológica do brincar e do criar são empiricamente a mesma, auxiliando no desenvolvimento cognitivo emocional e social em qualquer idade, capacitando-nos ao autoconhecimento e ao entender-se como parte do meio social. Toda ação que envolve a ludicidade oferta percepções, identificação do regramento e a possibilidade de manejo das sensações, fortalecendo os processos mentais nos diversos modos e etapas de aprendizagem. Este  é o olhar que Rachid (2021) traz em sua entrevista com Adriana Fóz[8],  na qual apresenta as etapas do conceito de "alfabetização emocional".

Para aprendermos algo, precisamos estar envolvidos. Ao nos envolvermos, despertamos para a motivação, isso causa a alegria de viver. Neste contexto, o PlanetZen criou uma ambientação em três versões de "alfabetização emocional" para suas práticas, oferecendo aos diversos públicos percepções novas, identificações com o tema e o manejo de sentimento.

Ao apresentar para as crianças a história da estrela Alya, na constelação da Serpente e de Ophiucus, o grande deus celeste, a partir de conceitos e práticas do yoga, tudo vai se entrelaçando.
Os pequenos ouvintes entram em contato com seu mundo interior e suas fantasias sobre o céu vão se transformando em conceitos científicos.
A emoção em auxiliar a pequena estrela a voltar para casa, as práticas e a coletividade criam o envolvimento necessário para a educação não formal ser acionada.

Do mesmo modo, os adolescentes recebem informações sobre o mundo que os cercam, podendo interconectar isso com suas aflições e questionamentos, abrindo-se para novos pontos de vista sobre o universo onde vivem. São convidados para uma prática e uma meditação ativa e entram em conexão com a atividade.

Aos adultos é dada a oportunidade de conviver em um ambiente educacional, sentindo-se parte, podendo se autoconhecer e se desafiar.  A cada nova prática é agregado um tema transversal para reflexão do grupo que será ponto de partida para posições de yoga e meditação guiada.

## Resultados

Oferecer ao público ações onde o bem-estar é o tema gerador do conhecimento está no escopo da proposta de extensão universitária alinhada às metas da universidade em diversos âmbitos e agora alinhado a uma das ações do Planetário.

8. Diretora do projeto Neuroconecte e consultora da Fundação ABRINQ.



Na construção deste projeto foi possível visualizar com clareza a transversalidade desafiadora no processo de criação de uma proposta de educação transformadora. Observou-se o impacto positivo nos *feedbacks* dos envolvidos e o número crescente de praticantes. Inicialmente, compareciam em média 10 pessoas por aula, depois passaram a cerca de 24 praticantes por aula, o que se mantém. No 2º semestre de 2022, foram ofertadas 26 aulas práticas e 6 eventos especiais por parceiros externos. Em 2023, nos primeiros 6 meses, contabilizou-se 34 encontros de Yoga Integrativa para adultos, somam-se a esses outros 4 eventos especiais voltados ao Dia Internacional de Yoga e ao aniversário do projeto PlanetZen, também uma trilha no Morro Tapera (Porto Alegre/RS) com 39 participantes. Foram oferecidas atividades programadas ao longo do ano para Ongs, projetos sociais, escolas públicas de educação básica e EJA estabelecendo uma relação entre extensão e ensino.

Torna-se importante registrar ainda a interação entre os projetos PlanetZen, Afroconto e Yoga para Todxs, possibilitando aos acadêmicos de diversos cursos, técnicos e docentes que atuam neles, realizar um diálogo e práticas sobre métodos educativos e de aplicação de novas abordagens de ensinar.

A caminhada que gerou a criação do projeto PlanetZen teve uma construção coletiva da docente que dirige o Planetário, das técnicas-administrativas envolvidas nas ações pedagógicas, com o apoio direto em todo o projeto da bolsista que criou o personagem Astros e posteriormente auxiliou na composição da história para crianças. Essa graduanda está, no momento, concluindo as cartas com práticas de yoga, as quais servirão como nova ferramenta de autoaprendizagem. Essa atuação também possibilitou a preparação de uma oficina sobre criação de ilustrações conduzida pela bolsista em 2021 e, através de sua apresentação, o Planetário recebeu o prêmio destaque no Salão de Extensão da UFRGS em 2022 com a  apresentação do projeto de extensão do Planetário onde o PlanetZen se insere.

## Considerações Finais

Oportunizar um contato com o mundo da Astronomia, onde é possível perceber o tempo e espaço, compreender o que o orbita, o que está além de nosso olhar; aguçar a vontade de questionar a criação do universo em si é um movimento libertador. Podendo ainda entrelaçar o respeito ao mundo onde vivemos, os sentimentos humanos positivos e negativos, a arte do corpo e as sensações limitantes, ou potencialmente construtivas que existe em cada pensamento que permeia todos estes temas. Além disso, o poder de transformação sobre quase tudo, possibilitou uma aprendizagem coletiva de grande emoção para cada um dos envolvidos no PlanetZen. ◂

## Referências


ANDRADE FILHO, José Hermógenes de. **Autoperfeição com Hatha Yoga.** 53. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

CHANCHANI Rajiv; CHANCHANI Swati; Tradução: MURO, Selma Borghesi. **Ioga para Crianças: Um guia completo e ilustrado de Ioga incluindo manual para pais e professores.** São Paulo: Madras, 2006.

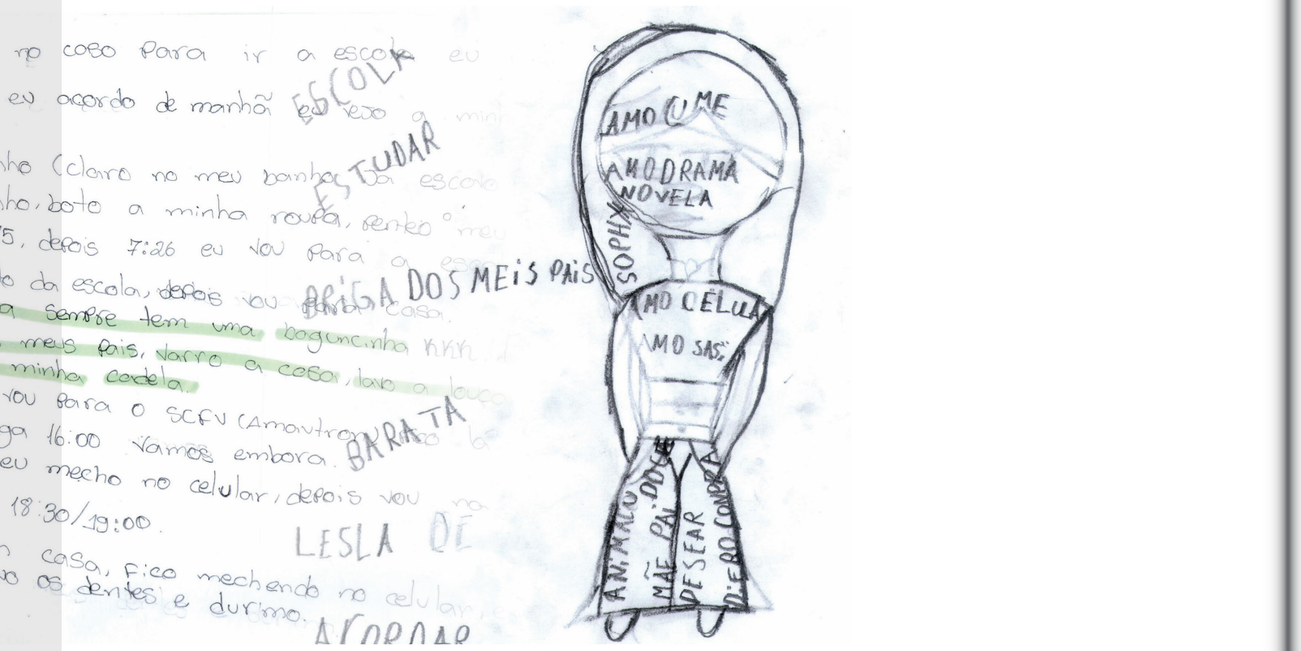
FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social.** Meta: Avaliação. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política.** São Paulo: Cortez, 1999.

KUPFER, Pedro. **História do Yoga.** São Paulo: Instituto Dharma, 2000.

RACHID, Laura. Como o cérebro aprende e a importância de lidar com as emoções. **Revista Educação**, maio 2021. Disponível em: https://revistaeducacao.com.br/2021/05/19/como-o-cerebro-aprende/ . Acesso em 06 junho 2023.




# Convivências e escrevivências
## extensionistas

Laura Souza Fonseca[1], Luccas de Sá Soares[2], Yuri Oliveira Camejo[2], Mariana Quevedo Araújo[3]
[1]Faculdade de Educação - FACED (UFRGS)
[2]Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH (UFRGS)
[3]Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança - ESEFID (UFRGS)
e-mail: lsfonseca.isf@gmail.com

**Resumo**

Neste artigo, expomos parte da história extensionista do Grupo Trabalho e Formação Humana na microrregião 5 do conselho tutelar – Glória, Cruzeiro e Cristal - em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Descrevemos e refletimos sobre nossos movimentos teórico-metodológicos e práticos a partir da retomada do campo extensionista em 2022, nesse escopo, defendemos a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão como categoria político-metodológica articuladora dos afazeres acadêmicos no trabalho docente e na formação discente. À guisa de considerações finais, apresentamos a extensão, por nós realizada, como ação comunitária permanente e tensionamos os limites e as possibilidades da atividade acadêmica na relação com a questão social.
**Palavras-chave:** crianças e adolescentes; trabalho e educação; direitos e violações; ensino-pesquisa-extensão.

**Resumen**

En este artículo exponemos parte de la historia extensionista del grupo de trabajo y formación humana en la microrregión 5 del consejo tutelar – Glória, Cruzeiro y Cristal - en Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Describimos y reflexionamos sobre nuestras trayectorias teórico-metodológicas y prácticas desde la reanudación del campo extensionista en 2022, ámbito en el que defendemos la inseparabilidad de docencia-investigación-extensión como categoría político-metodológica que articula las actividades académicas en el quehacer docente y en la formación de los estudiantes. A modo de consideraciones finales, presentamos la extensión que realizamos como una acción comunitaria permanente y destacamos los límites y posibilidades de la actividad académica en relación con las cuestiones sociales.
**Palabras-llave:** niños y adolescentes; trabajo y educación; derechos y violaciones; docencia-investigación-extensión.



## Introdução

O Grupo Trabalho e Formação Humana (gtfh)[1] estuda concepções e práticas acerca do trabalho infantojuvenil (tij) em uma periferia de Porto Alegre – desde 1998. Hoje, articuladas na microrregião 5 do Conselho Tutelar (ct) – Glória, Cruzeiro e Cristal. Em 2006, incluímos no estudo outras violações de direitos às crianças e dos adolescentes e, desde 2013, por emergência do campo – as remoções causadas pelas obras da copa do capital naquele território – abordamos, também, as opressões. Alicerçades[2] na indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, construímos nossas ações extensionistas com escolas públicas, tanto municipais quanto estaduais, e espaços de educação não escolar no contraturno da escola[3] em diálogo com a pesquisa, com a sala de aula e com a extensão como ensino em um processo de formação continuada. As vivências na extensão são registradas no nosso diário de campo (dc), o qual é nosso documento coletivo. Com a pesquisa e ensino e nas reuniões semanais do grupo, buscamos aprofundar o debate sobre trabalho, direitos do infantojuvenil e opressões a partir dos elementos que extraímos do DC.

Na escola pública e no serviço de convivência e fortalecimento de vínculo (scfv), realizamos oficinas uma vez por semana tematizando os direitos do sujeito infantojuvenil. Em 2022, tivemos uma média de 16 crianças e adolescentes que tinham entre 10 a 15 anos. Mantendo o foco na discussão sobre violações de direitos e trabalho infantojuvenil explorado, um desses direitos violados. Nossas oficinas, abaixo descritas, são referenciadas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que, em seu artigo 2º, considera criança todo sujeito com até 12 anos de idade incompletos, e adolescentes a partir disso até os 18 anos incompletos. Nesse mesmo documento de ordem jurídica, afirma-se a proibição de qualquer forma de trabalho para todes os sujeitos com menos de 14 anos, distinto do que a realidade e nossas oficinas revelam (Brasil, 1990).

1. Por uma compreensão da natureza política, a partir da reflexão de Scheinvar (2018) temos assumido a letra minúscula nas siglas, no sentido de aproximar a equivalência com equipamentos públicos que, por não serem siglas, se escrevem com minúscula – caso da escola, do posto de saúde. No artigo, fazemos exceção ao ECA por seu papel regulador.

2. Utilizamos a linguagem neutra quando nos referimos indistintamente a gênero. No caso das trabalhadoras sociais, marcamos o feminino como representativo da maioria onde extensionamos.

3. Ação de contraturno é a expressão mais abrangente que envolve o percurso histórico das políticas da assistência social para a educação não escolar. Extraclasse, no Rio Grande do Sul, foi a política anterior à municipalização da assistência social, vinculada à fundação gaúcha do trabalho e assistência social (fgtas). Após a municipalização, em Porto Alegre, a execução da política passou à fundação de assistência social e cidadania (fasc), primeiro como serviço de apoio socioeducativo (sase), no escopo da proteção social básica (psb). Atualmente, essa política protetiva é nomeada serviço de convivência e fortalecimento de vínculos (scfv).

## Produções do campo da extensão

Figura 1 – Desenho do corpo
Fonte: Diário de campo do gtfh, 2022.

Escrita, leitura, história contada, desenho, músicas, cultura corporal, séries e documentários incentivam a gurizada a abrir o coração e falar um pouco sobre a realidade que vivem. Com frequência surge o que denominamos *emergências do campo* (Fonseca *et al.*, 2018). Temáticas trazidas pela gurizada que, como gênero, sexualidade, raça/etnia, racismo, machismo, lgbtfobia, entre outras, buscamos acolher na hora de pensarmos nossa intervenção. Em nossas oficinas propomos a escrevivência para es educandes, termo este criado por Conceição Evaristo (2017), dialogando com outras autoras negras, Lélia Gonzalez e Carolina Maria de Jesus. Criado por Evaristo (2023) como "a escrita que nasce da experiência, que nasce de uma vivência, nesse caso nasce de mulher preta, uma experiência, de uma vivência das subjetividades". Para além de um relato pessoal, a escrita também tem caráter de denúncia. Reitera a autora: "A nossa escrevivência não pode ser lida como a história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos" (Evaristo, 2023). Assim, atribuindo voz que, por meio da escrita biográfica ou fictícia e do desenho tem sua vazão, es educandes expressam ali toda essa vida que suportam, essa sucessão de opressões, acertos e desacertos nas políticas sociais que resultam nas suas próprias experiências de vida-existência.

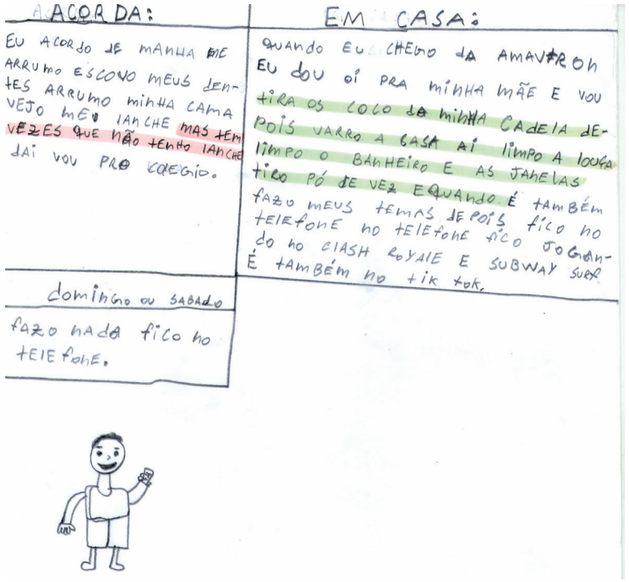



Figura 2 – Escrevivência do cotidiano
Fonte: Diário de campo do gtfh, 2022.



Na Figura 2, uma escrevivência sobre opressões, aparece a fome, o lazer restrito ao celular e a problemática do trabalho infantojuvenil doméstico. Tais situações são o que o ECA supõe proteger, o trabalho que deveria ser proibido até os 14 anos de idade e, após isso, sendo permitido apenas na modalidade aprendiz, tendo uma legislação especial. Isso não ocorre, perde-se, e o que aparece, em seu lugar, é a faceta mais danosa dessa negligência: o trabalho precoce desde uma dinâmica familiar.

O trabalho infantojuvenil doméstico na própria casa que, com a tarefa cumprida na casa de terceiros, está entre as piores formas da exploração do trabalho infantojuvenil[4] e é o mais relatado em nossas oficinas, além de ser o que toma mais tempo dessa gurizada, tirando-lhe o descanso, lazer, tempo de estudo e etc... tornando as rotinas exaustivas. Além de ir à escola e ao contraturno, crianças e adolescentes chegam em casa e ainda recebem uma série de atribuições que, necessariamente, devem ser executadas por elas, pois, dito pelo responsável, seriam "suas obrigações". Variadas "obrigações" – o cuidado de outros membros da família, irmãos ou irmãs menores e idoses; o zelo por animais domésticos: alimentar, limpar as fezes, passear, arrumar eventual bagunça feita pelo *pet* e dar lhe afeto; por fim, o mais recorrente e subjetivo é o trabalho atrelado à residência e ao cuidado pessoal, isso de lavar, secar, limpar, cozinhar, arrumar e organizar o ambiente da casa, o que sacrifica sua vida, liberando outro membro da família, em geral, a mãe – duas trabalhadoras pelo preço de ume. Apesar de diferentes, o que é comum a todes é a invisibilidade: como traz a desembargadora do Trabalho da 8ª Região, Maria Zuíla Lima Dutra (2019, p. 1), no sítio do fórum nacional de prevenção e erradicação do trabalho infantil (fnpeti):

> "A exploração de crianças e adolescentes no trabalho doméstico é uma realidade escandalosa em todo o Brasil, e que precisa de urgentes políticas públicas, mas também da mobilização de toda a sociedade para combatê-la, pois além de invisível, continua sendo aceita culturalmente como um ato de solidariedade."

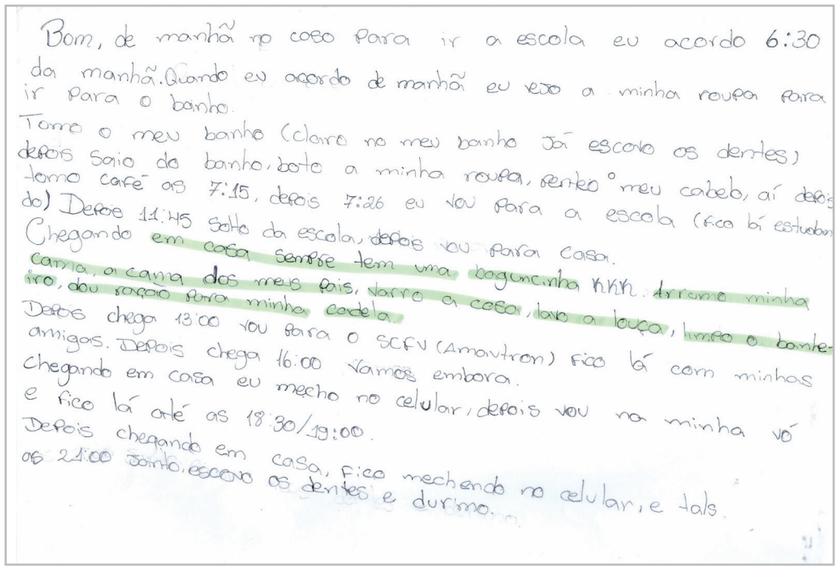



Figura 3 – Escrevivência do trabalho doméstico
Fonte: Diário de campo do gtfh, 2022.

4. Lista TIP/OIT. Disponível em: https://www.ilo.org/brasilia/temas/trabalho-infantil/WCMS_446122/lang--pt/index.htm. Acesso em: 14 nov. 2023.

No campo da pesquisa, é recorrente a fala de trabalhadoras da assistência social, que fazem visita domiciliar (vd), referem-se à dificuldade de distinguir o trabalho solidário na própria casa da exploração do tij, ainda mais que ambos ficam camuflados sob a ideia da "ajuda" (Ballardin; Fonseca, 2017). Tal como observamos na Figura 3, "fazer um trampo", "ajudinha em casa", "dar uma mão pra mãe" são formas como a gurizada relata essa situação de trabalho. No território, algumas das justificativas que o grupo já apontou para a prática do tij são "ser algo cultural da região", o que não justifica a exploração, muito menos seria "ensinar desde cedo", pois isso proporcionaria um valor educativo para o trabalho infantojuvenil doméstico, valor esse que não existe. Compreendemos que o trabalho, como princípio educativo, deve ter como finalidade entender que aquele é comum a todos os seres humanos e formador do ser social, dessa forma, evita-se a constituição de indivíduos, classes sociais ou frações destas que naturalizam a exploração (Frigotto, 2008).

Apesar deste cenário, ainda assim, existe forte resiliência, tanto no trabalho das trabalhadoras da assistência social, da educação e da saúde, quanto des conselheires tutelares. É necessário pontuarmos que há uma realidade concreta, as condições de vida das famílias, condições essas que dificultam superar essa situação. Contudo, toda ação para proteção da criança e do adolescente ao trabalho precoce é condicionada ao Estado, e as discussões e tensionamento público acerca do tema, ao investimento de fundo público para a qualidade das políticas sociais. Entretanto, o modo capitalista de produção e reprodução da vida, fomentado pela ideologia burguesa, nesta quadra histórica, explora, expropria e espolia (Antunes, 2022) como neoliberalismo e, desde 2016, potencializada como ultraneoliberalismo, articulando a superexploração da força de trabalho e as opressões. Mesmo com as lutas da classe trabalhadora e a derrota do bolsonarismo nas urnas, a precarização da vida, a face protofascista e a necropolítica como perspectiva para as periferias não foram superadas.

## Indissociabilidade

Concepção político-metodológica, porque sua opção traduz um elemento de igualdade entre extensão-pesquisa-ensino, preservando suas especificidades e buscando borrar algumas fronteiras a partir de uma problemática que movimentamos – graças ao relativo grau de autonomia que o art. 207.º da Constituição Federal tem garantido – para a produção de conhecimento. Essa garantia possibilita não nos prendermos a uma concepção de extensão enquanto mercadoria, serviços ou assistencialismo. Intervimos na comunidade, de forma ativa e reflexiva, construindo com a permanência um sentido de articulação das produções do grupo com as vivências da comunidade. Lógica que conduz nossa prática a esse diálogo da universidade com a comunidade e, por outro lado, das formas como a comunidade consegue incidir sobre o grupo, constituindo, para ambos, uma ação refletida sob sua própria realidade (Brasil, 1988).

Tendo essa articulação entre sociedade e universidade como algo que não é dado, es extensionistes fazem o exercício de ver os sujeitos inserides nesses contextos – em específico no território da microrregião 5 do conselho tutelar – como sujeitos do processo naquela realidade e não como objetos da extensão/pesquisa; perscrutamos uma relação dialético-dialógica com a comunidade. Dessa forma, o grupo vincula as atividades desenvolvidas na escola e no scfv da região com a teoria/prática por nós produzida e problematiza as vivências da gurizada relacionando-as às práticas extensionistas. Avançamos na reflexão e na síntese em nossas reuniões semanais, articulando extensão-pesquisa-ensino, valendo-nos das relatorias inscritas no diário de campo (dc). Esse tipo de *práxis* invoca o já referido princípio da indissociabilidade de nossas ações.



## Da extensão e ensino

Da nossa atuação em campo, quando nos relacionamos com a educação escolar e não escolar, pontuamos a importância da observação participativa como primeiro movimento de aproximação com a gurizada e profe ou e educadore social nos locais onde extensionamos. Nos dois casos – escolar e não escolar – para es extensionistas-licenciandes, também há uma dimensão de ensino (formativo), que compõe uma reflexão potente sobre a prática docente/socioeducativa: trabalhar com as turmas as problemáticas da vivência da gurizada, para além de um ensino conteudista ou da repetição *ad nauseam* do já feito na escola. E, como uma via de mão dupla, o que a gurizada nos diz e faz, constitui parte importante do pensar, planejar e executar da nossa prática.

Entendemos que esse tipo de intervenção deve ser um momento de reconhecimento do espaço e integração entre educadories, educandes e extensionistes, sendo que a descrição reflexiva dessa *práxis* compõe o diário de campo, fundamental e produzido peles extensionistes como grupo.

## Da pesquisa e extensão

Por estarmos inserides nas reuniões das redes e microrredes[5], assim como nas próprias reuniões do grupo – momentos em que olhamos as experiências vividas na extensão, refletimos a partir de cada ume e coletivizamos experiências refletidas –, podemos, assim, enxergar a experiência e reflexão por outra ótica – provocam deslocamento da prática acadêmica, como atividade que se encerra em si mesma, operando como um momento de apreensão e maturação das trocas feitas com a comunidade. Para isso, ao revisitarmos o dc, refletindo nossa atuação nos espaços, operando por meio do materialismo histórico dialético de Marx, enquanto método de análise e intervenção na realidade social, surge a possibilidade de trabalharmos a problemática do tij e outras violações de direitos, extrapolando o sentido dela para além das micropolíticas, fazendo o debate de como estas possibilitam conformação sobre a superestrutura que se sustenta na exploração, além de poder pensar formas dialógicas nessa perspectiva refletida com os sujeitos.

5. Rede e microrredes – constituídas por um conjunto de serviços em determinado território, articuladas ao ct, visam à proteção da criança, do adolescente e da família.

## Extensão como ação comunitária permanente

Compreendemos a extensão enquanto uma prática social que permite a conexão orgânica entre a sociedade e a universidade via uma relação de mão dupla, de troca de saberes, que se materializa na sistematicidade do diálogo extensionista.

> "Defendemos a Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, enquanto um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre a Universidade e outros setores da sociedade" (Forproex, 2012, p. 15).

Assim, não apenas a universidade tem papel no desenvolvimento de conhecimento socialmente útil, mas a sociedade pode tomar para si a produção desse conhecimento. Nessa perspectiva, o suposto é que as ações de extensão adquirem maior efetividade se estiverem vinculadas ao processo de formação de pessoas, enquanto ensino, e de geração de conhecimento, enquanto pesquisa (Forproex, 2012).

A extensão tem como característica escancarar a íntima relação entre ela, o ensino e a pesquisa. Mediades por oficinas desenvolvidas na escola e no scfv, problematizamos vestígios de trabalho infantojuvenil explorado na

produção des educandes, com a finalidade de levantarmos questões e dialogarmos sobre o tema. Problematizamos, a partir da dupla face do trabalho – por um lado, ele é valor de uso e, portanto, ontológico ao ser humano, ou seja, parte da formação do ser social; por outro, é valor, apresenta caráter explorador e alienado, face do trabalho no capitalismo.

Não temos a pretensão de que atividades acadêmicas produzam mudanças sociais; do canto teórico-metodológico de onde pensamos/intervimos no mundo, só a luta coletiva e organizada da classe trabalhadora tem essa capacidade. No entanto, a extensão, enquanto ação comunitária permanente, nos permite estabelecer uma relação orgânica }com a comunidade, problematizando a questão social e potencializando o conhecimento desenvolvido na universidade para que venha a ser socialmente útil para a periferia com quem dialogamos. A partir de Marx (1993), buscamos, com a teoria produzida, contribuir para armar a crítica e fortalecer a organização da periferia onde pesquisamos e extensionamos nas lutas cotidianas por seus direitos. ◂

## Referências


ANTUNES, R. **Capitalismo pandêmico.** São Paulo: Boitempo, 2022.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/cc ivil_03/Constituicao/Constituiçao.htm. Acesso em: 1 out. 2023.

BRASIL. Lei nº. 8.069, 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, p. 13563, Brasília, DF, 16 jun. 1990. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/19 90/lei-8069-13-julho-1990-372211-publicacaooriginal-1-pl.html. Acesso em: 15 abr. 2023.

BALLARDIN, M.; FONSECA, L. S. Trabalho infantojuvenil e violação de direitos: a particularidade da forma "ajuda". *In*: FONSECA, L. S. (org.). **Trabalho, formação de trabalhadores e lutas sociais no campo da garantia de direitos à criança e adolescente.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2017. p. 235-250.

DUTRA, M. Z. L. **Trabalho Infantil Doméstico: vergonhosa chaga social.** *In*: FÓRUM NACIONAL DE PREVENÇÃO E ERRADICAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL.
Belém: FNPETI, 2019. Disponível em: https://fnpeti.org.br/artigos/trabalho-infantil-domestico-vergonhosa-chaga-social/. Acesso em: 26 abr. 2023.

FONSECA, L. S.; DA SILVA, A. C. R.; DE FREITAS, E. R.; DA SILVA, J. B.; FRANZ, R. B. Extensão na Grande Cruzeiro e Emergências do Campo. **Revista da Extensão**, Porto Alegre, n. 16, p. 30-34, 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/revext/article/view/92086. Acesso em: 22 nov. 2023.

FRIGOTTO, G. Trabalho. *In*: PEREIRA, I. B. **Dicionário da Educação Profissional em Saúde.** Rio de Janeiro: EPSJV, 2008. p. 399-464.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO. **Política Nacional de Extensão Universitária.** Manaus: FORPROEXT, maio 2012. Disponível em: https://proex.ufsc.b r/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf. Acesso em: 27 set. 2023.

EVARISTO, C. Instituto de Arte Tear. **Escrevivência – Episódio 01 da série Ecos da Palavra.** 25 set. 2017. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4Ew KXpTIBhE. Acesso em: 21 nov. 2023.

MARX, K. **Contribuição à crítica do direito de Hegel.** Portugal, Lisboa: Edições 70. 1993 (Introdução. Manuscritos Econômicos e Filosóficos).

SCHEINVAR, E. Conselho tutelar não se escreve com maiúscula. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 70, Número Especial, p. 105-116, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v70nspe/09.pdf. Acesso em: 14 nov. 2023.






# Prótese bucomaxilofacial 5ª edição

Isadora Mello de Carvalho, Adriana Corsetti
Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
e-mail: isamlcarvalho@gmail.com

Sabe-se que a face é a parte do corpo humano mais importante e que mais chama atenção em uma pessoa. É por ela que expressamos nossas emoções e isso por si só já diz muito. Um defeito na face, pode resultar em diversos problemas físicos e emocionais, sendo assim, a sua correção se faz quase que urgente para melhorar a qualidade de vida de um indivíduo que precisa ser reabilitado. A prótese bucomaxilofacial é a especialidade da Odontologia, a qual tem como objetivo reabilitar anatômica, funcional e esteticamente por meio de substitutos aloplásticos de região de maxila e da face ausentes ou defeituosas com sequelas de cirurgia, do traumatismo ou em razão de malformações congênitas ou distúrbio do desenvolvimento. Sempre se preconiza a reconstrução da face de maneira cirúrgica, porém em alguns casos a saúde do indivíduo não possibilita e se faz necessário a reabilitação por prótese.
O desenvolvimento da especialidade durante o curso de graduação é de suma importância para o aluno, já que desenvolve competências como: atenção à saúde e comunicação; além de desenvolver habilidades como: diagnóstico, prognóstico e planejamento do tratamento e confecção e instalação de próteses bucomaxilofaciais. As atividades da extensão de prótese bucomaxilofacial acontecem três vezes ao mês, no turno da noite, no Hospital de Ensino Odontológico da Faculdade de Odontologia/UFRGS. Nesta extensão, são confeccionadas próteses faciais (nasal, auricular, oculopalpebral, ocular) e intrabucais (obturadora).
E, já foram atendidos 144 pacientes entre 2017 e 2023. Atualmente, há 82 pacientes em lista de espera. Sendo imprescindível a continuidade das atividades da Extensão de PBMF para suprimir a alta demanda de pacientes.
O atendimento dos pacientes e a confecção das próteses é executado pelos alunos com orientação

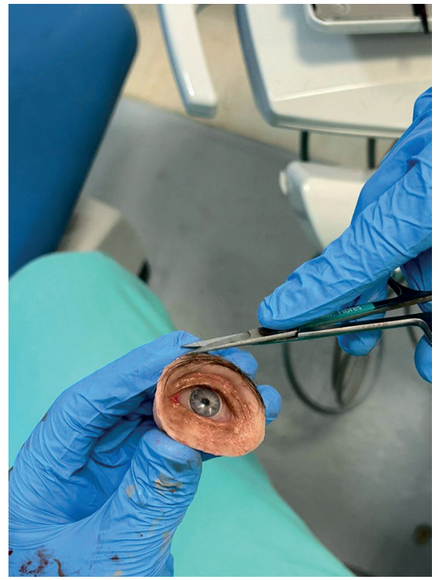


Figura 1 – Prótese Oculopalpebral

dos professores orientadores. Durante a minha experiência como extensionista e membro da equipe de trabalho, tive a oportunidade de desenvolver competências e habilidades nessa área. Além disso, havia uma demanda de inscrição dos pacientes e como fazer a seleção desses, dessa forma, criei um sistema com formulário de inscrição e uma tabela na qual armazenamos as informações para entrar em contato com os pacientes. O agendamento e seleção dos pacientes é organizado por mim e passado para os demais colegas extensionistas. As atividades contribuem muito para a minha formação, visto que faço a seleção do paciente, o atendimento clínico e a confecção das próteses, as quais não são como as demais próteses odontológicas que fazemos na clínica integrada da graduação.
Ter oportunidade de acompanhar todo o fluxo de trabalho das próteses bucomaxilofacial, desde a avaliação clínica, moldagem, escultura e confecção da prótese, faz com que desenvolva habilidades artísticas, clínicas e detalhistas (figura 1 e 2). Para nós alunos, é muito valioso e gratificante ter essa experiência durante a graduação, principalmente no momento de entrega da prótese ao ver a satisfação do paciente que já não tinha mais esperanças (figura 3). ◄

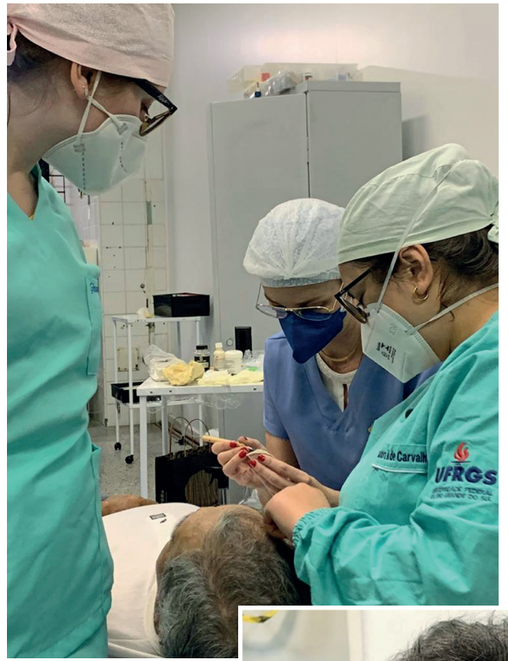


Figura 2 – Atendimento clínico

Figura 3 – Diagnóstico e tratamento prótese nasal



# Métodos não farmacológicos para alívio da dor durante o trabalho de parto em centro obstétrico - II edição

Letícia Becker Vieira, Helga Geremias Gouveia, Júlia Moraes Terra, Natália da Silva Gomes
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
e-mail: nataliasilvag_@hotmail.com

Os métodos não farmacológicos (MNF), incentivados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em suas recomendações para a atenção ao parto normal são classificados como "condutas que são claramente úteis e que deveriam ser encorajadas". Configuram-se como estratégias utilizadas no trabalho de parto para aumentar a tolerância à dor e conforto (OMS, 1996). Ainda, segundo o Ministério da Saúde, é função dos profissionais apresentarem os MNF às parturientes previamente ao uso de métodos farmacológicos (Brasil, 2022). Desta forma, além de serem métodos não invasivos e com mínimas contraindicações, sua aplicação pode postergar o uso de fármacos, permitindo uma maior satisfação por parte da mulher durante o trabalho de parto (Febrasgo, 2018). Justifica-se a implementação de MNF para auxiliar as parturientes a lidarem com suas sensações de dor e experiência positiva no trabalho de parto. Nesse sentido, o objetivo da ação de extensão é a promoção do cuidado às parturientes com o auxílio de métodos não farmacológicos, a fim de promover o alívio da dor e conforto durante o trabalho de parto. Visa também possibilitar a divulgação dos métodos disponíveis junto a parturientes e acompanhantes, seus benefícios e a implementação desses, a partir de discussões com base em evidências com a equipe de Enfermagem do Centro Obstétrico do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, levando em conta o quadro clínico de cada parturiente.

(FIGURA 1 - Quadro incentivando a movimentação durante o trabalho de parto/ fonte: autor)
As extensionistas (discentes da graduação do Curso de Enfermagem e Pós Graduação em Enfermagem da UFRGS) foram capacitadas sobre a indicação e aplicação dos MNF em reuniões preparatórias com a coordenação da extensão. Por meio de uma escala, as extensionistas junto às oito enfermeiras referências que atuam no setor, oferecem os MNF de segunda a sexta-feira no turno da manhã e tarde. Os métodos disponíveis são aromaterapia, cromoterapia, bola suíça, cavalinho, banqueta, exercícios de respiração, hidroterapia, massagem, movimentação no leito, entre outros, implementados pelas acadêmicas de enfermagem, sob supervisão e auxílio das enfermeiras (FIGURA 2 - Óleos essenciais para aromaterapia,

óleo para massagem e luzes para cromoterapia/ fonte: autor).
Por meio de um formulário, registra-se o(s) método(s) utilizado(s) na parturiente, histórico obstétrico, local e momento da intervenção, presença de acompanhante e o desfecho. Após, oferece-se uma ficha de satisfação à puérpera, a qual avalia o(s) método(s) utilizado(s) de 0 a 5 e responde quatro perguntas com sim ou não, podendo fazer comentários a respeito da sua experiência. Estas informações são adicionadas na base de dados para elaboração dos indicadores da ação. Até o momento, foram implementados MNF em 36 parturientes (entre os principais aromaterapia, massagem, hidroterapia e cromoterapia) que demonstraram satisfação com a experiência e o cuidado realizado. Além disso, investiu-se na educação em saúde de parturientes e acompanhantes sobre o tema com o intuito de promover empoderamento e participação desses na escolha do método. Por meio dos MNF, é possível assistir esta mulher durante o processo de trabalho de parto permeado de dor, aspecto fisiologicamente esperado, mas, permitindo que a parturiente tenha uma maior autoconfiança e entenda a importância da dor fisiológica no trabalho de parto. Desta maneira, a assistência com o uso dos MNF não está relacionada à garantia do cessamento da sensação dolorosa, mas sim ao aumento do limiar de dor das mulheres e a promoção de uma experiência positiva no trabalho de parto (Brasil, 2022). (FIGURA 3 - Bolsista realizando massagem em parturiente/ fonte: autor)

Ademais, reitera-se a importância da extensão no protagonismo estudantil e aquisição de conhecimento das acadêmicas, visto que, para executar e avaliar o uso dos MNF, é necessário aprofundar-se no estudo e prática sobre o tema. Assim, a partir da ação, identifica-se a oportunidade de maiores pesquisas científicas com foco no alívio da dor de parturientes através de MNF. Ainda, a extensão proporciona às acadêmicas de enfermagem uma visão ampliada do cuidado à parturiente, possibilitando que o momento do trabalho de parto seja mais humanizado e ampliando as competências e habilidades de comunicação, empatia e cuidado às pessoas. Por fim, um agradecimento especial às enfermeiras Ana Maria Fraga, Beatriz Buendgens, Jéssica Porto, Laura Leismann, Liane Unchalo, Luciane Bicca, Mariana Mattia, Sônia Machado e Vanine Krebs do CO/HCPA por todo apoio e suporte. ◄

## Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretriz Nacional de Assistência ao Parto Normal** - Versão Preliminar. Brasília - DF: Ministério da Saúde, 2022.

Organização Mundial da Saúde (OMS). **Boas práticas de atenção ao parto e ao nascimento.** Genebra: Organização Mundial da Saúde, 1996.

Steibel, J. A.; Trapani, A. Jr. **Assistência aos quatro períodos do parto de risco habitual.** São Paulo: Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO), 2018. (Protocolo FEBRASGO - Obstetrícia, no. 101/ Comissão Nacional Especializada em Assistência ao Abortamento, Parto e Puerpério).



# Vivências extensionistas
## por meio da arte na escola

Augusto Alves , Andressa Eckert
Universidade do Vale do Taquari (Univates)
e-mail: augustoalves@univates.br

O Projeto de Extensão Interarte pertencente à Universidade do Vale do Taquari – Univates - foi criado com o objetivo de promover ações artísticas como meio de inclusão social nas escolas públicas do município de Lajeado e região no Rio Grande do Sul,, principalmente em instituições que apresentam comunidades em situações de vulnerabilidade. O projeto contempla dois eixos de atuação, sendo o primeiro de ações de modelagem tridimensional em sala de aula e o segundo de intervenções artísticas no espaço escolar, através de pinturas murais. O primeiro eixo inicia com a capacitação de estudantes voluntários da Univates, oriundos de diferentes cursos e segue com as oficinas nas escolas. Estas ações se dividem em dois momentos, iniciando pelo contato dos extensionistas com a turma, quando é realizada a modelagem dos objetos com uso de jornal, cola e fita crepe, sendo finalizada na semana seguinte, com a pintura das artes, acabamentos e fechamento da atividade.
O segundo eixo consiste em intervenções no ambiente escolar, que iniciam em conversas com a comunidade para entender suas demandas, seguido de convite a um artista local para coordenar a ação, com a colaboração dos universitários. No momento da pintura, todos participam juntos com os alunos. O objetivo não é apenas “embelezar a escola”, mas promover a participação dos alunos em interação com os voluntários e o artista, propiciando uma ação extensionista voltada para a comunidade, num sentido de retroalimentação e troca dos saberes acadêmico e popular (Nogueira, 2001). Assim, o fazer extensionista permite partilhar experiências e conhecimentos entre voluntários e alunos da comunidade, como uma "via de mão dupla" entre universidade e sociedade (Forproex, 1987). Como exemplo temos uma atuação recente do Interarte, desenvolvida na Escola Municipal de Educação Infantil Criança Alegre, no Bairro Santo André, Lajeado - RS, entre 2022 e 2023. Tanto a escola, quanto o bairro apresentam-se em situações de vulnerabilidade social. A ação iniciou-se pela modelagem, com participação de nove voluntários (universitários e artistas), 38 alunos da escola e as professoras das turmas. As ações tiveram resultados muito positivos, expressos pela comunidade e voluntários, que demandaram continuidade. Ela se deu com a pintura do muro do pátio, coordenada por um artista, auxiliado por voluntários e com a participação das crianças. Um terceiro

Ação extensionista de pintura do Projeto Interarte na EMEI Criança Alegre de Lajeado-RS
Fonte: acervo Projeto Interarte

desdobramento se deu pela curricularização da extensão, na disciplina Desafios da Construção Civil, dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Engenharia Civil, quando projetaram e construíram uma "casa de brincar" para a escola, com a participação das crianças em todas as etapas. Para os estudantes voluntários, esta é uma oportunidade singular de conhecer uma outra realidade social, se sensibilizar com ela, levando para a sua formação uma maior consciência da sua necessidade de engajamento e responsabilidade social. A escola, por sua vez, também manifestou estar muito tocada pelo projeto. As crianças se sentiram reconhecidas e acolhidas, vindo a perceber que existem outras realidades para além dos muros da escola e limites do seu bairro que estão no horizonte de suas possibilidades. A bolsista responsável pela condução das atividades do projeto a um ano e meio, que é aluna do Curso de Medicina da instituição, ressalta que os encontros do Interarte com os voluntários, escola e crianças propiciam experiências de trocas que são fundamentais para o desenvolvimento pessoal, profissional e da comunidade como um todo. Além disso, relata que o despertar do lado humano e da sensibilidade são fundamentais para atuar na futura profissão, e o projeto de extensão auxilia a suprir essas lacunas que a graduação muitas vezes deixa abertas. Concluímos assim, que a extensão tem o potencial de influenciar o ensino e a pesquisa e não pode ficar isolada deles, da universidade como um todo e dos anseios da sociedade, entrelaçando saberes e conhecimentos (SANTOS JÚNIOR, 2013). A extensão possibilita o encontro de atores de origens e contextos diferentes, promovendo a sua interação e transformando o olhar sobre o outro e o modo de ver o mundo. ◂

Dinâmica de desenho da "casa de brincar" entre estudantes do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Univates e crianças da EMEI Criança Alegre de Lajeado-RS, mediados pelo Projeto de Extensão Interarte
Fonte: acervo Projeto Interarte

Pintura mural realizada sob coordenação do artista Lucas Baldissera com a participação de estudantes voluntários e das crianças da EMEI Criança Alegre de Lajeado-RS, dentro das atividades do projeto de Extensão Interarte
Fonte: acervo Projeto Interarte


Referências

FORPROEX - ENCONTRO DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 1., 1987, Brasília, DF. Documento Final [...]. **Conceito de extensão, institucionalização e financiamento.** Brasília, DF: UNB, 1987. Disponível em: https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/1987-I-Encontro-Nacional-do-FORPROEX.pdf. Acesso em: 13 mar. 2023.

JÚNIOR, Alcides Leão Santos. **A extensão universitária e os entre-laços dos saberes.** 2013. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia - UFBA, Salvador, BA, 28 fev. 2013. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/17554/1/A%20EXTENSÃO%20UNIVERSITÁRIA%20E%20OS%20ENTRE-LAÇOS%20DOS%20SABERES.pdf. Acesso em: 19 mar. 2023.

NOGUEIRA, M. D. P. (Org.) **Extensão Universitária: diretrizes conceituais e políticas**. Belo Horizonte: PROEX/UFMG; o Fórum, 2000. Disponível em: https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extensão-Universitária-e-book.pdf. Acesso em: 13 mar. 2023.




# Sarau no Hospital: levando música e alegria a quem precisa


Eduarda da Luz Almeida, Daniel Wolff
Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
e-mail: daniel@danielwolff.com


O *Sarau no Hospital* é um projeto de extensão, criado e coordenado pelo Prof. Dr. Daniel Wolff, que leva alunos e professores dos cursos de música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) — e eventualmente músicos da comunidade em geral — para se apresentarem para os pacientes do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA). Dessa forma, leva-se alento, através da música, para aqueles que estão passando por momentos desafiadores. Desde sua criação, em 2006, o projeto já beneficiou mais de 5000 pacientes.

Figura 1: Com poesia de autoria própria, paciente declama com acompanhamento no violão
Foto: Eduarda Almeida

Ocorrendo semanalmente, os saraus são momentos de descontração, de cantar junto, repletos de curiosidades e de interação com os instrumentos, como também de muita troca entre os pacientes e os músicos que se apresentam com uma escuta ativa. Assim, estes se aproximam do público, acolhendo sugestões de repertório, de formas de tocar e incentivando os pacientes a participarem das apresentações. Isso proporciona aos músicos um aprendizado com a comunidade e o compartilhamento de visões de mundo sobre questões musicais. Tendo isso em vista, quando os participantes tocam, acabam valorizando muito mais a reação dos pacientes e o efeito que a música causa nestes, do que eventuais erros de performance. Desta forma, ressignificam suas práticas e performances musicais, além de vivenciar trocas de experiências que encorajam os pacientes a se envolver com a música. Um dos casos foi o de um paciente que se sentiu encorajado a declamar uma poesia de autoria própria, sendo acompanhado no violão pelo aluno do curso de música (figura 1).

Esses momentos beneficiam os pacientes, quebrando a rotina e transformando o ambiente hospitalar, humanizando o tratamento a que estão sendo submetidos, contribuindo para a sua formação cultural e musical (figura 2). Beneficiam também os músicos, pois contribuem para o crescimento pessoal, trazendo um olhar atento e sensível ao outro, proporcionando uma relação de troca de experiências com os pacientes. Essa perspectiva nos faz olhar os pacientes para além da enfermidade, refletindo sobre a função da música e o que ela exerce nas pessoas.

Figura 2: Paciente conhecendo o violão
Foto: Eduarda Almeida

Os músicos participantes relatam que o projeto serviu para que se sentissem mais úteis, com maior poder de contribuição para a sociedade do que pensavam. Mencionaram também que a experiência os ajudou a desmistificar o ambiente hospitalar.
É digno de menção o caso de um estudante da Colômbia, que hesitou em participar do projeto pelo medo de que não teria estrutura emocional suficiente para interagir com pacientes com doenças graves. Após superar este receio, o estudante não apenas participou do projeto, como ficou tão entusiasmado com a experiência que, de retorno a Bogotá, criou lá um projeto semelhante. Percebe-se, dessa forma, um efeito multiplicador com os participantes do *Sarau no Hospital* criando projetos similares para beneficiar a comunidade do seu entorno.

Outro aspecto a destacar é a mobilização dos estudantes com a motivação de tocar no hospital, proporcionando uma maior integração entre os alunos, enriquecendo suas práticas musicais.
As apresentações funcionam também como laboratório de performance, pois na maior parte do tempo os alunos ficam praticando individualmente em salas de estudo, carecendo de oportunidades para testar sua execução na prática.

Está sendo interessante observar o *Sarau no Hospital* por ângulos diferentes, pois antes de ingressar na universidade, participei como musicista convidada pelo ex-bolsista (Eduardo Gutterres). Agora, como bolsista, indo frequentemente a setores do hospital, acabei por criar vínculo com alguns pacientes, como um menino que ficou internado por meses e que me agradeceu por eu ter levado diversos artistas para lá tocarem.

Uma de minhas funções como bolsista é apresentar o projeto aos músicos participantes, colocando-os em contato com realidades desafiadoras, onde seu fazer musical será muito bem acolhido (figura 3). Entretanto, é um desafio ir atrás dos músicos para que participem do sarau de forma voluntária, despertando neles um senso de responsabilidade social. Um dos argumentos que uso para convencê-los a participar do projeto é que trata-se de um espaço livre de julgamento sobre os erros de performance. Sempre procuro atingir o máximo de músicos possível, através de conversas individuais e coletivas, para que haja diversidade de repertório e de instrumentos em cada sarau realizado. Cada colega traz consigo sua bagagem cultural, e a interação com o projeto proporciona diversas contribuições de forma coletiva. A partir disso, os pacientes conhecem um repertório mais amplo, com maior gama de instrumentos.

Figura 3: Participação da aluna de graduação no setor da hemodiális  Foto: Eduarda Almeida

Dessa forma o projeto torna-se uma via de mão dupla, tendo impacto na carreira musical e acadêmica dos músicos e também para os pacientes, que recebem a música como uma forma de cuidado.
É responsabilidade da universidade pública beneficiar tanto quanto possível a comunidade na qual ela está inserida. O *Sarau no Hospital* busca contribuir para este fim. ◂



# Aluno-Pesquisador: desenvolvendo a pesquisa no ensino fundamental

Rafael Arenhaldt, Cássio Fagundes da Silva, Leonardo da Silva Felippe, José Luis Machado
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
e-mail: arenhaldt@gmail.com

O projeto de extensão Aluno-Pesquisador: *desenvolvendo a pesquisa no Ensino Fundamental*, vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vem ao longo dos anos atuando na promoção e desenvolvimento de práticas de pesquisa e oficinas de Iniciação Científica junto às escolas parceiras da Rede Municipal de Educação de Porto Alegre. No ano de 2023, o projeto está inserido em quatorze escolas, demonstrando a grande relevância de suas ações enquanto agente da educação e ensino na cidade de Porto Alegre.

Inserção do projeto no CMET Paulo Freire

As atividades desenvolvidas pelo Aluno-Pesquisador se articulam com a ideia de uma educação centrada nos interesses e nas curiosidades dos estudantes, promovendo por meio da pesquisa uma alfabetização científica inserida em seus contextos sociais, possibilitando gerar impactos nas suas realidades. Em sua história - originada de práticas pedagógicas com as totalidades finais da EJA em 2005 e formalizado, enquanto ação de extensão, em 2014 - o projeto desenvolveu diferentes recursos pedagógicos, audiovisuais e de informática, colaborando com as escolas na construção de múltiplas estratégias para as práticas de pesquisa com os estudantes.
O desenvolvimento desses diferentes materiais utilizados nas atividades é fruto da articulação entre a Universidade, através dos bolsistas e da coordenação do projeto, com os professores das escolas parceiras da Rede Municipal de Educação. Nesse processo coletivo de construção, somos convidados a conhecer a diversidade de projetos pedagógicos das escolas vinculadas, às diferentes realidades escolares em que estão inseridas, a pluralidade dos seus públicos, possibilitando, dessa forma, uma melhor inserção desses recursos na realidades das salas de aula. Entre as principais produções do projeto, destacam-se o "Meu Diário de Pesquisa" e o "Diário de Descobertas para crianças cientistas". Esses materiais buscam apresentar aos estudantes as diferentes etapas do processo de uma pesquisa científica, possibilitando explorarem suas curiosidades de maneira lúdica, ilustrada e detalhada.
Os Diários foram adaptados para as diferentes faixas etárias, enquanto o primeiro está voltado para os estudantes nos Anos Finais do Ensino Fundamental e da modalidade de Educação de Jovens e Adultos, o segundo pretende introduzir o mundo da pesquisa, em forma de aventuras, para os estudantes em processo de alfabetização e anos iniciais da escolarização.

Figura 2 - Meu Diário de Pesquisa e do Diário de Descobertas, disponíveis em www.ufrgs.br/alunopesquisador

Com o desenvolvimento das pesquisas, registramos o impacto do projeto na vida dos estudantes e nas suas escolas. Através da Iniciação Científica, possibilita-se a produção de pesquisas com temáticas que envolvem as diferentes

Figura 3 - Apresentação de pesquisa na Mostra Escolar Lauro Rodrigues

experiências e curiosidades dos estudantes, transformando a sala de aula em um espaço de troca de saberes, além da construção de uma prática educativa cidadã, através da alfabetização científica. A escola, durante o desenvolvimento dessas pesquisas, torna-se um laboratório de experiências, possibilitando diferentes reflexões e aprendizagens durante esse processo.

Para além desse processo de aprendizagem, vemos a desconstrução junto aos estudantes da imagem que a produção científica é algo exclusivo da academia ou unicamente por cientistas, possibilitando, dessa forma, a democratização da produção de conhecimento. As aprendizagens produzidas por essa prática ultrapassam os limites dos muros das escolas, possibilitando uma formação básica e necessária para suas vidas, assim, oportunizando a autonomia na busca por seu conhecimento. Destaca-se a importância dessa articulação entre a UFRGS e as escolas participantes por meio do diálogo entre a Educação Superior e a Educação Básica. Dessa forma, somos apresentados a uma escola produtora de conhecimento e que possibilita aos seus estudantes o desenvolvimento de diferentes habilidades e o seu reconhecimento como produtores de saberes, elementos fundamentais para uma educação emancipatória e de uma extensão comprometida com a ciência, a comunidade e políticas públicas de caráter educacional. ◂



# Acompanhamento a educadoras de berçário - atuando na interface entre saúde e educação

Arthur Patuzzi, Gabriela Nagel Pinho, Luíse Lindemann Kunzler, Felipe Sant'Ana Vargas, Andrea Gabriela Ferrari, Milena da Rosa Silva, Luciane de Conti, Simone Bicca Charczuk, Cândida Prates Dantas, Maria Eduarda Tenório Brito de Oliveira
Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
e-mail: arthurpatuzzi2014@gmail.com

"Eu estava sentado no chão manuseando um brinquedo (uma vaquinha), quando percebi que Cecília[1] me olhava de longe. Ofereci a ela o brinquedo como uma forma de convocá-la a brincar, em resposta, ela engatinhou até mim. Quando ela parou na minha frente, lhe ofereci novamente o objeto; ela olhou para mim, olhou para a vaquinha e, numa mistura de curiosidade e desconfiança, aceitou a oferta. Examinou brevemente o brinquedo e depois o devolveu para mim. Agradeci a ela e, no ato seguinte, comecei a percorrer seu corpo com o brinquedo; enquanto fazia tal gesto, também enunciava pela fala: "olha a vaquinha, vai subir o pézinho da Cecília, agora vai subir a perna". Cecília acompanhava a trajetória do brinquedo com muito interesse; eu seguia: "Agora a vaquinha está na barriga da Cecília, na bochecha, e agora vai dar um beijo no nariz da Cecília: muáá". Assim que o brinquedo encostou em seu nariz, Cecília soltou uma gargalhada. Em seguida, devolvi a vaquinha a ela, no que ela começou, por sua conta, a encostar o objeto no seu rosto, rindo a cada encontro e desencontro da vaquinha com o seu corpo."

O cotidiano de cuidado
Foto: Luíse indemann Kunzler

Essa cena, recolhida de um diário clínico confeccionado no decorrer do projeto, retrata, em sua singeleza, o cotidiano de cuidado da nossa atuação na escola de educação infantil. O corpo presente, a implicação, a paciência e a atenção que compõem essa vinheta, são típicos das atividades com um bebê e fazem parte do cotidiano das educadoras da Educação Infantil. Nossa presença na turma de berçário permite que, junto das professoras, possamos compartilhar saberes e afetos; nesta partilha somos destituídos do lugar de "suposto saber" para aprender com quem muitas vezes tem seu conhecimento silenciado, apagado, invisibilizado - as educadoras. A extensão se dá no encontro entre comunidade e universidade; o encontro pressupõe troca, confluência e transversalidade.

1. Nome fictício da bebê.

É a isso que o nosso projeto se destina: dar e receber, através de relações de cuidado.

O projeto é interdisciplinar, sendo promovido pelo Núcleo de Estudos em Psicanálise e Infâncias (NEPIs), vinculado ao PPG de Psicanálise: Clínica e Cultura, e pelo Departamento de Estudos Básicos (DEBAS), trabalhando, portanto, na interface entre saúde e educação. Realizamos o acompanhamento de educadoras e bebês de turmas de berçário 1 e 2 (bebês de 4 a 24 meses) em uma escola de educação infantil conveniada de Porto Alegre, promovendo, quando necessário, intervenções junto aos participantes, em atenção às suas particularidades e potencialidades. Além disso, realizamos a escuta das educadoras, a fim de promover momentos de trocas entre todos os agentes envolvidos no ambiente educacional, visando a estabelecer um espaço de trabalho horizontal, potente e acolhedor. Nossa prática extensionista pode ser dividida em 4 momentos: as visitas, as escritas de diários clínicos, as supervisões e as rodas de escuta. Abordaremos em detalhe cada uma delas.

Descobertas lúdicas
Foto: Arthur Patuzzi

A invenção no brincar
Foto: Luíse Lindemann Kunzler

As visitas ocorrem semanalmente e são realizadas por 4 bolsistas que se dividem em duplas: uma dupla acompanha a turma de berçário 1; a outra a turma de berçário 2. Esse momento é utilizado pelos extensionistas para a observação das dinâmicas entre os bebês na sala de aula: como interagem entre si, com o ambiente, com as professoras e com os próprios bolsistas. Nesse sentido, a observação não ocorre de um ponto de vista neutro, de fora da cena, mas sim ocorre em cena - como na vinheta trazida no início do texto -, à medida que estamos com o corpo implicado, estabelecendo trocas com os bebês: brincamos, limpamos seus narizes, auxiliamos na sua alimentação, entre outras atividades. Além disso, durante as visitas também estabelecemos trocas com as professoras: escutamos suas demandas, conversamos sobre os bebês, compartilhamos preocupações, afetos e etc.

No segundo momento da nossa extensão, confeccionamos os diários clínicos (Silva *et al.*, 2022) - instrumento no qual registramos nossas percepções sobre a visita à escola. Assim, tudo o que nos chama atenção em relação aos bebês e às educadoras - cenas, falas, ações, inações, (des)encontros, sentimentos, etc. - é registrado para posterior consulta e reflexão. Nos diários também há espaço para a nossa subjetividade enquanto extensionistas, visto que relatamos os afetos suscitados pela nossa experiência no ambiente da escola.

O terceiro momento se dá com a supervisão, realizada junto às orientadoras e às duas psicólogas que integram o projeto. Nesse espaço, a partir daquilo que observamos nas visitas e relatamos nos diários, discutimos possibilidades de intervenção em ato e fala em relação aos bebês e às professoras. Ademais, esse é um momento ideal para que possamos refletir sobre que lugar estamos ocupando dentro da escola, isto é, constantemente avaliamos se nossas práticas estão sendo prescritivas ou se estamos invadindo questões que não nos dizem respeito.

Por fim, o quarto momento se dá com as rodas de escuta, que ocorrem uma vez por mês. As rodas são conduzidas pelas duas psicólogas do projeto e são destinadas a todas as professoras da escola. Trata-se de um espaço de partilha de angústias, afetos e histórias entre as educadoras, para que elas possam trazer as vulnerabilidades e violências às quais estão submetidas no cotidiano da Educação Infantil. Cabe destacar que as rodas de escuta não são formações técnicas - prescritivas do que deve ou não ser feito -, mas sim um momento de protagonismo das educadoras, em que se busca potencializar o que elas têm a dizer e, principalmente, escutar o que elas dizem.

Nosso projeto é feito por muitas mãos: de estudantes, de mestrandas, de professoras e de todos aqueles que cruzamos em nossa trajetória na escola. O processo de diálogo com a comunidade é muito potente e nos permite transpassar os limites de retroalimentação do conhecimento acadêmico para, a partir desse encontro, expandir as relações de saber. A extensão não apenas oferta, mas recebe muito do encontro que se produz com a sociedade. ◂

## Referências

SILVA, Milena da R.; DE OLIVEIRA, Betina C.; FERRARI, Andrea G. Da experiência ao relato clínico: desafios do registro em uma pesquisa psicanalítica. **Ágora**, Rio de Janeiro, v.25, n.2, p. 31-38, 2022.

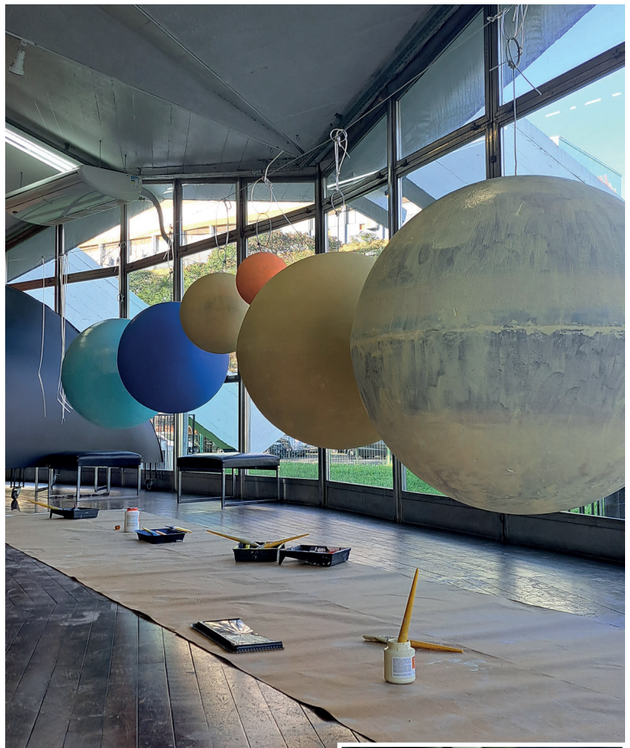
# Ciência, cultura e arte no planetário da UFRGS 2021-2024

Rafael Merib, Henrique Brugnera, Brenda Klein, Cassiana do Lago Assumpção Vieira, Jennifer Castro Oliveira, Luciana Paiva Conceição, Vanise Baptista, Alejandra Romero
Planetário Professor José Baptista Pereira - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
e-mail: aleromero82@gmail.com

Recepção de escola dentro das ações dos projetos educacionais Fonte: Projeto PlanetZen2023

A educação não formal é o principal meio de ação de extensão do Planetário Prof. José Baptista Pereira, oferecendo um entrelaçamento indissociável com as áreas de ensino e de pesquisa em um ambiente didático-cultural localizado em um espaço privilegiado dentro do Campus Saúde da UFRGS. Em 2020, um movimento de remodelação de suas atividades foi iniciado, no intuito de oferecer maior interação com seu público. Primeiramente com a adaptação ao isolamento trazido pela pandemia, preparando novos e diferenciados produtos educativos e sessões digitais com temas sobre Astronomia para crianças, jovens

e adultos, produtos estes com finalidade de serem utilizados por escolas e público em geral de forma gratuita.  As comemorações dos 50 anos do Planetário possibilitaram o resgate da história, trazendo personagens importantes para contar a trajetória do ensino da Astronomia. Um levantamento histórico de pesquisa foi preparado pela equipe e pelos bolsistas e deste, a Exposição Vivências de 2022 trouxe fatos e fotos que marcaram os diversos períodos. Em 2023, com uma análise consciente e profunda sobre o futuro da projeção de filmes e de como ofertar temas que destacam a ciência, a cultura, a vida e a arte, todos envolvidos nos projetos e ações, juntamente com a parceria constante da Pró-reitoria de Extensão, realizaram a ousada troca de equipamentos, entrando assim no mundo digital. Com isso, iniciou-se uma apropriação de novos meios e modos de fazer práticas pedagógicas focadas na transversalidade de temas. Realizou-se a partir da universidade, a promoção da inclusão digital e social com um maior engajamento de seus públicos, dando assim visibilidade às sugestões recebidas de diversos segmentos. O foco na difusão da ciência foi ampliado ainda mais, abordando curiosidades sobre temas que se inter-relacionassem com o cosmos, possibilitando um despertar que refletisse a importância das pesquisas científicas em conexão com diversas áreas do conhecimento. Em um momento inicial, devido à necessidade de troca de equipamentos, com pausa obrigatória das sessões de projeção na cúpula, os projetos educacionais foram ofertados de forma estendida a todos os visitantes, como escolas, ongs e grupos em vulnerabilidade social, passando a receber maior público ao longo da semana. Com isso, foi importante rever o formato de cada projeto. Houve a ampliação do tempo de apresentação e interação, o que possibilitou aos bolsistas envolvidos intensificarem as possibilidades criativas na montagem de ações e  maior foco nos estudos sobre os temas aplicados. Este momento foi de grande riqueza, pois abriu janelas para outros conhecimentos, com uma interação e dinamismo ímpar entre todos os participantes



Planetas sendo pintados para serem utilizados nas atividades pedagógicas
Fonte: Planetário2023



da equipe de servidores e bolsistas. Foi observado um conforto e segurança na recepção do público, na troca de saberes e no feedback positivo. O ponto convergente esteve o tempo todo em aguçar, nos visitantes, o desejo de buscar uma emancipação nas formas de pensar e agir frente ao mundo que os cerca. Assim aconteceu e segue acontecendo no Planetário uma gama de rotinas. O projeto Conversas Astronômicas, caracteriza-se por uma interlocução com o público jovem fortalecendo o interesse pelos cursos de Física e Astrofísica em um diálogo aberto recheado de curiosidades sobre o cosmos;  A Hora da Astronomia traz histórias para crianças pequenas com elementos lúdicos como os dinossauros, Maria e Antônio falando sobre a origem do sistema solar, apresentado com conceitos simples com muito encantamento; Histórias da Terra mostra conceitos sobre placas tectônicas, grandes extinções atuais e a importância da preservação da vida em nosso planeta; O Ciência Fácil leva os participantes a perceber o que utilizam cotidianamente  e que foi construído inicialmente para as grandes viagens espaciais, causando espanto e reflexão sobre inovação e tecnologia; O PlanetZen apresenta uma abordagem que intersecciona temas de todos os projetos, ofertando yoga e meditação para públicos diversos com foco no bem-estar; A programação da cúpula do Planetário, agora com o equipamento digital, oferece uma imersão em fulldome, simulando o céu em seu domo. Uma miríade de corpos celestes  é vista em um céu limpo, sem a presença de nuvens, tornando-se um convite a desbravar o universo. Em 2023, até o mês de outubro, contabilizou-se 23 atendimentos a escolas e 49 vivências, num total de 1674 visitantes. As divulgações diárias nas redes sociais já superaram 22 mil seguidores, alcançando mais de 14 mil pessoas mensalmente. Ofertando ciência, cultura, arte e movimento acontece a mágica linguagem universal do Planetário que abarca seis bolsas voltadas aos projetos e apresentações educativas, uma bolsa de divulgação, duas bolsas voluntárias de comunicação e relações públicas. No período da preparação do resgate histórico, duas bolsas temporárias relacionadas a esta ação estiveram vigentes, dando espaço à pesquisa histórica. Também são recebidos alunos para estágios em disciplinas de vários cursos da UFRGS que se relacionam com os objetivos do Planetário, bem como acontece a interlocução com projetos da universidade e fora dela, onde estão alunos de graduação, pós-graduação e docentes da educação básica que transitam pelos e nos projetos desenvolvidos. Esse é um lugar que apresenta uma educação orgânica, rica em transversalidade, onde atuar em conjunto é a premissa maior, fazer troca de conhecimento com os visitantes e entender as diversas realidades que chegam é parte do processo de aprendizagem de cada elemento que esteja nos grupos de trabalho. Acredita-se que, com isso, o Planetário contribui na formação não só dos bolsistas, mas também das centenas de visitantes presenciais e seguidores das redes sociais. O que se quer em um contexto maior é contribuir para a formação de pessoas responsáveis pela preservação de nosso planeta e de tudo que existe no universo. ◂

Equipe na espera de escola no dia de Halloween
Fonte: Planetário 2023

# Grupo de mães, pais e bebês da unidade de saúde Santa Cecília: educação em saúde durante os primeiros dois anos de vida

Geane Menezes Miranda, Raquel Wainstein, Clarissa Karasek, Michele Drehmer
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
e-mail: midrehmer@hcpa.edu.br

Os primeiros mil dias de vida (período que vai do início da gestação até os dois anos de idade) são fundamentais para o crescimento e o desenvolvimento da criança, pois impactam no seu curso de vida. O capital humano requer uma base de saúde, conhecimento, competências e aprendizagem adquirida desde a pré-concepção até aos 20 anos de idade; assim, o crescimento e o desenvolvimento saudáveis desde a concepção até o segundo aniversário são cruciais (Black RE 2022, Kar A 2022, Clark, 2020). Segundo o Ministério da Saúde (Brasil, 2013), a atenção puerperal de qualidade e humanizada é indispensável para melhores desfechos maternos e infantis, ou seja, quanto mais assistidas estão as famílias, maior a probabilidade de um impacto positivo no desenvolvimento da criança. Com isso, oportunizar espaços de vivências entre mães, bebês e seus familiares para que haja ambiente saudável e acolhedor com uma escuta qualificada por parte dos profissionais de saúde e, assim, traçar intervenções oportunas é importante. O projeto do grupo de mães, pais e bebês é uma atividade de educação em saúde para famílias que possuem crianças até dois anos de vida. Tem como objetivo aproximar as equipes de saúde da família com a mãe e bebê, numa perspectiva multiprofissional de acolhimento coletivo. Participam do grupo professores do curso de nutrição, medicina, psicologia, bem como nutricionistas, enfermeiros, médicos, educadores físicos, psicólogos, musicistas, residentes (de enfermagem, nutrição e medicina), estudantes de pós-graduação e acadêmicos dos cursos da área da saúde, da música e das artes. Esses discentes são responsáveis pela condução de oficinas presenciais e rodas de conversa nos espaços da Unidade Básica de Saúde (UBS) - Santa Cecília - e da Faculdade de Medicina da UFRGS de forma quinzenal. Nos encontros são trabalhados temas relacionados com a maternidade e com a paternidade, crescimento, desenvolvimento infantil, amamentação, introdução à alimentação complementar saudável, nutrição materna, atividade física, vacinas, prevenção de acidentes, primeiros socorros, desfralde, educação com apego, musicalização para bebês, entre outros assuntos, incluindo aqueles que são trazidos pelas próprias famílias participantes. A busca das participantes acontece através de convites individuais para usuárias da UBS que tenham bebês de até dois anos e através das redes sociais. As reuniões de equipe da UBS também são espaços onde o grupo é divulgado. Muitas participantes que integram o grupo, já haviam participado do grupo de gestantes durante sua assistência pré natal.  Os encontros com seus respectivos temas, informações e link do formulário de inscrição do grupo são disponibilizados através das redes sociais, bem como por folder informativo sobre o grupo disponibilizado em consultas na UBS. Materiais educativos são disponibilizados para sensibilizar sobre os diferentes temas relacionados à maternidade. Em março de 2023, foram lançados os encontros presenciais do grupo para oportunizar o compartilhamento de experiências entre famílias e profissionais da saúde. No decorrer do ano, os encontros envolveram as temáticas "Vivendo a Maternidade e a Paternidade" (foto 1), "Primeiros Socorros de Bebês", “Musicalização para bebês”, “Oficina de introdução alimentar complementar saudável”, “Atividade física no pós-parto”, “Musicoterapia para bebês” (foto 2), “Seletividade alimentar”, “Educando com apego”, “Disciplina Positiva”, entre outros. A oficina de introdução da alimentação complementar saudável (foto 3) ocorreu no laboratório de técnica dietética da faculdade de medicina da UFRGS, em parceria com o grupo de gestantes da UBS, com o objetivo de que mães, pais e familiares pudessem aprender na prática a montar pratos com alimentos saudáveis e nas quantidades e consistências adequadas para bebês dos 6 meses aos 2 anos de idade.

Foto 1: Encontro: “Vivendo a maternidade e à paternidade”

Foto 2: Encontro: “Musicoterapia para bebês”

Foto 3: Encontro: "Oficina de introdução da alimentação complementar saudável"

O desafio do grupo é ampliar o número de famílias participantes, incluindo colaboradores do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) e da UFRGS (que estão retornando de licença maternidade), alunos, técnicos-administrativos e professores.

A tomada de decisões, o planejamento e a interação contínua com as famílias participantes proporcionaram um aprendizado prático que vai além da teoria para os estudantes. Essa abordagem não apenas enriquece o conhecimento técnico, mas também desenvolve habilidades essenciais, como empatia, trabalho em equipe e comunicação, que são fundamentais para futura atuação profissional. Essa participação ativa dos alunos na execução das atividades cria uma ponte essencial entre o conhecimento acadêmico e as necessidades reais da sociedade. Portanto, a interação contínua promove uma compreensão mais abrangente das dinâmicas sociais e de saúde que impactam diretamente a comunidade atendida. Por fim, há uma enorme potência nesse espaço para diferentes ações de educação em

saúde, favorecendo uma boa experiência de vida nesse momento tão crucial. ◄


## Referências

Black RE, Liu L, Hartwig FP, Villavicencio F, Rodriguez-Martinez A, Vidaletti LP *et al*. **Health and development from preconception to 20 years of age and human capital**. Lancet. 2022 Apr 30;399(10336):1730-1740.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Atenção ao pré-natal de baixo risco** [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – 1. ed. rev. – Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2013. 318 p.: il. – (Cadernos de Atenção Básica, n° 32).

Clark H, Coll-Seck AM, Banerjee A, *et al*. **A future for the world's children?** A WHO-UNICEF-Lancet Commission. Lancet. 2020;395:605–658.

Kar A, Chutke A, Gokhale C, Phadnis S, Radhakrishnan B. **Healthy future for children and adolescents**. Lancet. 2022 Oct 1;400(10358):1099. doi: 10.1016/S0140-6736(22)01599-9.


# Núcleo de Extensão e Pesquisas Antirracistas e Anticapacitistas - NEPARC


Ana Paula Ramos de Souza, Ângela Cristina Bastos Lummertz, Anilton Junior de Lara Nunes, Beatriz Lima Costa, Eliane Margarete da Silva Abreu, Fernanda Nogueira, Gabrielle do Nascimento Rasquinha, Giano dos Reis Rezende, Guilherme Rosa Pumes, Joana Carolina Klauck Magedanz, Luana Lopes da Silva , Raquel da Silva Silveira, Sara Noemi da Silva Oliveira , Silvana de Jesus Purificação, Vitória Cristina Perin Klaus
Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana (IPSSCH) - UFRGS
e-mail: raquelsilveira43@gmail.com


O NEPARC é um programa de extensão que atua em dois eixos temáticos - racismo e capacitismo -, através de três projetos: Afroconto e Outros Contos, Coletivo de Extensão e Pesquisas Anticapacitistas/ CEPAC e Saúde da População Negra. O programa é desenvolvido pelo Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana (IPSSCH) da UFRGS, atuando de forma interdisciplinar, com coordenação conjunta de docentes dos cursos de Psicologia e de Fonoaudiologia, juntamente com uma servidora técnica pedagoga do IPSSCH.

O NEPARC objetiva contribuir para uma formação e atuação acadêmica comprometida com as lutas antirracistas e anticapacitistas, através de trocas entre a comunidade acadêmica e as políticas públicas. Figura 1. A articulação entre racismo e capacitismo é fruto da inclusão de pessoas com deficiência na política de cotas, pois inicialmente o foco do programa era o enfrentamento ao racismo na saúde mental. Com a chegada de estudantes com deficiência no programa, passamos a estudar e a atuar na luta anticapacitista.

O referencial teórico-metodológico se baseia na(o): Educação Popular (Deus, 2020), Estudos das Relações Raciais, Interseccionalidade, Modelo Social da Deficiência (MARCO, 2020). Os métodos utilizados são: rodas de conversas com a comunidade (interna e externa), no formato presencial e virtual; diários de campos e cartas pedagógicas para registro das aprendizagens e produção de conhecimento; oficinas com arte (palhaçaria e contação de histórias) para promoção da saúde; utilização das redes sociais e do site do programa (https://www.ufrgs.br/neparc/) para ampliação do alcance do público atendido.

Propomos atividades que tematizam o racismo e o capacitismo através de recursos artísticos como a contação de histórias com personagens e conteúdos negros(as), africanos(as), indígenas e de pessoas com deficiências. Também utilizamos a palhaçaria como dispositivo para acessar a humanidade que muitas vezes é violentada pelas populações periféricas que atendemos. Atualmente, atuamos quinzenalmente em quatro escolas públicas, incluindo a EJA, uma creche comunitária e um grupo de idosos(as) que tiveram AVC e ficaram com afasia. Figura 2.

Os resultados coletados junto ao público atendido tem sido de grande reconhecimento e valorização das atividades desenvolvidas, sempre surgindo demandas novas e encaminhamentos para outras escolas. Desta forma, também realizamos palestras e formações eventuais. Em todas as escolas atendidas temos uma parceria de trocas importantes com a equipe docente e diretiva. Para os(as) estudantes, docentes e servidoras envolvidas, o trabalho do NEPARC tem sido fundamental para um posicionamento crítico e comprometido com as transformações sociais e raciais tão necessárias na nossa sociedade. Mesmo com tantas adversidades e ataques aos serviços públicos que temos vivido nos últimos anos, a UFRGS tem apostado na extensão. A política pública de bolsas e de fomento da Pró-Reitoria de Extensão garante a permanência de estudantes, além de possibilitar a produção de materiais gráficos. O NEPARC já publicou dois livros: A Psicologia e as Relações Raciais – um percurso em construção (2021) -, e Relicário de Memórias: por uma velhice brincante (2022), ambos disponíveis em pdf no nosso site.

O terceiro livro está no prelo, intitulado Cirandando Afroconto: Educação para as Relações Étnico Raciais na Escola Estadual Silva Paes/RS. Todos os livros visibilizam a produção de conhecimento construída no encontro proporcionado pela extensão universitária entre a universidade, as escolas públicas e o grupo de idosos(as). Os textos foram escritos por estudantes, docentes e participantes das atividades desenvolvidas, materializando o que Paulo Freire nos ensinou sobre a importância da universidade reconhecer e aprender com os saberes comunitários, com a vida das pessoas com quem atuamos. Importante frisar a potência da política de cotas na extensão, pois agora a universidade é sacudida pela força da população oprimida que está ocupando o lugar de estudante. As pessoas negras, pobres, deficientes, indígenas, LGBTQIA+ não estão lá fora, lá nas comunidades. Graças às lutas desses movimentos sociais, a universidade começa a se democratizar, a se enegrecer e a se popularizar. Desta forma, a extensão também mudou. Dentro e fora, universidade e comunidade se misturam, se conflitam e produzem novos conhecimentos, pelo menos no curso de Psicologia podemos afirmar esses avanços. Sempre tensos. Assim, reconhecemos que os conhecimentos trazidos por esse novo público que compõe os bancos universitários, tanto na graduação como pós-graduação, e mais timidamente no corpo docente da UFRGS, tem enriquecido as nossas práticas e teorias. As ações de contação de histórias e de palhaçaria desenvolvidas pelas(os) nossas(os) bolsistas promovem ações que encantam outros(as) estudantes e fomentam a atuação voluntária de mestrandas e doutorandas. Figura 3. Infelizmente,

Figura 1: Estande do NEPARC na Mostra Interativa do Salão de Extensão de 2023. Centro Cultural da UFRGS

Figura 2: Leitura coletiva do livro Relicário de Memórias - por uma velhice brincante, com o grupo de idosos. Casa de Cultura Mário Quintana. Dezembro de 2022

o racismo e o capacitismo continuam operando fortemente nas nossas instituições, nas nossas subjetividades, nas nossas formas de aprendizagem. Por isso, as universidades públicas, majoritariamente brancas, eurocentradas e "capazes" precisam ampliar suas práticas para o enfrentamento institucional do racismo e do capacitismo. Acreditamos que essa focalização produzirá efeitos interseccionais, pois as iniquidades de gênero e classe social também serão visibilizadas. Em 2023, recebemos estudantes que precisaram realizar atividades de curricularização da extensão, o que tem se mostrado fundamental para a ampliação das trocas de saberes com a sociedade. ◄

Figura 3: Contação de histórias do projeto Afroconto no Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo em Porto Alegre, 2023

## Referências


DI MARCO, Victor. **Capacitismo: O Mito Da Capacidade.** Belo Horizonte. Letramento, 2020. DEUS, Sandra de. **Extensão universitária : trajetórias e desafios.** Santa Maria, RS: Ed. PRE-UFSM, 2020.


# Agricultura urbana e periurbana: promovendo inclusão, diversidade, renda e alimentação saudável


Rejane Margarete Schaefer Kalsing, Ricardo de Sampaio Dagnino, Meri Clei Bandeira Marques
Campus Litoral Norte (UFRGS)
e-mail: rejane.kalsing@ufrgs.br


O projeto de extensão Agricultura Urbana e Periurbana: alimentação, educação e saúde iniciou com um diálogo entre UFRGS/CLN e Secretaria do Meio Ambiente de Tramandaí, em dezembro/2018. Em janeiro/2019, esse diálogo se estendeu a outras secretarias municipais de Tramandaí, a outros órgãos públicos, ONGs, EMATER, ASCAR/RS, Greenpeace e outras entidades da região do litoral e comunidade em geral, com o intuito de construir coletivamente um projeto de extensão voltado à agricultura urbana e periurbana (Kalsing; Dagnino, 2023). Com um grande número de reuniões realizadas, definiu-se que o foco do projeto seria inicialmente a comunidade de Tramandaí, em especial, as pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Desse projeto inicial resultaram diversas propostas como cursos, seminários, colóquios, além de mapeamento e diagnóstico das hortas urbanas e periurbanas no município de Tramandaí, experiências essas que foram apresentadas em trabalhos anteriores (Kalsing *et al.*, 2019a, 2019b; Amaral *et al.*, 2019; Luiz *et al.*, 2019). Assim, iniciamos o projeto em 2019 com o mapeamento e o diagnóstico das hortas urbanas e periurbanas no município de Tramandaí e, após, realizamos o curso "Hortas Urbanas e Agricultura Urbana e Periurbana", de 60 horas, em módulos: 1. Agroecologia, 2. Saúde e Segurança Alimentar e Nutricional, 3. Planejamento e Gestão Comunitária de Hortas, 4. Educação e Sensibilização Ambiental e 5. Economia Solidária e Associativismo; ao final realizamos uma formatura (imagem 1). Foram ofertadas 50 vagas para o curso, que contou com 100 inscrições, portanto, o dobro em relação às vagas disponibilizadas. Já em 2020 e em 2021, com a pandemia de Covid-19, o projeto promoveu atividades virtuais, como cursos, seminários teórico-práticos, sobre temáticas envolvendo agroecologia, soberania e segurança alimentar e nutricional e outros assuntos relativos à agricultura urbana e periurbana, entre outras atividades. Tivemos 190 inscritos em 2020 e, em 2021, 255. Deve-se destacar que, em 2020, tivemos um curso com 2 mil inscrições, as quais não conseguimos cadastrar no sistema de extensão da UFRGS, haja vista dificuldades decorrentes do contexto da pandemia, com todas as atividades sendo realizadas remotamente, o que dificultou o referido cadastro. Porém, os registros desses eventos se encontram gravados no canal do Grupo de pesquisa e estudos e extensão em Geografia, Educação e Ambiente (SINERGEA) da UFRGS Litoral, no Youtube (https://www.youtube.com/c/sinergeaUFRGS?app=desktop). Já em 2022, com o retorno das atividades presenciais na UFRGS, retomamos os cursos no formato presencial. A parceria com a Prefeitura de Tramandaí foi reativada e realizamos um curso para a comunidade de Tramandaí, novamente com o foco nas pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica, em espaço disponibilizado pela Prefeitura e contou com 77 inscritos; ao final do curso também realizamos uma formatura (imagem 2). A continuação do curso se deu com a realização de oficinas de compostagem, canteiros, produção de mudas, gastronomia com plantas alimentícias não convencionais (PANC), aproveitamento integral de alimentos, alimentação funcional (kombucha), por exemplo, desta vez, na UFRGS/CLN, as quais tiveram 86 inscritos. Além disso, iniciamos uma parceria com o Núcleo de Educação de Jovens e Adultos (NEEJA) Novos Ventos, da Penitenciária Modular Estadual de Osório (PMEO), e promovemos o curso e também as referidas oficinas a pessoas privadas de liberdade (PPL) do regime fechado. As temáticas abordadas em ambos os cursos foram as mesmas da edição do curso de 2019, ou seja, agroecologia, saúde e segurança alimentar e nutricional, planejamento e gestão comunitária de hortas, educação e sensibilização ambiental e economia solidária e associativismo. A parceria do projeto com o NEEJA Novos Ventos contou com a participação de 32 pessoas, entre PPLs e funcionários da PMEO, nos cursos e oficinas, além das atividades de acompanhamento na implantação da horta (a que se refere a imagem 3) e da composteira naquele local. Em 2023, o projeto continuou a parceria com o (NEEJA) Novos Ventos da PMEO, dessa vez, porém, promovendo cursos e oficinas para os PPLs em regime semiaberto. Nesta etapa, conta-se com 14 PPLs inscritos. As referidas atividades de extensão, seja para pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica, seja para as pessoas privadas de liberdade, têm produzido diversos frutos – aproveitando a analogia com a temática do projeto, ou seja, a agricultura, pois tem proporcionado novas visões a respeito da relação com a terra, com as plantas, com os animais, com a alimentação, entre tantas outras coisas, conforme atesta um trecho de recente matéria do Jornal da Universidade/UFRGS: "'Me fez ver vida onde não via. Para mim, era só mais uma capina. Depois do curso, cuidava até para não machucar as minhocas. É gratificante plantar e ver crescer. Numa caixinha de leite, criei um alimento saudável.
É incrível', relata o trabalhador autônomo João Carlos Garcia dos Santos, 51 anos, aluno da turma de 2022 do curso e agricultor urbano em Tramandaí" (https://www.ufrgs.br/jornal/hortas-comunitarias-revelam-beneficios-multifuncionais-em-porto-alegre/). Já em relação aos PPLs, esses têm sua pena diminuída com a participação nas atividades do projeto, além disso, tem a oportunidade de conviver com ministrantes dos cursos e oficinas que possuem grande expertise nos assuntos e também com professores doutores da UFRGS. Além disso, quando estiverem novamente em liberdade terão um certificado de um curso que poderá lhes gerar trabalho e renda - já que curso e oficina tem caráter teórico e prático, como já mencionado, além de já estarem implementando mudanças saudáveis na alimentação na Penitenciária (a maioria dos PPL que cursam ou cursaram as atividades são denominados de 'trabalhadores'), em função das oficinas realizadas. ◄

## Estudante, publique seu artigo!

# Revista da Extensão

### A chamada de artigos é aberta, com fluxo contínuo

Colega estudante,
divulgue o seu protagonismo estudantil nas ações extensionistas de interação e integração entre a universidade e a sociedade.
Converse com o coordenador da sua atividade de extensão.

Envie seu artigo para a Revista da Extensão, gostaríamos de publicá-lo !

Consulte as normas para submissão de artigos

Revista da Extensão

# Submissão de artigos

A Revista da Extensão é uma publicação da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que tem como propósito veicular e difundir atividades de extensão, não apenas desta universidade mas também de outras instituições do Brasil e do exterior. Ao constituir-se como espaço de trocas, contribui para o fortalecimento e a valorização dos diferentes saberes, ampliando o diálogo sobre a extensão universitária e enfatizando o seu papel fundamental na formação discente e docente. Acompanhando a tendência das principais publicações brasileiras sobre extensão universitária, a Revista da Extensão da UFRGS é publicada em versão impressa e eletrônica, de livre acesso ao seu conteúdo, seguindo o princípio de democratização do conhecimento.

A seleção dos artigos para publicação tem como parâmetro a sua contribuição à extensão universitária, segundo as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira (Resolução 07/2018 da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação do MEC), observando o processo educativo, cultural e científico que articula, amplia, desenvolve e realimenta o ensino e a pesquisa, propiciando a interdisciplinaridade e viabilizando a relação transformadora entre Universidade e sociedade. Este contato, que visa ao desenvolvimento mútuo e estabelece a troca de saberes, tem como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com as realidades nacional e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva de comunidades na atuação da Universidade. Constituem pontos fundamentais do artigo também a originalidade do tema ou o tratamento dado ao assunto, a consistência teórica e a qualidade do texto.

## Normas para Submissão de Artigo

A Revista da Extensão aceita para publicação artigos que apresentem textos inéditos frutos de atividades ou reflexões relativas à extensão universitária, caracterizando-se como contribuição ao conhecimento sobre o tema.

Há dois formatos de artigo segundo seu tamanho: (1) artigo completo (corpo do texto com 15.000 a 25.000 caracteres) e (2) artigo curto - resumo estendido (corpo do texto com 2.500 a 5.000 caracteres). Os artigos devem contemplar aspectos formais que indiquem introdução, fundamentação teórico-metodológica, resultados, considerações finais e referências bibliográficas (artigo completo - máximo 8, e resumo estendido - máximo 3).

### Formato do manuscrito (para ambos, artigo completo e resumo estendido):

1. Manuscrito: deve ser submetido em formato PDF.

2. Autores: todos os autores e suas filiações devem ser cuidadosamente inseridos no momento da submissão pois são informações utilizadas automaticamente pelo sistema de publicação eletrônica.

3. Figuras, tabelas e quadros serão tratados como imagem, devendo estar legendadas, com fonte/créditos do autor, e indicadas no corpo do texto.

4. Os artigos aceitos serão, posteriormente, solicitados em formato de texto editável (.doc, .docx, .rtd, .txt,...). Imagens (fotos, figuras, tabelas, quadros, ...) deverão ser enviadas em formato JPG com resolução mínima de 300 DPI, e intituladas de forma a facilitar a sua identificação (ex., Figura 1, Tabela 2, ...).

### Complemento do formato do manuscrito (artigo completo):

1. Resumo: deve conter entre 750 e 1.050 caracteres em Português, e estar também em uma das línguas estrangeiras Espanhol ou Inglês.

2. Corpo do texto: deve conter entre 15.000 e 25.000 caracteres, em Português.

3. Imagens: o artigo deve conter de 3 a 5 imagens.

### Complemento do formato do manuscrito (artigo curto - resumo estendido):

1. Resumo: não há.

2. Corpo do texto: deve conter entre 2.500 e 5.000 caracteres, em Português.

3. Imagens: o artigo deve conter de 1 a 3 imagens.

### Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

**Acesse a versão digital da Revista da Extensão em www.revistadaextensao.ufrgs.br**
**Acesso também disponível no portal de periódicos SEER UFRGS**

UFRGS
PROREXT
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**Reitor**
Carlos André Bulhões Mendes

**Vice-Reitora**
Patrícia Helena Lucas Pranke

**Pró-Reitora de Extensão**
Adelina Mezzari

**Vice-Pró-Reitor de Extensão**
Eduardo Cardoso

**Revista da Extensão n. 27**
Porto Alegre, dezembro de 2023
Publicação da Pró-Reitoria de Extensão da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Editor**
Renato Perez Ribas

**Editor Adjunto**
Vicente Fernandes Dutra Fonseca

**Projeto gráfico e diagramação**
Paulo Baldo

**Revisão**
Brennda Gonçalves Moura
Rubens Bayard de Mello Silveiro

**Conselho Editorial Revista da Extensão**

Eduardo Cardoso (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Fernando Arthur de Freitas Neves (Universidade Federal do Pará)
Geraldo Ceni Coelho (Universidade Federal da Fronteira Sul)
Gustavo Menéndez (Universidad Nacional del Litoral - Argentina)
João Cesar Netto (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
José Antônio dos Santos (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Luciane Noal Calil (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Monica Bussetti (Universidad Nacional de San Luís - Argentina)
Paulo Henrique Caetano (Universidade Federal de São João Del Rey)
Polliane Trevisan Nunes (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

# Revista da Extensão

UFRGS
PROREXT
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

**A Extensão vista de perto**
Publicação da Pró-Reitoria de Extensão da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Av. Paulo Gama, 110, 5° andar. Bairro Farroupilha
CEP 90040-060 - Porto Alegre / RS
(51) 3308 3379

www.prorext.ufrgs.br
www.revistadaextensao.ufrgs.br
revistadaextensao@prorext. ufrgs.br